

Fábulas de La Fontaine

Traduzidas ou adaptadas
por poetas portugueses e brasileiros do século XIX

Edição de Teófilo Braga

ÍNDICE

PROCESSO ARTÍSTICO DE LA FONTAINE
AO DELFIM DE FRANÇA
PREFÁCIO DE LA FONTAINE

LIVRO PRIMEIRO

- 1 – A cigarra e a formiga
- 2 – O lobo e o cão
- 3 – O velho e a Morte
- 4 – O galo e a pérola
- 5 – O burro vestido com a pele do leão
- 6 – Ossos do ofício
- 7 – O rato anacoreta
- 8 – O leão e outros animais
- 9 – A raposa e as uvas
- 10 – O bêbedo e sua mulher
- 11 – O leão que vai à guerra
- 12 – O leão e o mosquito
- 13 – O lobo e o grou
- 14 – Os animais enfermos da peste
- 15 – O leão velho
- 16 – O rato caseiro e o rústico
- 17 – Q burro e os donos
- 18 – Os dois pombos
- 19 – O lobo e o cordeiro
- 20 – O homem e a sua imagem

LIVRO SEGUNDO

- 1 – O homem e o bosque
- 2 – A Morte e o desgraçado
- 3 – O corvo e a raposa
- 4 – A andorinha e os passarinhos
- 5 – O homem de meia idade
- 6 – O gato e o macaco
- 7 – A raposa e a cegonha

- 8 – O veado enfermo
- 9 – O leão vencido pelo homem
- 10 – A panela de ferro e a panela de barro
- 11 – Os lobos e as ovelhas
- 12 – O galo e a raposa
- 13 – A ingratidão e a injustiça dos homens acerca da Fortuna
- 14 – As rãs pedindo rei
- 15 – Os médicos
- 16 – O filósofo cita
- 17 – O camelo
- 18 – O avarento que perdeu o tesouro
- 19 – O leão e o jumento à caça
- 20 – A lebre e as rãs

LIVRO TERCEIRO

- 1 – Os mateiros e Mercúrio
- 2 – Os tavões e as abelhas
- 3 – O leão doente
- 4 – Os dois dragões
- 5 – A cerva e a vide
- 6 – O mono e o leopardo
- 7 – O leão e o caçador
- 8 – O rato e o elefante
- 9 – A raposa derrabada
- 10 – Os ladrões e o astro
- 11 – O Sol e o Vento
- 12 – Os dois touros e a rã
- 13 – A ostra e os pleiteantes
- 14 – A leoa e a ursa
- 15 – As orelhas da lebre
- 16 – A águia e o mocho
- 17 – O lavrador e seus filhos
- 18 – O gato e o rato velho
- 19 – O Sol e as rãs
- 20 – O carvalho e a cana

LIVRO QUARTO

- 1 – O conselho dos ratos
- 2 – O menino e o mestre-escola
- 3 – A Fortuna e o rapaz
- 4 – O passarinho, o açor e a cotovia
- 5 – O pastor e o mar
- 6 – O marido, a mulher e o ladrão
- 7 – O velho, o rapaz e o burro
- 8 – O mono
- 9 – O mergulhão, a silva e o morcego
- 10 – A torrente e o rio
- 11 – O cisne e o cozinheiro

- 12 – O porco, a cabra e o carneiro
- 13 – A cotovia e os filhos
- 14 – O milhano e o rouxinol
- 15 – Os dois galos
- 16 – O estatuário e a estátua de Júpiter
- 17 – O doido que vende siso
- 18 – O elefante e o macaco de Júpiter
- 19 – O homem e a cobra
- 20 – peixes e o pastor que toca flauta

LIVRO QUINTO

- 1 – A vista de quem é dono
- 2 – O financeiro e o remendão
- 3 – A mosca e a formiga
- 4 – A raposa e o busto
- 5 – Os dois ratos, o raposo e o ovo
- 6 – O tesouro e os dois homens
- 7 – O carreteiro atolado
- 8 – O rei, o milhafre e o caçador
- 9 – Os dois amigos e o urso
- 10 – O lobo e os pastores
- 11 – O Baxá e o mercador
- 12 – O urso e o amador de jardins
- 13 – O leão e o pastor
- 14 – A viuvinha
- 15 – A raposa, o lobo e o cavalo
- 16 – Os ratos e a coruja
- 17 – Júpiter e o passageiro
- 18 – A Gota e a Aranha
- 19 – O leão e o rato
- 20 – O burro e o cão

LIVRO SEXTO

- 1 – O burro e o cão fraldiqueiro
- 2 – A liga dos ratos
- 3 – O velho e os três mancebos
- 4 – O avarento e o compadre
- 5 – O veado e os cães
- 6 – O depositário infiel
- 7 – O macaco e o golfinho
- 8 – As mulheres que deitam cartas
- 9 – Júpiter e o fazendeiro
- 10 – A raposa, as moscas e o ouriço
- 11 – A galinha que punha ovos de ouro
- 12 – O faceto e os peixes
- 13 – O gato e a raposa
- 14 – O pastor e o rebanho
- 15 – A carangueja e a filha

- 16 – Os companheiros de Ulisses
- 17 – O pavão queixando-se a Juno
- 18 – O círio
- 19 – A perdiz e os galos
- 20 – O cão que leva o jantar ao dono

LIVRO SÉTIMO

- 1 – O raposo e os perunzetas
- 2 – O cão desorelhado
- 3 – Simónides protegido pelos deuses
- 4 – A andorinha e a Filomela
- 5 – O ratinho e a mãe
- 6 – Dáfnis e Alcimadura
- 7 – A rã e o rato
- 8 – O pescador e o peixinho
- 9 – As rãs e o Sol
- 10 – A gata metamorfoseada em mulher
- 11 – A dama desdenhosa
- 12 – O horóscopo
- 13 – O homem e a serpente
- 14 – A tartaruga e os dois patos
- 15 – As duas cabras
- 16 – O lobo e o cão magro
- 17 – O burro e o cavalo
- 18 – Os dois cães e o burro morto
- 19 – O macho e o burrinho
- 20 – A corte do leão

LIVRO OITAVO

- 1 – O leão namorado
- 2 – Os dois homens e a Fortuna
- 3 – A águia, a porca e a gata
- 4 – O camponês do Danúbio
- 5 – Aviso de Sócrates
- 6 – O gato e os dois pardais
- 7 – Os coelhos
- 8 – A garça
- 9 – O homem e o ídolo de pau
- 10 – A velha e as duas criadas
- 11 – O oráculo de Apolo e o ímpio
- 12 – O galo e o falcão
- 13 – O Amor e a Loucura
- 14 – O escolar, o pedante e o dono da quinta
- 15 – O velho e o burro
- 16 – Tirso e Amaranta
- 17 – O cavalo e o lobo
- 18 – Os membros e o estômago
- 19 – A Morte e o moribundo

20 – O leão

LIVRO NONO

- 1 – O leão, o lobo e a raposa
- 2 – O gato velho e a rata novinha
- 3 – O lobo, a mulher e o filho
- 4 – A rata transmutada em rapariga
- 5 – Um animal na Lua
- 6 – As exéquias da leoa
- 7 – A raposa e o bode
- 8 – Os milhanos e os pombos
- 9 – A gralha entre os pavões
- 10 – O juiz árbitro, o hospitaleiro e o solitário
- 11 – Os dois amigos
- 12 – O raposo inglês
- 13 – A águia e o escaravelho
- 14 – O carrão e a mosca
- 15 – A Discórdia
- 16 – A educação
- 17 – Os dois aventureiros e o talismã
- 18 – O charlatão
- 19 – O macaco e a raposa
- 20 – O rato e a ostra

LIVRO DÉCIMO

- 1 – A ave ferida de uma flecha
- 2 – O lobo e o caçador
- 3 – Demócrito e os de Abdera
- 4 – Testamento que Esopo explica
- 5 – O cabrito e o lobo
- 6 – Vantagem do saber
- 7 – A mulher teimosa afogada
- 8 – A aranha e a andorinha
- 9 – A cabeça e a cauda da serpente
- 10 – A águia e a pega
- 11 – O homem e o sátiro
- 12 – Os desejos
- 13 – Os dois burros carregados
- 14 – Júpiter e os trovões
- 15 – A lande e a abóbora
- 16 – O lobo feito pastor
- 17 – O morcego e as duas doninhas
- 18 – Prudência entre cães e gatos, e entre gatos e ratos
- 19 – A doninha na despensa
- 20 – As mulheres e o segredo

LIVRO UNDÉCIMO

- 1 – O poder das fábulas
- 2 – A leiteira e a bilha de leite
- 3 – O cavalo e o cervo
- 4 – O lobo e a raposa
- 5 – A pomba e a formiga
- 6 – Tributo dos animais a Alexandre Magno
- 7 – O pastor e el-rei
- 8 – As duas cadelas
- 9 – O mal casado
- 10 – A montanha e o rato
- 11 – O jumento que levava relíquias
- 12 – O mercador, o príncipe, o fidalgo e o pastor
- 13 – O corvo, a gazela, a tartaruga e o rato
- 14 – Os peixes e o corvo-marinho
- 15 – O homem e a pulga
- 16 – O prior e o defunto
- 17 – A lebre e a tartaruga
- 18 – Contra os ruins de contentar
- 19 – Os alforjes
- 20 – O raposo e o lobo

LIVRO DUODÉCIMO

- 1 – O cão que pela sombra larga a presa
- 2 – O doido e o sábio
- 3 – O lobo pleiteando contra o raposo perante o macaco
- 4 – A guerra dos ratos e das doninhas
- 5 – O gato, a doninha e o láparo
- 6 – O astrólogo
- 7 – A víbora e a lima
- 8 – O rato e o gato
- 9 – «Ne quid nimis»
- 10 – O leão, o macaco e os dois jumentos
- 11 – O corvo arremedando a águia
- 12 – O velho e seus filhos
- 13 – Os dois papagaios, el-rei e seu filho
- 14 – O rendeiro, o cão e o raposo
- 15 – A rã e o touro
- 16 – O avarento e o macaco
- 17 – Sonho dum habitante de Mogor
- 18 – O hortelão e o senhor da aldeia
- 19 – Os deuses que se oferecem a instruir o filho de Júpiter
- 20 – A lebre e a perdiz

PROCESSO ARTÍSTICO DE LA FONTAINE

As fábulas de La Fontaine, lidas e admiradas universalmente sob o ponto de vista moral, encerram uma lição bem mais profunda enquanto ao problema da criação artística. Acreditou-se por muito tempo que o génio estético tirava todos os elementos da sua obra da própria impressionabilidade, impondo-se à adoração nas condições de uma absoluta originalidade. O génio era como o Deus bíblico tirando o mundo do nada. Ao trabalho da moderna síntese física, que levou à conclusão *ex nihilo nihil*, corresponde também a descoberta da crítica literária, de que todas as grandes manifestações estéticas realizadas pelas capacidades individuais assentam sobre uma base tradicional, e são tanto mais belas e imperecíveis quanto esse tema transmitido pelo passado e por outras civilizações adquiriu um carácter de universalidade. As fábulas de La Fontaine põem em evidência este princípio fundamental achado não só para a crítica das obras-primas das literaturas como para a disciplina e impulso para a renovação das formas estéticas da civilização moderna.

Os assuntos ou temas poéticos das fábulas de La Fontaine não lhe pertencem; uns acham-se nas colecções orientais, como a do *Pantchatantra*, desconhecida no seu tempo; outros vieram até nós transmitidos nas colecções greco-romanas de Esopo, Fedro, Aviano, Babrias, Baldus; outros acham-se nas colecções árabes, como a de *Calila e Dimna*, transmitidos a todo o Ocidente pelos jograis franceses nos seus *fabliaux* e pelos moralistas católicos nos seus *exemplários*. E contudo, quanto mais conhecido é o tema tradicional, tanto mais bela foi a forma literária individual que La Fontaine deu à Fábula. Max-Muller, num estudo comparativo da fábula da *Bilha de leite*, estabeleceu com a mais segura e completa erudição, pela aproximação dos elementos novelísticos, todos os elos da cadeia tradicional, desde o Oriente búdico até à época da Renascença na Europa. O que o eminente sanscritista fez em especial para esta fábula pode aplicar-se a todas as outras composições de La Fontaine do mesmo género, trabalho em parte já tentado por Robert no *Essai sur les Fabulistes qui ont précédé La Fontaine* (1825). Os estudos críticos sobre as tragédias de Shakespeare, ao passo que tiram a este génio assombroso a originalidade dos temas dramáticos, tomados umas vezes dos novelistas italianos, outras vezes dos *Homem ilustres* de Plutarco, outras vezes de esboços informes de escritores que o precederam, simultaneamente põem em máximo relevo o poder emocional da linguagem e das situações, e a lógica dos caracteres, que são a vida daquelas sublimes criações. O mesmo se observa nas comédias de Molière, em grande parte tomadas das *comedias dell'arte* do teatro italiano, e das *comedias famosas* do teatro espanhol; o que compete ao génio é a forma, é a síntese filosófica, é a conclusão moral, tudo enfim que revela o cunho da poderosa individualidade, e que nos descobre o trabalho da sua idealização.

A Arte, como a define Augusto Comte, é a idealização da realidade; se o escritor, em vez de observar a realidade, inventa a seu arbítrio, produz monstros, aleijões, quimeras, sem acção sobre a simpatia do público, como acontece com essas criações dos eruditos académicos, e em geral com as mediocridades, que ignoram esta grande lei da relação mútua entre o elemento tradicional e a elaboração literária. Todos os espíritos que deram até hoje a sua admiração incondicional às fábulas de La Fontaine, à parte o juízo sistemático de Lessing, nunca lhe tomaram conta da originalidade; tinham o pressentimento da importância subalterna do tema tradicional diante da forma pitoresca, individualista e eterna .fixada pelo poeta; anteviram os resultados da crítica do nosso século, que tende a determinar as formas generativas de todas as literaturas. De facto, a *Fábula*, que é o desenvolvimento de uma comparação espontânea, aparece-nos entre os

povos mais antigos como um produto impessoal, anónimo, igualmente como o anónimo, de que ela é muitas vezes um resumo, circula sem a responsabilidade de autor, e por isso mesmo com maior poder moral.

Entre povos os mais afastados pelo espaço, pela raça, existem temas tradicionais comuns de Fábulas, como a da mulher que depila o amante, e a dos membros e o estômago, que se acham na colecção chinesa dos *Avadanas*. A preferência das comparações que constituem a Fábula, tomadas sempre das relações dos animais entre si, das suas qualidades e hábitos, levam a inferir que esta criação estética teve a sua origem em uma época fetichista da sociedade numa civilização proto-histórica negróide, que deu todo o desenvolvimento a essa ordem de concepções religiosas, especialmente na arte e na moral. O epíteto com que as Fábulas eram conhecidas na Grécia revela o conhecimento de tal proveniência, e Theon distingue as Fábulas em *líbricas* (*Lassen* aproxima o nome de Esopo de Aitiops), *sibaríticas*, *frígias sicilianas*, *carianas*, *egípcias* e *cípricas*, como que acentuando o seu fundo negróide. Muitas das Fábulas de Lokman aparecem tratadas em Esopo; e Neumann, Maracci, Hottinger e Golins unificam os dois poetas numa mesma entidade; na colecção atribuída a Esopo, aparecem fábulas comuns ao Pantchatantra, como a do Leão e o Mosquito, a da Águia e a Tartaruga, a do Asno com a pele de Leão, e a Presa e a Sombra. Esta similaridade revela um fundo étnico comum, que na Índia se determina pela classe ínfima explorada pela propaganda búdica. Na Grécia, antes de Esopo, já as fábulas eram conhecidas, e posteriormente à época esópica outras fábulas tradicionais, e transmitidas pelo vulgo, receberam forma literária, não só em obras dramáticas como em obras filosóficas. Em Hesíodo, acha-se a fábula do *Abutre e o Rouxinol*, em Estesícoro a do Homem e o Cavalo, e em Alceu a da Serpente e o Escaravelho. Arquíloco alude à fábula da Raposa e do Macaco, e da Águia e o Raposo; Eurípides traz a fábula do Homem e a Morte; Platão a do Lobo e a *Raposa e do Leão doente*.

As relações das fábulas conhecidas na Grécia com as raças semitas levam a inferir da impersonalidade de Esopo, cuja entidade mítica é caracterizada por Vico, Neumann, Brucker, Welcker e Camerarius. A tradição esópica é como a tradição homérica, não escrita; a fábula chegou a ter o seu desenvolvimento homérico, como se vê pelo ciclo de *Renard* na Idade Média. A transformação da tradição oral em forma rítmica é que fez porventura adoptar o nome de *Esopo*; *Asoph* em hebraico significa o verso, a poesia. O carácter de estrangeiro, do género poético, é que se fixou na personalidade de Esopo na qualidade de *escravo*. Os temas tradicionais das Fábulas foram tratados nas escolas dos sofistas gregos como assuntos de exercícios literários de redacção; eram os *loci communes*, também adaptados nas escolas de Roma, cujos cadernos achados no fim da Idade Média vieram a constituir as *Fábulas de Fedro*, outra entidade sem existência real, formada do epíteto da rocha *phoedrica*, da qual tinha sido, segundo a lenda, precipitado Esopo.

As fábulas de La Fontaine, nascidas neste campo comum da tradição universal, também tiveram o mesmo destino que as fábulas esópicas e fédricas, entraram nas escolas e serviram de leitura e para transcritos caligráficos. A grande obra de arte, assim vulgarizada, decaiu da sua imponente majestade, a que a crítica a restituiu pondo em evidência o lado individual, a forma pitoresca, a exclusiva idealização de La Fontaine. Já na época de Luís XIV, Fénelon, que compreendia a simplicidade do génio grego, admirava La Fontaine pela despreocupação do estilo e do pedantismo humanista em uma corte onde reinava o pseudoclassicismo. Esta espontaneidade de La Fontaine é uma intuição poética, que o leva a encontrar nos modismos populares os efeitos pitorescos das suas descrições e dos seus diálogos. Ninguém mais original do que La Fontaine na expressão literária; a forma simples do vulgo condiz com os quadros primitivos da

concepção mítica do tema da fábula. É esta harmonia entre a ideia e a forma que torna bela a sua criação, criação em que naufragaram todos os poetas eruditos de seu tempo, como Furetière, Perrault, Lenoble, Benserabe e tantos outros Fénelon, apreciando La Fontaine sob o aspecto da simplicidade, deu à crítica uma base segura; a simplicidade é a verdade. E, de facto, nas situações da fábula é admirável a verdade e poder de observação com que La Fontaine pinta os caracteres e hábitos dos animais, a ponto de se poder estabelecer um paralelo entre os traços descritivos de Buffon na sua *História Natural* e as impressões do poeta. Nas páginas do naturalista está o verdadeiro comentário científico das descrições do fabulista. Mas La Fontaine não se limita ao lado objectivo, descrevendo o aspecto dos animais; sob essas máscaras, representou os tipos morais, os caracteres, as qualidades e as índoles dos diferentes indivíduos da sociedade do seu tempo. Sob o ponto de vista subjectivo dos retratos morais ele é tanto ou mais verdadeiro do que Labruyère nos Caracteres, que em rigor constituem o completo comentário das personagens alegóricas de La Fontaine.

O poeta, escolhendo para a manifestação do seu génio a forma da fábula, por uma perfeita harmonia do espírito soube conciliar o prestígio da erudição humanista do classicismo francês com os restos da tradição medieval conservados apenas no *esprit gaulois*, de que o poeta é um dos mais sinceros representantes. A Fábula acordava-lhe a imaginação, vindo pelas colecções greco-romanas, ou pelas colecções dos tropeiros medievais; a comparação de uma fábula de Esopo ou Fedro, ou de uma fábula metrificada por Maria de França, reelaborada por La Fontaine, revela-nos a dupla simpatia do artista, a qual faltou a Boileau e a Racine, que professavam o mais soberano desdém pela Idade Média. La Fontaine, nos seus *Contos*, dando forma culta aos *Fabliaux*, acentuou mais a preferência por esta Idade fecunda donde saíram todos os gérmenes da sociedade moderna; assim estabelecendo a solidariedade entre a civilização greco-romana e a medieval; por isso é e será sempre o génio querido da cultura moderna, que se afirma pelo conhecimento da continuidade histórica.

TEÓFILO BRAGA

AO DELFIM DE FRANÇA

Senhor:

Se alguma coisa há de engenhosa na república das letras, essa é, certamente, a maneira como Esopo expôs a sua moral. Seria para desejar que outras mãos em vez das minhas lhe acrescentassem as honras da poesia, já que o mais sensato dos antigos julgou que elas não eram de todo inúteis. Atrevo-me, Senhor, a presentear-vos com algumas tentativas: é um passatempo apropriado para os vossos tenros anos, visto estardes na idade em que a distracção e os jogos são permitidos aos príncipes; mas, ao mesmo tempo, deveis conceder alguns pensamentos vossos a reflexões mais sérias. Tudo isso está nas fábulas que devemos a Esopo. Confesso que a aparência é pueril; todavia, tal puerilidade serve de capa a verdades consideráveis.

Não duvido, Senhor, que heis de encaminhar favoravelmente uma empresa que reúne ao mesmo tempo o útil e o agradável. E que podemos ambicionar mais? Foram estes dois objectos que introduziram as ciências entre os homens. Esopo possuía a arte singular de os pôr lado a lado: a leitura da sua obra derrama na alma, de forma imperceptível, as sementes da virtude, ensinando-a a conhecer-se a si mesma sem que ela o suspeite-se é que não supõe estar a fazer coisa muitíssimo diferente! Eis uma habilidade de que teve a fortuna de se servir aquele a quem Sua Majestade escolheu para vos ministrar conhecimentos. Daqui resulta aprenderdes sem esforço (ou, para dizer melhor, com agrado) tudo quanto é necessário que um príncipe saiba. Confiamos muito neste plano. Mas, em boa verdade, há factos em que pomos maior confiança ainda: são as qualidades que o nosso invencível monarca vos transmitiu com o nascimento; é o exemplo que todos os dias ele vos dá. Quando o vedes formar tão grandes projectos; quando considerais que ele enfrenta sem pasmo a agitação da Europa e as intrigas a que ela recorre para o demover dos seus cometimentos; quando ele atinge, à primeira investido, o centro de um país erigido de obstáculos intransponíveis ou subjuga outro em oito dias, na época menos propícia à guerra, enquanto nas cortes dos outros príncipes reina o repouso e o prazer; quando, não contente de vencer os homens, ele quer triunfar dos elementos; e quando, no regresso de uma expedição em que venceu como Alexandre, o vedes governar o povo como Augusto: confessam, Senhor, que suspirais pela glória tanto como ele, apesar do impedimento da vossa idade, e que esperais ansiosamente a altura em que seja possível declarar-vos seu rival no amor dessa: amante divina. Mas vós, Senhor, não esperais: antecipais-vos. Bastam-me como sintomas essas nobres inquietações, essa vivência, esse ardor, essas provas de grandeza de ânimo, de inteligência, de coragem que mostrais em cada momento. Isto constitui, sem dúvida, grande alegria para o nosso monarca; assim também, para o mundo inteiro, é espectáculo também agradável ver medrar assim uma planta que há-de cobrir um dia, com a sua sombra, tantos povos e nações.

Queria dilatar-me neste assunto; mas, como o desígnio que tenho de vos distrair é mais proporcional às minhas forças do que o de vos louvar, apresso-me a chegar às fábulas. E, às verdades que hei dito, só ajuntarei mais esta: que sou, Senhor, com respeitoso zelo,

vosso humilde, obediente e fiel servidor

DE LA FONTAINE

PREFÁCIO DE LA FONTAINE

A indulgência que se tem mostrado por algumas das minhas fábulas leva-me a esperar tratamento igual para esta colecção. Bem sei que um dos mestres da nossa eloquência reprovou o propósito de as pôr em verso: entendeu que o principal ornato delas consiste em não ter nenhum; que a sujeição da poesia, aliada à severidade da nossa língua, me embaraçaria em muitos lugares e obstaria, na maior parte das narrações, à brevidade que é por assim dizer a alma do conto – pois, sem isso, ele perde grande parte da sua força. Esta opinião só poderia partir de um homem de muito gosto; e eu limito-me a pedir-lhe que ceda um pouquinho e veja que as graças lacedemónias não são de tal modo inimigas das musas francesas que não as possamos, às vezes, fazer caminhar a par.

Bem pensado, não empreendi este trabalho senão para seguir o exemplo já não digo dos antigos (o que não teria importância para mim) mas afinal dos modernos. Em todos os tempos, e entre os povos que mais cultivam as musas, o Parnasco considerou isto como um dos meus atributos. Mal viram a luz do dia as fábulas que se atribuem a Esopo, logo Sócrates achou oportuno orná-las com os primores da poesia. O que Platão relata a tal respeito é tão desvanecedor que não me coíbo de o aproveitar para unia das justificações deste prefácio. Diz ele que Sócrates, uma vez condenado à morte, viu diferida a execução da pena por motivo de certas festas. Cebes foi visitá-lo no dia do suplício, e Sócrates informou-o de que os deuses o tinham advertido com frequência, durante o sono, a que se aplicasse à música antes de morrer. A princípio não entendera o significado desse sonho; pois, se a música não torna o homem mais perfeito, para quê devotar-se-lhe? Forçoso era que aí houvesse algum mistério, tanto mais que os deuses insistiam na mesma sugestão. Forçado a meditar no que o Céu exigia da sua pessoa, Sócrates compreendeu que a música e a poesia se relacionam, e que talvez se tratasse desta última especialmente. Sem harmonia não há bons versos, e muito menos sem imaginação. Sócrates só dizia a verdade, e o meio termo que ele achou foi este: escolher as fábulas que inculcassem algo de verdadeiro, tais como as de Esopo, empregou, assim, as últimas horas da vida a por algumas dessas fábulas em verso.

Sócrates não foi o único a considerar como irmãs a poesia e as fábulas. Fedro demonstrou comungar do mesmo sentimento e, pela excelência da obra, avaliamos qual seria o do príncipe dos filósofos. No seguimento de Fedro, Avieno ocupou-se de igual matéria. E os modernos seguiram tais exemplos, como se vê não só nos estrangeiros como entre os nacionais. Verdade é que o idioma, quando os nossos trabalharam nesse sentido, era muito diferente do que hoje é, e por esta razão bem que o poderíamos considerar estranho. Esta circunstância não obstou à minha empresa: bem ao contrário, sorriu-me a esperança de que, não obtendo êxito no meu propósito, alcançaria ao menos a glória de ter iniciado o género.

Possivelmente o meu trabalho despertará noutras pessoas o desejo de me excederem. A matéria está muito longe de ter sido esgotada: restam sempre muitas fábulas que ainda não foram postas em verso. Escolhi pois as melhores, isto é, as que assim se me afiguraram; mas, além de que podia ter-me enganado na selecção, fácil será também escrever de maneira diferente aquelas que eu elegi: e, se for essa versão menos longa, muito mais apreciada será. Suceda o que suceder, dever-se-me-á sempre reconhecimento, quer por eu ter sido feliz na minha temeridade (e não me haver afastado do caminho que devia seguir) quer apenas por ter excitado a emulação dos outros, levando-os a produzir melhor.

Creio ter justificado suficientemente o desígnio: quanto à execução, o público será juiz da causa. Não haverá aqui a elegância nem a extrema brevidade que tornaram Pedro recomendável. São qualidades superiores às minhas forças. Como me era impossível imitá-lo nesses aspectos, achei que devia, para compensar, dar à obra maior animação. Não que eu o censure por se haver mantido dentro desses limites: mais não exigia a língua latina; e, se repararmos bem, reconheceremos neste autor o verdadeiro carácter e o verdadeiro génio de Terêncio. A simplicidade, nestes grandes homens, é coisa magnífica: eu, que não possuo as perfeições da linguagem como eles as tiveram, não sou capaz de a elevar a tão subido grau. Fazia-se, pois, mister de compensar-me de qualquer forma: eis o que tentei, e com tanto maior arrojo quanto é certo dizer Quintiliano que não se pode aligeirar em excesso as narrações. Não se trata aqui de fazer uma alegação: basta tê-lo dito Quintiliano. Ponderei, no entanto, que nada conseguiria se não desse as estas fábulas, demasiado conhecidas de toda a gente, alguns condimentos que lhe realçassem o sabor. É isto que se requer hoje em dia: reclama-se graça, novidade. Não chamo graça ao que provoca o riso, mas a certa leveza e ar agradável que se pode emprestar a todos os assuntos, ainda os mais sérios.

Mas não é tanto pela forma que dei a esta obra que se lhe deve aferir o valor: antes o seja pela sua utilidade e substância. Pois que há de recomendável nas produções do espírito que não se encontre no apólogo? Este tem tanto de divino, que várias personagens da Antiguidade atribuíram a Sócrates a maior parte destas fábulas, escolhendo para seu progenitor aquele dos mortais que maior comércio tinha com os deuses. Não sei como não as fizeram descer directamente do céu, e como não lhe atribuíram um deus que as regesse, como fizeram com a poesia e a eloquência. O que digo não deixa de ter o seu fundamento, pois, se me é permitido misturar o que possuímos de mais sagrado com os erros do paganismo, vemos que a verdade falou aos homens por meio de parábolas; e não é a parábola um apólogo, isto é, um exemplo fabuloso que, por ser mais comum e mais familiar, se insinua com maior facilidade e maior efeito? Quem nos propusesse imitar apenas os mestres da sabedoria fornecer-nos-ia a própria resposta: não é necessário que no-lo peçam, desde que abelhas e formigas são capazes de o fazer instintivamente. Foi por estas razões que Platão, tendo banido Homero da sua República, deu aí a Esopo um lugar honroso. É conveniente que as crianças se alimentem de fábulas ao mesmo tempo que sugam o leite; compete às amas proporcionar-lhas, pois não há outro meio de acostumar desde muito cedo à sabedoria e à virtude. Em vez de sermos forçados a corrigir os nossos hábitos, melhor será conseguir torná-los bons enquanto são indiferentes ao bem e ao mal. Então que método poderá contribuir mais utilmente para isso do que estas fábulas? Dizei a uma criança que, ao ir combater os Partos, Crasso se embrenhou no país inimigo sem reflectir no modo como devia sair de lá, e que, apesar dos esforços que fez para se retirar, aí pereceu com o seu exército. Dizei à mesma criança que o raposo e o bode desceram ao fundo de um poço a fim de matarem a sede; que o raposo conseguiu safar-se por se haver servido do dorso e dos chifres do seu companheiro, como se utilizasse uma escada, e que, ao contrário, o bode lá ficou por não ter sido tão previdente; enfim, que em tudo se deve considerar o remate. Qual destes dois exemplos fará mais impressão na criança? Não será o segundo, por ser mais conforme e menos desproporcionado com a pequenez do seu espírito? Se me alegarem que os pensamentos da infância são já de si infantis para que seja preciso juntar-lhes mais puerilidades, direi que essas puerilidades o são somente na aparência – pois que, no fundo, envolvem um significado consistente. E como, pela definição do ponto, da linha, da superfície e de outros princípios familiares chegamos a conhecimentos que avaliam por fim o céu e a terra, da mesma forma, pelo

raciocínio e consequências que se extraem destas fábulas, se formam o discernimento e os bons costumes e se pode induzir a altos feitos.

Não são elas simplesmente morais, ministram ainda outros conhecimentos: as particularidades dos animais e seus diversos caracteres estão aí expressas, e, portanto, os nossos também, visto como somos o resumo do que há de bom e mau nas criaturas irracionais. Quando Prometeu quis formar o homem, tomou a qualidade predominante de cada animal: dessas peças tão diferentes compôs a nossa espécie, e fez essa obra que se chama o vulgo. Assim, estas fábulas são um quadro onde cada um de nós se acha retratado. Nas pessoas de idade elas confirmam os conhecimentos que adquiriram com o tempo; nas crianças inculcam o que lhes convém saber. Como estas são recentes no mundo, natural é que não conheçam os habitantes nem se conheçam a si próprias; devemos fazer o possível por não as deixar nesta ignorância; ensinemos-lhes o que é um leão, uma raposa e assim por diante, e a razão por que, às vezes, se compara o homem com qualquer um desses animais. Para isso muito servem as fábulas: delas provém as primeiras noções sobre estas coisas.

Já excedi o espaço normal dos prefácios, e todavia ainda não apresentei razões quanto ao plano da minha obra.

O apólogo compõe-se de duas partes, à quais se pode chamar corpo e alma. O corpo é a fábula, a alma a moralidade. Aristóteles não admite na fábula senão os animais: exclui os homens e as plantas. Esta regra é menos de necessidade do que de conveniência, pois que nem Esopo, nem Fedro, nem nenhum dos fabulistas a observou. Quanto à moralidade, essa é que não se dispensa nunca. Se me aconteceu fazê-lo, foi só aonde ela não podia entrar naturalmente, e onde ao leitor é fácil de a suprir. Em França não se atende senão ao que é agradável: é a melhor das normas e, por assim dizer, a única. Não julguei, pois, que fosse crime passar por cima da tradição, sempre que achei difícil mantê-la sem constrangimento. Na época de Esopo, a fábula contava-se primeiro, e depois seguia-se a moralidade, separadamente. Fedro não se cingiu a esta ordem: alindou a narrativa e transportou por vezes a moralidade do fim para o princípio. Quando é forçoso apresentá-la, não falto ao preceito senão para observar outro que não é menos importante e nos foi dado por Horácio. Este poeta pretende que nenhum escritor se obstine contra a incapacidade do seu espírito nem contra a incapacidade da matéria. Segundo ele, um homem que quer triunfar não procurará fazê-lo pela insistência; abandona as coisas que é incapaz de levar a cabo.

Et quae

Desperat tractata nitescere posse, relinquit.

Eis o que eu fiz a respeito de algumas moralidades em cujo êxito não confiava inteiramente.

Agora só falta falar sobre a vida de Esopo. Não há ninguém que não tenha por fabulosa— a que Planúdio nos deixou. Crê-se que este autor quis dar ao seu herói carácter e aventuras que tivessem relação com as fábulas. De começo achei esta crítica justa, mas depois abalou-se-me a convicção. Em parte é ela fundamentada no que se passa entre Xanto e Esopo: encontram-se aí excessivas ninharias. Mas qual é o sábio a quem não sucederam semelhantes coisas? Nem toda a existência de Sócrates é feita de seriedade. O que me confirma neste sentimento é o facto de o carácter que Planúdio concede a Esopo ser semelhante ao que Plutarco lhe dá no Banquete dos Sete Sábios; isto é, o de um homem subtil, a quem nada pode escapar. Objectar-me-ão que o Banquete dos Sete Sábios é também inventado. De tudo se pode duvidar. Quanto a mim, não percebo a razão porque Plutarco teria querido iludir a posteridade, ele que faz gala

de ser em tudo verdadeiro e de atribuir a cada um o seu genuíno carácter. Mas, ainda que assim fosse, eu mentiria sob responsabilidade de outrem: crer-me-iam menos do que se eu me ativesse apenas à minha. O que eu não posso é compor um tecido das minhas conjecturas, intitulado Vida de Esopo. Por mais verosimilhança de que o revestisse, ninguém me daria crédito, e, entre duas fábulas, o leitor há-de sempre preferir à minha a biografia deixada por Planúdio.

LIVRO PRIMEIRO

1

A cigarra e a formiga

Tendo a cigarra em cantigas
Folgado todo o Verão,
Achou-se em penúria extrema
Na tormentosa estação.

Não lhe restando migalha
Que trincasse, a tagarela
Foi valer-se da formiga,
Que morava perto dela.

Rogou-lhe que lhe emprestasse,
Pois tinha riqueza e brio,
Algum grão com que manter-se
Té voltar o aceso Estio.

«Amiga – diz a cigarra –
Prometo, à fé de animal,
Pagar-vos antes de Agosto
Os juros e o principal.»

A formiga nunca empresta,
Nunca dá, por isso junta.
«No Verão em que lidavas?»
À pedinte ela pergunta.

Responde a outra: «Eu cantava
Noite e dia, a toda a hora:
– Oh, bravo! – toma a formiga; –
Cantavas? Pois dança agora!»

Bocage

O lobo e o cão

Não tinha um lobo mais que a pele e o osso.
 Sinal é que, de orelha arrebatada,
 Bem vigilante andava a canzoada
 Encontra o lobo um dogue forte, grosso,
 Nutrido, luzidio, uma beleza!
 Que distraído abandonara a estrada .
 Sorri-lhe a nédia presa.

Saltar-lhe logo ali, fazê-la em postas
 O seu desejo fora. Dura empresa!
 A luta era infalível! Voltar costas
 Não usam perros quando são valentes,
 E, mais os brutos! dão às vezes cabo
 Do fero contendor! Diabo! diabo!
 Então aquele, com aqueles dentes!
 Humilde o lobo, Pois, encolhe a cauda;
 Chega-se ao cão, abaixa-lhe a cabeça;
 Puxa conversa; diz que folga em vê-lo,
 Que deixe que ele admire, que ele aplauda.
Topá-lo assim... e com tão bom cabelo!...
 E riço! e gordo! Um frade! uma abadessa!

«Esplêndido senhor – o cão responde –
 De vós depende o ter igual gordura.
 Fugi dos bosques, onde
 Por teima da desgraça,
 De fome e frio só achais fartura,
 Vós, senhor lobo, e a vossa pífia raça.
 Dias e dias sem comerem nada!
 E lá por festas raras, esquecidas,
 Um petisquinho conquistado à espada,
 Tragado às escondidas!
 Aí é certa a morte!
 Furtai-vos a seus braços!
 Segui... segui meus passos;
 Tereis outro destino e melhor sorte.
 Mas como? – volve o lobo.
 Fazer então que devo? – Bagatela:
 Nem morte de homem, nem de igreja roubo;
 Simplesmente estas coisas: não dar trégua
 À santa gente rota, mendicante,
 Bordão numa das mãos, noutra a tigela,
 Que vem inda a distância duma légua
 E já tresanda a essência de tratante.
 Lamber as mãos ao dono; ser submisso...

Dar coca – é o termo próprio – ao dono e a todo
Quanto bicho-careta houver em casa.
Salário apanhareis que vos apraza:
Ossos das aves, rodas de chouriço,
Restos vindos da mesa, e tudo a rodo!
Até uns tagatés em cima disso!»

Tendo prestado ao cão atento ouvido,
 O lobo, coitadinho!,
Com perspectiva tal enternecido,
Não tugi nem mugiu, mas fez beicinho!
Iam caminho já do povoado,
Quando o lobo notou que no pescoço
 O cão era pelado!
Que tens aí? – pergunta em alvoroço.
– Nada, que eu saiba. – Nada?! – Frioleira
– Mas afinal o que é? – Ora!... a coleira,
Com que à noite me prendem junto à porta...
– Prender-te?! – o lobo exclama. Não sais fora,
Não corres livre pela terra inteira
Quando te dá na gana, e a toda a hora?
– Nem sempre. Isso que importa?
– Tanto importa, que toda a trincadeira
Com que me acenas, um tesouro embora,
Por tal preço não quero!»
 O lobo finda,
Põe-se logo na perna, e corre ainda!

Francisco Palha

O velho e a Morte

Um miserável velho se afligia
Com um feixe de lenha que trazia:
Jogou com ele ao chão, já de cansado,
E chamou pela Morte, agoniado.

Aparecendo-lhe esta, perguntava
Com que fim tão solícito a chamava.
«Rogo-te – disse o velho, de mãos postas
Que me ajudes a pôr o feixe às costas.»

Couto Guerreiro

O galo e a pérola

Um galo achou num terreiro
Uma pérola, e ligeiro
Corre a um lapidário e diz:
«Isto é bom, é de valia,
De milho um grão todavia
Era achado mais feliz.

Um néscio ficou herdeiro
De um manuscrito, e a um livreiro
Vai à pressa e fala assim:
«É bom, é livro acabado,
Concordo, mas um ducado
Valia mais para mim!»

Gonçalves Crespo

O burro vestido com pele de leão

Quebrando a peia,
Fofu sendeiro
Fugiu ao dono,
Que era moleiro;
Dentro de um bosque,
O fanfarrão
Achou a pele
De alto leão.

Em toda a parte
Dela vestido
Por leão fero
Era temido;
Homens e brutos
O respeitavam,
Fugiam logo
Que o divisavam.

Mas das orelhas
Uma pontinha
De fora ao burro
Ficado tinha;
Foi vista acaso
Pelo moleiro,
Que julgou logo
Ser o sendeiro.

Indo-lhe ao lombo
Com um cajado,
Puniu o arrojo
Do mascarado;
Do tolo rindo,
Despiu-lhe a pele,
Pôs-lhe uma albarda
E montou nele.

Tal entre os homens
Míl se conhecem,
Os quais são uns,
E outros parecem.
Despem-lhe a pele
Que os faz troantes,
Ficam sendeiros
Como eram dantes.

Curvo Semedo

6

Ossos do ofício

Uma vez uma besta do Tesouro,
Uma besta fiscal,
Ia de volta para a capital
Carregada de cobre, prata e ouro,
E no caminho
Encontra-se com outra carregada
De cevada
Que ia para o moinho.
Passa-lhe logo adiante
Largo espaço,
Coleando arrogante
E a cada passo
Repicando a choquilha,
Que se ouvia distante.
Mas salta uma quadrilha
De ladrões,
Como leões,
E qual mais presto
Se lhe agarra ao cabresto.
Ela reguinga e dá uma sacada,
Já cuidando
Que dispersava o bando;
Mas, coitada!
Foi tanta a bordoadada,
Que exclamava enfim
A besta oficial:
«Nunca imaginei tal!
Tratada assim...
Uma besta real!
Mas aquela, que vinha atrás de mim,
Porque a não tratais mal ?!
– Minha amiga, cá vou no meu sossego:
Tu tens um belo emprego;
Tu sustentas-te a fava, e eu a troços;
Tu lá serves El-Rei, e eu um moleiro;
Eu acarreto grão, e tu dinheiro:
Ossos do ofício... que não há sem ossos!»

João de Deus

O rato anacoreta

Das curvas unhas de terrível gato
Por milagre escapando-se ligeiro,
No atulhado armazém de um merceeiro
Foi asilo buscar pequeno rato.

Pilha de seis de fundo e vinte de alto
De queijos permissões subia ao tecto,
E atraído de Cheiro tão selecto,
Lá trepa o fugitivo em salto e salto.

Num queijo que à parede mais se unia,
Lá começa a roer, e em pouco espaço
Uni buraco enlapou, que nada escasso
Cubículo e sustento lhe exhibia.

Ora dormindo, ora manducando,
Ali vive tranquilo e sem cuidado.
«Do mundo – diz – estou desenganado,
E quero ir minhas expiando!»

Que me dizes, leitor, ao tal ratinho?
Assim vivendo à custa dos patetas,
Nesses conventos regalões roupetas
Da salvação procuram o caminho.

Costa e Silva

O leão e outros animais

Uma ovelha, uma cabra e uma novilha
Trataram c'um leão
Fazer igual partilha
Da caça que apanhassem no sertão.
Um veado caiu
No laço que lhe armou a cabra esperta.
Mandou ela chamar os associados;
Veio o leão, rugiu,
Fez do preso animal quatro bocados,
E disse: «A conta é certa;
Pertence-me o primeiro
Por me chamar leão;
O segundo quinhão,
Por ser forte; o terceiro
Também, por ser valente.
E se alguém tocar no quarto,
Dá-me um banquete mais farto...
Prova-me as garras e o dente!»

Fernando Leal

A raposa e as uvas

Contam que certa raposa,
Andando muito esfaimada,
Viu roxos, maduros cachos
Pendentes de alta latada.

De bom grado os trincaria,
Mas sem lhes poder chegar,
Disse: «Estão verdes, não prestam,
Só cães os podem tragar!»

Eis cai uma parra, quando
Prosseguia seu caminho,
E, crendo que era algum bago,
Volta depressa o focinho.

Bocage

O bêbedo e sua mulher

Nem medo nem vergonha contrariam
 A natural tendência.
 O conto que se segue
 Tem, neste caso, a marca da evidência.
 Um devoto de Baco arruinava-se
 Por causa da goela;
 De força andava baldo, e de pecúnia...
 Nem sombras na escarcela.
 Um dia em que perdera a tramontana
 Bebendo a bom beber,
 Numa espécie de tumba
 Fê-lo a esposa meter.
 Quando ele, enfim, saiu da raposeira,
 Viu todos os sinais que indicam morte,
 A lâmpada, a mortalha... «Ó Deus, que é isto?...
 Fiz viúva a consorte?»
 Esta, em trajes de Parca disfarçada,
 Do marido se abeira:
 «Quem és?» – «Eu sou da lúgubre morada
 A eterna despenseira.
 Dou de comer à farta aos que repouso
 No reino escuro têm.»
 E o marido a bradar muito aguçoso:
 «E que beber, não vem?»

E. A. Vidal

O leão que vai à guerra

Tendo o leão na ideia certa empresa,
 Fez conselho de guerra;
E a todos animais mandou aviso
 Por seus régios alcaides.
Cada um, por seu teor, entrou no alvitre:
 Às costas o elefante
Levar quantos petrechos importasse,
 E pelejar, como usa;
Para os assaltos, o urso, aparelhar-se;
 Engenhar-se o raposo
A ter inteligências no inimigo,
 E diverti-lo o mono
Com suas mogigangas. Alguém disse
 Que despedidos fossem,
Por boto o burro, e por medrosa a lebre.
 «Oh, não! – disse o monarca –
Quero empregá-los: nem completo fora
 Sem eles nosso exército.
De trombeta, que espante, sirva o burro;
 E a lebre de correio.»
Do mais ténue vassalo o rei prudente
 Tirar proveito sabe:
Todo o talento emprega; nada é inútil,
 Onde o bom senso lavra.

Filinto Elísio

O leão e o mosquito

«Vai-te, insecto mesquinho e vil na terra!»
 Depois de assim ter dito
 O leão ao mosquito,
 Este lhe declarou cruenta guerra:
 «Pensas tu que por seres rei dos bichos
 Tua audácia tolero?
 Mais força tem o boi e, quando quero,
 Sujeito-o a meus caprichos!»
 Diz, e toca a avançar;
 Foi o herói e o trombeta na batalha.
 Zumbe em torno ao leão, tanto o atrapalha,
 Que o faz desesperar.
 Ao longe põe-se um pouco;
 Depois, salta-lhe em cima do cachaço
 E torna-o quase louco.
 A fera c' o rugido atroa o espaço.
 De ouvir o horrendo grito
 Seus ecos prolongar atroadores,
 Tremem os animais dos arredores;
 Tudo obra dum mosquito!
 O insecto pequenino, ousado e pronto,
 Ora ao dorso lhe salta,
 Ora as ventas lhe assalta.
 A raiva no leão sobe de ponto:
 Co' a cauda açoita os flancos,
 Com o olhar ameaça
 E, rugindo duríssimos arrancos,
 Com as garras a si se despedaça,
 Té que, de fatigado,
 Cai, fica estatelado!
 O insecto do combate sai com glória,
 A mais alta e completa,
 E na mesma trombeta
 Em que a avançar tocou, cantou vitória.
 Mas, proclamando ao mundo esta façanha
 Não vista e desmedida,
 Na teia duma aranha
 Cai, fica embaraçado e perde a vida!

A fábula vos diz que os inimigos
 Nunca deveis considerar somenos;
 E que pode o que escapa a grandes p'rigos
 Não poder escapar aos mais pequenos.

José Inácio de Araújo

O lobo e o grou

Vendo-se o lobo engasgado
C'um osso, e muito oprimido,
Para o tirar, aos mais brutos
Foi cometendo partido.

Persuadido o grou co'as juras,
O dilatado pescoço
Pela goela do lobo
Meteu, e tirou-lhe o osso.

Pedindo-lhe o prémio: «Ingrato –
Disse – que te hei-de pagar?
Não te basta de meus dentes
Salvo o pescoço tirar?»

Malhão

Os animais enfermos da peste

Mal que espalha o terror, e que a ira celeste
 Inventou para castigar
 Os pecados do mundo; a peste, em suma a peste;
 Capaz de abastecer o Aqueronte num dia,
 Veio entre os animais lavrar;
 E se nem tudo sucumbia,
 Certo é que tudo adoecia.

Já nenhum, por dar vida ao moribundo alento,
 Catava mais nenhum sustento.

Não havia manjar que o apetite abrisse,
 Raposa ou lobo que saísse
 Contra a presa inocente e mansa,
 Rola que à rola não fugisse,
 E onde amor falta, adeus, folgança.

O leão convocou uma assembleia e disse:
 «Sócios meus, certamente este infortúnio veio
 A castigar-nos de pecados.
 Que o mais culpado entre os culpados
 Morra, por aplacar a cólera divina.
 Para a comum saúde esse é, talvez, o meio.
 Em casos tais é de uso haver sacrificados,
 Assim a história no-lo ensina.
 Sem nenhuma ilusão, sem nenhuma indulgência,
 Pesquisemos a consciência.

Quanto a mim, por dar mate ao ímpeto glutão,
 Devorei muita carneirada.
 Em que é que me ofendera? Em nada.
 E tive mesmo ocasião
 De comer igualmente o guarda da manada.
 Portanto, se é mister sacrificar-me, pronto.
 Mas assim como me acusei,
 Bom é que cada qual se acuse; de tal sorte
 Que (devemos querê-lo, e é de todo ponto
 Justo) caiba ao maior dos culpados a morte.
 – Meu senhor – acudiu a raposa – é ser rei
 Bom de mais; é provar melindre exagerado.
 Pois então devorar carneiros,
 Raça lorpa e vilã, pode lá ser pecado?
 Não. Vós fizestes-lhes, senhor,
 Em os comer muito favor.
 E no que toca aos pegureiros,
 Toda a calamidade era bem merecida;
 Pois são daquelas gentes tais
 Que imaginaram ter posição mais subida
 Que a de nós outros animais.»

Disse a raposa; e a corte aplaudiu-lhe o discurso.
Ninguém do tigre nem do urso,
Ninguém de outras iguais senhorias do mato,
Inda entre os actos mais daninhos
Ousava esmerilhar um acto;
E até os últimos rafeiros,
Todos os bichos rezingueiros
Não eram, no entender geral, mais que uns santinhos.
Eis chega o burro: – «Tenho ideia que no prado
De um convento, indo eu a passar, e picado
Da ocasião, da fome e do capim viçoso,
E pode ser que do tinhoso,
Um bocadinho lambisquei
Da plantação. Foi um abuso, isso é verdade.»
Mal o ouviu a assembleia exclama: aqui d’el-rei!
Um lobo, algo letrado, arenga e persuade
Que era bom imolar esse bicho nefando,
Empestiado autor de tal calamidade.
E o peccadilho foi julgado
Um atentado.
Pois comer erva alheia! oh, crime abominado!
Era visto que só a morte
Poderia purgar um pecado tão duro.
E o burro foi ao reino escuro.

Segundo sejas tu miserável ou forte,
Áulicos te farão detestável ou puro.

Machado de Assis

O leão velho

Decrépito o leão, terror dos bosques,
E saudoso da antiga fortaleza,
Viu-se atacado pelos outros brutos,
Que intrépidos tornou sua fraqueza.

Eis o lobo c'os dentes o maltrata,
O cavalo c'os pés, o boi co'as pontas,
E o mísero leão, rugindo apenas,
Paciente digere estas afrontas.

Não se queixa dos fados; porém vendo
Vir o burro, animal de ínfima sorte:
«Ah! vil raça – lhe diz – morrer não temo,
Mas sofrer-te uma injúria é mais que morte!»

Bocage

O rato caseiro e o rústico

Convida, uma vez, ratinho
Mui galante e cortesão,
Certo arganaz montesinho
A sobras dum perdigão.

Em guedelhudo tapete
Luz o esplêndido talher.
São dois, mas valem por sete.
Que apetite! que roer!

Foi folgança regalada;
Nada inveja um tal festim.
Senão quando, na malhada,
Pilha-os súbito motim.

Passos à porta da sala...
Param os nossos heróis.
E o terror, que pronto os cala,
Lança em pronta fuga os dois.

Foi-se a bulha. Muito à mansa
Vêm-se chegando outra vez.
«Dêmos remate à folgança –
Diz o da corte ao montês.

– Nada. Mas vem tu comigo
Jantar amanhã; bem sei
Que lá me não gabo, amigo,
Desta vidinha de rei.

Mas ninguém me turba em meio
Do jantar; sobra o lazer.
E adeus. Figas ao prazer
Que pode aguar um recreio.»

José de Sousa Monteiro

O burro e os donos

O burro de um hortelão
 À Sorte se lamentava.
 Dizendo que madrugava
 Fosse qual fosse a estação,
 Primeiro que os resplendores
 Do sol trouxessem o dia.
 «Os galos madrugadores –
 O néscio burro dizia –
 Mais cedo não abrem olho.
 E porquê? Por ir à praça
 C'uma carga de repolho,
 Um feixe de aipo, ou labação,
 Alguns nabos e b'ringelas;
 E por estas bagatelas
 Me fazem perder o sono.»
 A Sorte ouviu seu clamor,
 E deu-lhe em breve outro dono,
 Que era um rico surrador.
 Eis de couros carregado,
 Sofrendo um cruel fedor,
 Já carpia ter deixado
 O seu antigo senhor:
 «Naquele tempo dourado –
 Dizia – andava eu contente;
 Cada vez que ia ao mercado
 Botava à cangalha o dente,
 Lá vinha a couve, a nabiça,
 A chicarola, o folhado,
 E outras castas de hortaliça;
 Mas se hoje, fraco do peito,
 O meu dente à carga deito,
 Em vez da viçosa rama
 Da celga, do grelo, ou nabo,
 Só acho dura courama
 Que fede mais que o diabo!»
 Prestando às queixas do burro
 A Sorte alguma atenção,
 Lhe deu por novo patrão
 Um carvoeiro casmurro.
 Entrou em nova aflição
 O desgostoso jumento.
 Vendo faltar-lhe o sustento,
 E em negro pó de carvão
 Andando sempre afogado,
 Tornou a carpir seu fado.

«Que tal! – diz a Sorte em fúria
– Este maldito sendeiro,
Com sua eterna lamúria,
Mais me cansa, mais me aflige
Que um avaro aventureiro
Quando fortunas me exige!
Pensa acaso este imprudente
Que só ele é desgraçado?
Por esse mundo espalhado
Não vê tanto descontente?
Já me cansa este marmanjo!
Quer que eu me ocupe somente
Em cuidar no seu arranjo?»
Foi justo da Sorte o enfado,
Que é propensão do vivente
Lamentar-se do presente,
E chorar pelo passado:
Que ninguém vive contente,
Seja qual for seu estado.

Curvo Semedo

Os dois pombos

Amavam-se dois pombos ternamente
Com suave meiguice e amor profundo.
Um deles – que loucura! – de repente
À casa toma tédio, quer ver mundo.

«Que vais fazer? – diz-lhe então
Já saudoso o companheiro.
Medita, pensa primeiro,
Assim deixas teu irmão?
Ninguém duvida que a ausência
É dos males o maior;
Não para ti!... Só se for
Que os trabalhos, a inclemência,
E dessa jornada o p'rito,
Que pretendes arrostar,
Possam teu peito mudar
Em peito bondoso, amigo.
Se mais perto a Primavera
Sorrisse alegre, então... vá!
Quem te obriga a partir já?
Espera o zéfiro, espera.
Há pouco um sinistro corvo
Crocitou, e à nossa raça
Agoirou muita desgraça
Em tom profético e torvo.
Só nas coisas infelizes
Doravante pensarei;
Em redes, falcões, que sei?...
Tiros, flechas e boíces.
Ah! – direi quando chover:
Meu pobre irmão, coitadinho,
Terá ceia, terá ninho,
E tudo o que lhe é mister?»

Esta linguagem branda e cheia de bondade
Enternece-lo faz;
Teve porém mais força a indómita vontade
Do viajante audaz.

«Não chores; três dias bastam-me
– Já vês que é curta a demora –
Para matar este férvido
Desejo que me devora.
Quando voltar, com que júbilo
Referirei por miúdo

Aventuras, episódios,
Incidentes, tudo, tudo!
Quem pouco vê, é certíssimo,
Que pouco pode contar.
Eu te direi que em tal época
Achava-me em tal lugar,
E tu, enlevado, extático,
De me ouvir falar assim,
Hás-de julgar – asseguro-te –
Que estavas ao pé de mim.»

Assim falou, e em pranto de soluços
Despediram-se os dois. O viajante
A jornada começa. Não distante
Da casa, que fugira, carregada
Ergue-se no ocidente escura nuvem
Que em chuva se desata, e o peregrino
Corta os ares em louco desatino,
Um albergue buscando, uma pousada.
Negro tronco, de folhas quase nu,
Se lhe depara então. Voa ligeiro,
E mal pôde encontrar de triste ulmeiro
Entre a folhagem rara asilo pobre.
Depois, quando outra vez se anila o céu,
Frio, molhado sai do humilde abrigo,
Enxuga as penas, parte, e muito trigo
Espalhado no campo além descobre.

Outro pombo vê perto, e sem detença
Dirige-se p'ra lá.
E quando cuida mais, quando mais pensa
Gozar com seu igual ventura imensa,
Num laço preso está,
Que por mão ardilosa, enganadora,
Por debaixo do trigo armado fora.

O laço era já velho. O prisioneiro
Esforça-se, porfia, teima, luta;
De tal forma trabalha
Co'as asas, bico e pés, que enfim consegue
Quebrá-lo, ver-se livre, muitas penas
Deixando na batalha.

Mas a fortuna má, que o segue, e nutre
Contra o pombo infeliz ódio entranhado,
Já lhe mostra nos ares um abutre,
Que voraz, esfaimado,
Mal o avista, a vontade sente acesa
De lhe deitar a garra e fazer presa.

E o mísero, que traz restos de guita
A cortar-lhe inda os pés,
Um galeote, um criminoso imita
Fugido das galés.

Eis que porém naquele mesmo instante,
Batendo as asas longas,
Das nuvens arremessa-se gigante
Uma águia, e sem delongas
Trava-se entre os ladrões rude peleja
Por lograr cada qual o que deseja.

O pombo, como terceiro,
Aproveita do combate;
Ergue o voo, e só o abate
Quando encontra um pardieiro,
De seu bárbaro destino
Julgando o pobre animal
Que a peripécia final
Era este caso mofino.
Mas um rapaz turbulento
– Não tem compaixão a infância –
Uma pedra com tal ânsia
Lhe envia, que sem alento
Quase o deixa. Maldizendo
A sua curiosidade,
Vai para casa gemendo,
Meio coxo, meio morto,
E sem outra novidade
Chega do ninho ao conforto.

José António de Freitas

O lobo e o cordeiro

De ardente sede obrigados,
Foram ao mesmo ribeiro
A beber das águas frescas
Um lobo e mais um cordeiro.

O lobo pôs-se da parte
De onde o regato nascia;
O cordeiro, mais abaixo,
Na veia de água bebia.

A fera, que desavir-se
Co'a mansa rês desejava,
Num tom severo e medonho
Desta sorte lhe falava:

«Por que motivo me turvas,
A água que estou bebendo?»
E o cordeirinho inocente
Assim respondeu, tremendo:

«Qual seja a razão que tenhas
De enfadar-te, não percebo!
Tu não vês que de ti corre
A mim esta água que bebo?»

Rebatida da verdade,
Tomou-lhe a fera cerval:
«Aqui haverá seis meses,
Sei de mim disseste mal.»

Respondeu-lhe o cordeirinho
De frio medo oprimido:
«Nesse tempo, certamente,
Inda eu não era nascido!

– Que importa? Se tu não foste –
Disse o lobo carniceiro; Foi teu pai.»
E, por aleives,
Lacera o pobre cordeiro!

Esta fábula dá brados
Contra aqueles insolentes
Que por delitos fingidos
Oprimem os inocentes.

Malhão

O homem e a sua imagem

Um homem singular nos fumos da vaidade,
Tinha-se para si na conta de gentil;
No espelho a que se vê sempre acha falsidade,
E vivia feliz nessa ilusão pueril.
Para o curar do achaque, a sorte, que é cruenta,
 Aos olhos lhe apresenta
Por toda a parte os tais conselheiros das damas:
Espelhos nos salões, nas lojas, nas batotas,
 Nos bolsos dos janotas,
 Têm-nos criados e amas.
O que lembra ao Narciso? Ele vai-se ocultar
Desesperado, então, num ignoto lugar
Sem de espelhos querer entrar noutra aventura.
Nesse local, porém, corria a linfa pura
 De aprazível regato,
Que reflecte fiel o grotesco retrato,
O qual julga inda assim ser fantasia vã.
Tenta à pressa fugir por não ver essa imagem,
 E da linda paragem
 Partiu com certo afã.
 Percebe-se o meu fito.
Aludo a toda a gente; o caso acha-se a esmo,
Cada qual o que é seu crê ser o mais bonito,
Nossa alma é este tal vaidoso de si mesmo.
Os espelhos sem conta eis as tolices do homem,
Dos defeitos nos dão legítima pintura;
 E pela linfa pura
Das *Máximas* o livro é bem que todos tomem.

Teófilo Braga

LIVRO SEGUNDO

1

O homem e o bosque

Um homem por um bosque um certo dia entrou,
E assim com branda frase às árvores falou:
«Propício o céu vos seja, e nunca o rijo vento,
Nos ares combatendo em furacão violento,
Da rama vos despoje, ou faça baquear
Dos vossos um só tronco.» E vendo-as exultar
Com suas expressões, o astuto lisonjeiro
Prossegue: «Oh! tende dó de um triste passageiro
Que de pesada marcha em tal cansaço vem,
Que a força o abandona, em pé mal se sustém.
Dai-me um estéril ramo, a que eu possa encostado
Os passos dirigir.» E apenas lhe foi dado,

Com muita prontidão da casca o despojou,
E numa extremidade um ferro lhe ajeitou.
Feita a bipene assim, o bosque foi cortando;
Com hórrido estampido à terra vem rodando
Piramidal cipreste, o teixo carpidor,
O louro, que coroa o vate, o vencedor;
Rui o frondoso ulmeiro, os chopos alvejantes,
O pinho, o roble, o buxo, o mirto dos amantes.
E todos, ao cair, diziam a uma voz:
«Para a desdita nossa os meios demos nós!»

Aquele que armas dá da pátria ao inimigo,
Por suas próprias mãos procura o seu castigo.

Costa e Silva

A Morte e o desgraçado

Chamava um desgraçado, a toda a hora,
Em seu socorro a Morte.
«Vem, ó Morte! – gritava – e, sem demora,
Ceifa-me a rude sorte!»

Quis a Morte fazer-lhe um bom serviço,
E à porta lhe bateu.
Entrou-lhe em casa, sem se dar por isso,
E disse-lhe: «Sou eu!»

«Que vejo! – grita ele – ó monstro horrendo!
Espectro de pavor! Foge de mim!
Nunca pensei – clamou todo tremendo –
Que fosses feia assim!»

Ora, Mecenas foi um homem douto,
Que disse: «Tomem-me antes impotente,
Tolhido, manco, tendo só um coto,
Gotoso – mas que eu viva longamente!»

Nós dizemos o mesmo à Omnipotente.

Gomes Leal

O corvo e a raposa

É fama que estava o corvo
Sobre uma árvore pousado,
E que no sôfrego bico
Tinha um queijo atravessado.

Pelo faro àquele sítio
Veio a raposa matreira,
A qual, pouco mais ou menos,
Lhe falou desta maneira:

«Bons dias, meu lindo corvo;
És glória desta espessura;
És outra Fénix, se acaso
Tens a voz como a figura!»
A tais palavras o corvo
Com louca, estranha afoiteza,
Por mostrar que é bom solfista
Abre o bico, e solta a presa.

Lança-lhe a mestra o gadanho,
E diz: «Meu amigo, aprende
Como vive o lisonjeiro
À custa de quem o atende.

Esta lição vale um queijo,
Tem destas para teu uso.»
Rosna então consigo o corvo,
Envergonhado e confuso:

«Velhaca! Deixou-me em branco,
Fui tolo em fiar-me dela;
Mas este logro me livra
De cair noutra esparrela.»

Bocage

A andorinha e os passarinhos

Certa andorinha que por esse mundo
 Mil viagens fizera,
 De muito e muito ver muito aprendera.
 Chegara a tal primor, que inda a tormenta
 Nem sequer negrejava,
 E já ela às marítimas companhas
 A queda anunciava.
 Sucedeu que no tempo em que é costume
 Começar-se do linho as sementeiras,
 Viu que um maltês andava nessa faina
 Pelas compridas leiras.
 «Mau vai isto – disse ela aos passarinhos –
 Causais-me dó; por mim, tenho caminhos
 De sobra onde vogar.
 Vedes-me aquela mão que diligente
 Gira e toma a girar?
 Pois não vem longe o dia em que a semente
 Que hoje essas linhas traça,
 Vos cause, pobre gente,
 Eu sei, quanta desgraça!
 Tereis a cada canto uma armadilha,
 Perpétuo susto em horas de canseira;
 Que na estiva sazão quando o sol brilha,
 Anda perto a gaiola da caldeira.
 Devorai-me esse pão já semeado,
 E lestes, podeis crer.»
 Fez-lhe chacota o bandozinho alado:
 Tinha mais que comer.
 Ao surdir o linhal volta a andorinha:
 «Fora com esta planta que é daninha,
 Ou perdidos ficais!
 Profeta de desastres, tagarela,
 Bom feito nos lembrais;
 Fora mister para um desbaste desses
 Mil pessoas, ou mais!»
 Crescera o linho, e a astuta conselheira
 Insiste em martelar:
 «Vejo que não há forma nem maneira
 De vos poder guiar;
 Pois, olhai: dentro em pouco o seareiro,
 Apenas vir que a messe lhe loureja,
 Põe logo mão na rede, e muito arteiro
 Convosco entra em peleja
 Sem vos deixar a cola;
 Não sair do cadoz, e muito tento,

Ou dar asas ao vento
Como sucede ao pato e à galinhola.
Mas vós não podeis tal, não vos é dado
Transpor o monte, o cerro, a extensa onda:
Pois cada qual, prudente e a bom recado,
Na mais profunda toca se me esconda.»
Refartos de presságios, os incautos
Rompem a vozear num desatino,
Quais Troianos no tempo em que Cassandra
Lia o porvir nas folhas do destino.
Andaram por igual: da passarada
Muita se viu prender.

Nós damos peito à nova, se ela agrada,
E só cremos no mal depois de o ver.

E. A. Vidal

O homem de meia idade

Um homem que era já de meia idade,
Tomando impertinências por vontade,
Teve duas mulheres; uma antiga,
Outra que era ainda muito rapariga.
A velha, que o queria semelhante,
A fim que fosse dela bem amante,
Todo o cabelo preto lhe arrancava;
A moça, que mais moço o desejava,
O branco lhe tirava. De maneira
Que a cabeça era já uma caveira.

Ninguém seja tão néscio que presuma
De ajuntar de mulheres um processo:
Raro com uma só tem bom sucesso,
Que sucessos terá tendo mais uma?
Terá quem sem dar tréguas o consuma,
Quem peça e talvez furte com excesso;
Não fará em ter bens algum progresso,
Fazendo elas que tudo se lhe suma.
Cada qual das perversas, como aspira
A tirar o que é mais do seu agrado,
Arrepela sem pena de que fira.
Em puxar e arrancar vai o cuidado;
Por isso o menos mal, que o louco tira,
E sair-lhe das unhas bem pelado.

Couto Guerreiro

O gato e o macaco

Ratão era um malandro. Se era um gato!
 Beltrão, outro maior, porque era mono.
 Gozavam ambos um viver pacato,
 Servindo com preguiça o mesmo dono.

Este par de tratantes
 Tinha perdido o medo a toda a gente.
 Furtavam a valer! E felizmente
 Que – não sendo os criados vigilantes –
 Não punham pé em casa dos estranhos.
 O Beltrão, que larápio! E malfazejo.
 O Ratão, esse andava atento ao queijo
 E já nem se importava com murganhos.

Um dia os dois, sentados
 À lareira,
 Recebendo o calor, muito chegados,
 Viam assar castanhas. E pensavam,
 Sentindo comichões de ladroeira:
 «Quem as surripiasse! Tinha graça!»
 Era um belo petisco que papavam,
 E pregavam por cima uma pirraça.
 Beltrão, já com a boca muito aguada,
 Pespegou no colega uma palmada
 E disse-lhe, a sorrir, com muitas manhas:
 «Quero admirar a tua habilidade!

Tu dizes que és esperto,
 Que tens agilidade...
 Ora vê lá se safas as castanhas! ...
 Não és capaz. Vamos a ver se acerto.
 É difícil, é facto,
 Mas... Ah! que se eu tivesse mãos de gato,
 As castanhas saltavam cá p'ra fora!»

Ratão, sem mais demora,
 Inchado de fumaças de quem pode,
 Com muita ligeireza
 Arreda a cinza, escalda-se, sacode
 Os dedos, vai com mais delicadeza...
 Pá! rola uma castanha, duas, três!...

Beltrão ria-se, vendo
 Executar esta partida nova.
 «Que grande ligeireza!» E ia comendo.
 Chega a criada... Zut! Mas desta vez
 O hábil Ratão saiu-se mal. Que sova!
 Uma observação aqui registo:
 Seria muito fácil quanto a mim,
 Mudar este macaco num ministro

E transformar o gato em galopim.

Garcia Monteiro

A raposa e a cegonha

Quis a raposa matreira,
Que excede a todas na ronha,
Lá por piques de outro tempo,
Pregar um ópio à cegonha.

Topando-a, lhe diz: «Comadre,
Tenho amanhã belas migas,
E eu nada como com gosto
Sem convidar as amigas.

De lá ir jantar comigo
Quero que tenha a bondade;
Vá em jejum, porque pode
Tirar-lhe o almoço a vontade.»

Agradeceu-lhe a cegonha
Uma ofrenda tão singela.
E contava que teria
Uma grande fartadela.

Ao sítio aprazado foi,
Era meio-dia em ponto,
E com efeito a raposa
Já tinha o banquete pronto.

Espalhadas num lajedo
Pôs as migas do jantar,
E à cegonha diz: «Comadre,
Aqui as tenho a esfriar.

Creio que são muito boas –
Sans façon – vamos a elas.»
Eis logo chupa metade
Nas primeiras lambedelas.

No longo bico a cegonha
Nada podia apanhar;
E a raposa, em ar de mofa,
Mamou inteiro o jantar.

Ficando morta de fome,
Não disse nada a cegonha;
Mas logo jurou vingar-se
Daquela pouca-vergonha.

E afectando ser-lhe grata,
Disse: «Comadre, eu a instigo
A dar-me o gosto amanhã
De ir também jantar comigo.»

A raposa lambisqueira
Na cegonha se fiou,
E ao convite, às horas dadas,
No outro dia não faltou.
Uma botija com papas
Pronta a cegonha lhe tinha.
E diz-lhe: «Sem cerimónia,
A elas, comadre minha.»

Já pelo estreito gargalo
Comendo, o bico metia;
E a esperta só lambiscava
O que à cegonha caía.

Ela, depois de estar farta,
Lhe disse: «Prezada amiga,
Dêmos mil graças ao Céu
Por nos encher a barriga.»

A raposa, conhecendo
A vingança da cegonha,
Safou-se de orelha baixa,
Com mais fome que vergonha.

Enganadores nocivos,
Aprendeí esta lição:
Tramas com tramas se pagam,
Que é pena de Talião.

Se quase sempre os que iludem
Sem que os iludam não passam,
Nunca ninguém faça aos outros
O que não quer que lhe façam.

Curvo Semedo

O veado enfermo

Em país só dos seus, caiu doente um veado.

In continenti acha a seu lado

Camaradas que o vão visitar, socorrer,
Ao menos consolar; uma corja maçante.

«Senhores, deixem-me morrer;

Deixem que a Parca neste instante

Me despache ao seu uso; e terminem as dores

E o pranto.» Os seus consoladores

Tardando esse dever cumpriram, e só quando

Deus quis se foram retirando,

Não sem beber um belo trago,

Assim como quem cobra imposto de visita.

Sofreram do veado os campos grande estrago

E os tosou a valer a cambada maldita.

Nada a dizer o doente achou:

De um mal num mal pior tombou,

E foi forçado – ó dor sem nome! –

A jejuar, morrer de fome!

Do corpo, ó médicos, e da alma!

Quem vos reclama perde a calma.

Bem alto eu grito, e não me iludo:

Int'resse! és quem dá leis a tudo!

Filinto de Almeida

O leão vencido pelo homem

Pôs-se em venda uma pintura
Onde estava figurado
Leão de enorme estatura
Por mãos humanas prostrado.

Mirava a gente com glória
O painel. Eis senão quando,
Um leão que ia passando,
Lhe diz: «É falsa a vitória.

Deveis o triunfo vosso
A ficção, blasonadores!
Com mais razão fora nosso,
Se os leões fossem pintores.»

Bocage

A panela de ferro e a panela de barro

A panela de ferro, um certo dia,
Ao sair do esfregão da cozinheira
Mui fresca e luzidia,
Disse à de barro, sua companheira:
«Vamos dar um passeio,
Fazer uma viagem de recreio.»
«Iria com prazer – disse a de barro; –
Mas sou tão delicada,
Que se acaso num seixo ou tronco esbarro,
Lá fico esmigalhada!
Acho mais acertado aqui ficar,
Ao cantinho do lar.
Tu sim, que vais segura:
A pele tens mais dura.»
«Se é só por isso, podes ir comigo;
É medo exagerado o teu; contudo,
Se houver qualquer perigo,
Serei o teu escudo.»
A tal dedicação, a tal carinho
Não pôde a companheira replicar,
E as duas a caminho
Lá vão nos seus três pés a manquejar.
Mas, ai! não tinham dado quatro passos,
Numa vereda estreita,
Eis que se tocam – e a de barro é feita,
Coitada, em mil pedaços!

Para sócio não busques o mais forte,
Que te arriskas decerto à mesma sorte.

Acácio Antunes

Os lobos e as ovelhas

Os lobos e as ovelhas, que tiveram
Uma guerra entre si, tréguas fizeram:
Os lobos em reféns lhes entregavam
Os filhos; as ovelhas os cães davam.
Os lobinhos, de noite, pela falta
Dos pais, uivavam todos em voz alta.
Acudiram-lhes eles acusando
As ovelhas de um ânimo execrando;
Pois contra o que é razão e o que é direito,
Algum mal a seus filhos tinham feito.
Faltavam lá os cães que as defendessem,
Deu isto ocasião a que morressem.

Haja paz, cessem guerras tão choradas;
Mas fiquem sempre as armas e os soldados,
Que inimigos que são atraídoados,
Tomaram ver potências desarmadas.
Não durmam, nem descansem confiadas
Em ajustes talvez mal ajustados:
Nem creiam na firmeza dos tratados,
Que os tratados às vezes são tratadas.
Só as armas os fazem valiosos;
E ter muitos soldados ali juntos
Respeitáveis a reis insidiosos.
Senão para os quebrar há mil assuntos;
E mais tratados velhos, carunchosos,
Firmados na palavra dos defuntos.

Couto Guerreiro

O galo e a raposa

Empoleirado num sobreiro antigo,
Fazia um velho galo sentinela.
Uma raposa diz-lhe: «Irmão e amigo,
Venho trazer-te uma notícia bela.

Nas nossas dissensões passou-se um traço
E acaba de assinar-se a paz geral;
Desce, que quero dar-te estreito abraço
E juntamente o beijo fraternal!»

«Amiga – diz-lhe o galo – folgo imenso;
Não podia esperar maior delícia! ...
Vejo dois galgos a correr, e penso
Que são correios da feliz notícia.»

Foge a raposa sem dar mais cavaco;
E o galo sentiu íntimo consolo.
Pois é grande prazer ver a um velhaco
Entrar espertalhão e sair tolo!

J. I. de Araújo

A ingratidão e a injustiça dos homens acerca da Fortuna

Sobre as águas do mar, um negociante,
 Depois de bastas viagens,
 Dos ventos triunfando,
 Foi venturoso e rico.

Bancos de areia, rochas, nem voragens
 Lhe pediram portagem de algum fardo;
 Francos lhos deu a sorte.

Cobrou de quantos camaradas teve
 Átropos e Neptuno, seus direitos,
 Enquanto se esmerava
 Em pôr o seu mercante
 Fortuna em salvo porto.

Sócios, caixeiros, todos leais lhe foram.
 Vendeu, pelo que quis, tabaco, açúcar,
 Canela e porcelana:

Que o luxo concorreu c'ô desassiso,
 A engrossar-lhe o tesouro.

Só de dobrões se lhe falava, em casa.
 Ei-lo que tem matilhas, coches, urcos;
 Seus dias de jejum eram noivados.

Certo amigo, que via
 Tão esplêndidos banquetes,
 Requer donde lhe vinha tão bom pasto.
 «Donde é que me há-de vir? Da minha agência.

Tudo se deve a mim, ao meu talento,
 Ao meu desvelo, e a aventurar a tempo
 O meu dinheiro a juros, com bom tino.»

Como achasse em tais lucros
 Sabor mui de seu gosto,
 Quanto ganhado havia, arriscou tudo.
 Mas nada, desta vez, lhe veio a salvo.
 Quem foi a causa? A imprudência.

Foi-se ao fundo um navio
 Que ele não segurara.
 Falto de armas, tomado por corsários,
 Outro navio foi. Surgiu no porto

O terceiro, e não teve
 A fazenda consumo,
 O luxo e o desassiso.
 Feitores o lograram;

E ele mesmo, c'ô estrondo e escapate
 De banquetes sumptuosos,
 Grande gosto em prazeres,
 E em edifícios grande,
 Súbito se achou pobre; e o seu amigo,

Que tão caído o viu: «Donde vem isso?

– Ai de mim! da Fortuna.

– Consolai-vos; e se ela não consente

Que gozeis de ventura,

Tende juízo ao menos.»

Filinto Elísio

As rãs pedindo rei

Viviam certas rãs num charco imundo
 Em república plena. Era um pagode!
 Tal-qual uns democratas que há no mundo
 Julgando que a república, no fundo,
 Outra coisa não é senão a gente
 Fazer o que bem quer e quanto pode,
 A rã tripudiava impunemente.
 Todos os dias era certo o choque
 Entre o batráquio forte, intransigente,
 E parte da nação já descontente
 Que a Júpiter pedia ou rei ou roque.

O deus fez-lhe a vontade.
 Largou-lhe lá do céu um rei pacato,
 De suma gravidade.

Das alturas tombando, o rei na queda
 Fez tal espalhafato,
 Que as fêmeas em pavor, os machos fulos,
 Aquelas saltitando, estes aos pulos,
 Como é uso das rãs nas grandes crises,
 Cada qual a gritar: arreda! arreda!
 Entre os juncais, no lodo, nas raízes,
 Dos salgueirais se enreda.

Por longo tempo em seus esconderijos
 Das rãs esteve homiziado o povo.
 Transformaram-se em medo os regozijos
 Da antiga bacanal. Gigante novo
 Cuidavam ser o rei que o céu lhes dera.
 Não ousavam sequer sair da toca;
 Pois, não raro, os instintos maus da fera
 Por imprudente a presa e que os provoca.
 Já nessas eras muito a pêlo vinha
 Dizer: *Cautela e caldos de galinha...*

O rei era um pedaço de madeira.
 Nem mais, nem menos. Numa bela tarde
 Uma das rãs, por ser menos covarde
 Ou mais bisbilhoteira,
 Tirou-se de cuidados, manso e manso
 Na flor das águas surge, e às guinadinhas
 Com muito tento e jeito,
 Do cepo se aproxima.
 Após ela vem outra... e outra... aos centos!

Vendo que o rei não sai do seu ripanço,
Rodeiam-no; coaxam: *Salta acima!*...
E coaxado e feito!...

O rei, temido outrora, às picuinhas
Dessa chusma vilã se vê sujeito.
Em rápido momento
Sobre ele a malta audaz se encarrapita,
E faz do bom monarca um bom assento.
Nem chus nem bus! Calado que nem porta,
Qual fora noutros tempos!...

Isto irrita.

Rompem as rãs então numa algazarra
Que o pântano atordoia,
Os fios da alma a quem as ouve corta:
«Leva daqui, ó Jove, esta almanjarra
Que nem mexe, nem pune, nem perdoa,
E mais parece uma alimária morta.
Cabide duma c'roa,
Em vez de nosso rei – nossa vergonha!»
Vai Júpiter que faz? Uma cegonha,
Das muitas que possui, logo destaca,
E manda que das rãs ponha e disponha,
Numa das mãos o queijo e noutra a faca.

Ora a cegonha, apenas em seu trono
Dona das rãs se vê e sem ter dono,
Diz consigo:

«Nasci dentro dum fole!

Quem tira agora o papo da miséria
Sempre sou eu!...»

Passeia toda séria,

Perna aqui... perna além, num andar mole,
E quanta rã apanha quanta engole.

Geral consternação o charco enluta,

Renovam-se as lamúrias:

Que o rei é doido e tem às vezes fúrias;
Que, doido ou não, o povo trata à bruta.
Por fim, que faça o deus formal promessa
Doutro rei que as não coma tão depressa!

O Júpiter tonante

Destarte lhes responde:

«Inútil prece!

Dei-vos um rei tranquilo, inofensivo,
Que nem sempre se tem nem se merece;

Um rei que era um regalo!

Foi vê-lo e pô-lo pela barra fora!

Dei-vos segundo: um génio um pouco vivo.

Meninas, aguentá-lo!
Era bom o primeiro e foi-se embora.
É mau este de agora.
Contentai-vos com ele, ó meus endezes,
Que venha quem vier.., pior mil vezes!»

Francisco Palha

Os médicos

Certo médico, chamado
De alcunha o Tanto-Melhor,
Foi visitar um doente,
Do qual o Tanto-Pior
Era médico assistente.

O último, sempre funesto,
Que o doente morreria
Altamente sustentava,
E o Tanto-Melhor dizia
Que o pobre enfermo escapava.

Houve sobre o curativo
Mui grande contestação;
Um aplicava calmantes,
O outro armava uma questão
Em favor dos irritantes.

No fim de tanto debate,
O enfermo a vida perdeu,
E o Tanto-Pior clamou:
«Vejam qual de nós venceu!
Se o meu cálculo falhou.»

Tornou-lhe o Tanto-Melhor,
Mostrando um vivo pesar:
«Pois eu sempre afirmarei
Que morreu por não tomar
Os remédios que indiquei.»

Enquanto a mim, se os tomasse,
Morrer havia igualmente;
Mas é desgraça maior
Cair um pobre doente
Nas mãos dum Tanto-Pior.

Curvo Semedo

O filósofo cita

Na Cítia, certa vez, por motivo severo,
 Credo encontrar o bem nas privações do exílio,
 Saira a viajar um pensador austero.

Vivia então na Grécia, em farto domicílio,
 Junto às flores que amava e na paz respeitado,
 Um sábio igual àquele ancião de Virgílio.

O cita o foi achar no jardim ocupado:
 Esmondava da erva as árvores de fruto
 E do galho atrofiado.

Ali cortava um ramo, aqui outro corrupto;
 E à cega natureza
 Ia pagando a arte o liberal tributo.

O filósofo a olhar, tomado de surpresa
 Lhe disse: «O que fazeis? Pois um sábio mutila
 Os pobres vegetais com tão grande dureza?»

Dai-me o vosso instrumento, o qual tudo aniquila;
 O tempo obra melhor». Sem se alterar em nada,
 O outro respondeu na sua voz tranquila:

«Eu só tiro o que sobra; à planta decotada
 Melhor seiva aproveita.»
 E o cita então volveu à sua triste morada.

Lá chegado uma vez, previne-se e endireita
 Contra raro vergel, e do útil ofício
 Ensina à vizinhança uma falsa receita.

Nada deixa de pé: os rebentos sem vício,
 O caule mais florido, o tronco mais correcto,
 E sem escolher lua e nem dia propício.

Afinal morreu tudo.

Imita este indiscreto

Aquele que da alma, e posto indiferente,
 Repele o mau e o bom e o mais sagrado afecto.

Eu me acautelo bem e temo uma tal gente...
 O estóico, incapaz do mais leve conforto,
 Fazendo sempre o mal, vai levando o vivente
 A já nem existir muito antes de estar morto.

J. Mariano de Oliveira

O camelo

Arrepiou-se ao homem o cabelo
Quando a primeira vez viu o camelo:
Aquele grande corpo, o mau feitio
O obrigou com pavor a ficar frio.

Mas vendo que a ninguém ele se lança,
Pouco a pouco tomou tal confiança,
Que não só a chegar a ele se anima,
Porém pôs-lhe uma albarda e carga em cima.

Couto Guerreiro

O avaro que perdeu o tesouro

Quem não usa não tem, reza o adágio;
 E é bem verdadeiro;
 Pois nada prestará, sem o gozarmos,
 Acumular dinheiro.
 Esopo, no seu conto
 Do tesouro escondido,
 Fornece belo exemplo ao nosso ponto.

Houve outrora um avaro
 Que ouro sobre ouro juntava,
 E nem um real gastava:
 Dele escravo e não senhor,
 Ao vê-lo, imagináreis
 Que a fortuna assim unida
 Guardava para outra vida,
 Para outro mundo melhor.

Enterrou-o numa cova,
 E a alma enterrou com ele.
 Coma, beba, durma, vele,
 O seu único prazer
 É pensar a cada instante
 No seu virginal erário,
 Que adora, como sacrário;
 E a cada instante i-lo ver:

Foi lá, foi lá tantas vezes,
 Que um cavador, com suspeita
 Do mistério, a cova estreita
 Abriu, e tudo roubou.
 Pouco depois o avaro
 O passeio costumado
 Fez ao seu ouro adorado.
 Mas... só o ninho lhe achou!

Pasma; lágrimas derrama;
 Soluça; geme; suspira;
 De raiva os cabelos tira.
 É um sonho! Não o crê!
 Nisto acaso um viandante
 Por aquele sítio passa,
 E com dó de tal desgraça
 Pede a razão do que vê.

«Roubaram-me o meu tesouro!

– O teu tesouro roubaram?
E em que lugar o encontraram?
– Junto desta pedra; aqui.
– Porque o trouxeste tão longe?
Receias alguma guerra,
Para o esconderes na terra
De todos, e até de ti?

Veio espairecer no campo?
Antes em casa guardado
Estivesse a bom recado,
E tu a vê-lo, e a gastar.
– Eu gastar o meu dinheiro!
O meu dinheiro! Estás louco!
Custa ganhá-lo tão pouco?
Eu nunca lhe ousei tocar!

– Que me dizes! Impossível!
– Nunca! – Então inútil era.
E a mágoa te desespera?
Famoso! Deixem-me rir!
Nesse caso, põe na cova
Uma pedra: o mesmo importa
Que a tua riqueza morta:
Do mesmo te há-de servir.»

Ramos Coelho

O leão e o jumento à caça

Por folga, o rei dos animais, um dia,
 E dia de anos, quis andar à caça.
 Pardais, para leões, são caça ténue;
 Sim bons veados, corços,
 Possantes javalis. Para este empenho
 Surtir melhor, usou do ministério
 Do zurro de Estentor dum forte burro,
 Que fez da trompa o ofício;
 Posto na espera, e oculto nos silvados,
 Lhe ordenou Monsenhor Leão que zurre.
 Bem certo, que sons tais aos menos tímidos
 Dos covis arrancassem.
 Não tinham de costume inda esses brutos
 Ouvir trovoada tal. Com o espantoso
 Estrugido esses ares ribombavam,
 E se apossava o susto
 Dos hóspedes das selvas. Fogem todos,
 E caem na emboscada inevitável
 Em que os espera o leão. Ovante o burro,
 Dando-se grandes gabos,
 Dizia ao rei: «Não vês quanto hei servido?
 – Sim, zurraste tão rijo, que a não seres
 Tu, e tua relé de mim sabida
 A mim mesmo espantaras.»
 Bem que assaz tinha o chasco merecido,
 A ter auso, o jumento se agastara.
 Quem há, que as roncas sofra dum jumento,
 Que sai da sua esfera?

Filinto Elísio

A lebre e as rãs

Muito alapada, cismando
Deixou-se a lebre ficar.
Quem vive só numa toca
Por força que há-de cismar.

Ralava-a susto e tristeza,
Por isso entre si dizia:
«Quem veio ao mundo com medo
Não tem hora de alegria.

Nada me luz nem me sabe,
Meus passos vagam incertos,
E sou tal que, até dormindo,
Durmo c'os olhos abertos!

É ter emenda! – convenho;
Mas quem é que a pode dar?
Neste ponto há-de haver homens
Que me estejam muito ao par.»

Assim ponderava a lebre,
De olho vivo e orelha fita.
Se uma sombra ondula, treme,
Qualquer murmurinho a agita.

Eis que ouvindo um rumor leve,
Ao covil corre açodada.
No caminho havia um brejo
Onde as rãs tinham morada.

Estas mergulham de chofre,
Nas lapas buscando abrigo.
«Pois também eu causo medo,
Trazendo-o sempre comigo?

Pus o campo em debandada,
Em volta paira o terror!...
Não há poltrão neste mundo
Que não ache outro maior!»

E. A. Vidal

LIVRO TERCEIRO

1

Os mateiros e Mercúrio

Um mateiro, homem de bem,
Junto de um rio lenhava,
E do cabo lhe saltava
O machado, e cair vem
No rio, onde se afundava.

Desconsolado carpia
O triste o seu ganha-pão;
Porém nessa ocasião
Mercúrio os ares fendia
De Jove a uma missão.

Examinou seu semblante,
Compadecendo-se, e diz:
«Vejamos se esse infeliz
É honrado, ou se é tratante,
Que de seu rosto desdiz.

Homem, por que assim pranteias?
– Por ter filhos e mulher,
Sem ter mais para os manter
Que a bipene que às areias
Desse rio ora foi ter.

– Comprar outra. – E o dinheiro?
Isso é que chorar me fez!»
Vistes vós alguma vez
Dar a rã salto ligeiro
Dentro à água paludez?

Assim Hermes salta ao rio,
Mergulha; após breve instante,
De ouro machado brilhante
Traz polido e luzidio,
E ao mateiro o pôs diante.

«Aqui tens o que perdeste.»
Ele o olha, e diz: «Senhor,
Um machado cortador
Eu perdi, mas não é este,
Bem que tenha mais valor.»

Mergulha outra vez o nume,
C'um de prata saiu fora,
E diz: «Será este agora
A segure de bom gume
Que a tua mágoa deplora?

– Também não. – E coisa rara!
– Juro-te que não é minha.»
Desce o nume ao rio azinha,
E traz, qual se então a achara,
A que ele perdido tinha.

«É esse – exclama contente;
Esse é ele, o bom machado
Com que tenho granjeado
Pão que os meus e a mim sustente;
Eternamente obrigado.»

Então o nume tomando
A forma celestial,
Lhe diz: «Pois és tão leal,
Que as riquezas desprezando,
Queres o teu, e não aí?

Em prémio da probidade
De que prova clara dás,
Com todos três ficarás;
E de Mercúrio a deidade
Sempre propícia terás.»

O caso se divulgou,
E logo um outro mateiro,
Avarento e traiçoeiro,
N'água o machado deitou,
E pôs-se a fazer berreiro.

Mercúrio de novo desce,
E para assim o sondar,
Vai-lhe o machado buscar;
Com o de ouro lhe aparece,
E eis o mateiro a gritar:

«É esse! é esse! – Vê bem!...
Olha se estás enganado!...
– Qual história! O meu machado
Eu bem conheço! – E eu também,
Que és mentiroso e malvado!

E pois és tão atrevido,
Que ousas um nume enganar,

Sem machado hás-de ficar,
E depois de bem zurzido,
Outro à feira hás-de ir comprar!»

Pelo cabelo o agarrou,
E logo c' o caduceu
Tanta paulada lhe deu,
Que quase morto deixou
Sobre a relva o mau sandeu.

Neste apólogo ensinar
Quis Esopo que a verdade
Sempre agrada à Divindade,
Que usa sendos prémios dar
Ao delito e à proibidade.

Costa e Silva

Os tavões e as abelhas

Na produção se reconhece o artífice.

Alguns favos de mel não tinham dono:
Logo a si os chamaram os tavões;
As abelhas, opondo-se, levaram
O pleito a certa vespa. Era difícil
De tirar deste caso as conclusões.
Depondo, as testemunhas declararam
Que *alados animais, um tanto longos,*
Zumbindo, escuros, tais como as abelhas,
Rondando os favos por ali andaram.
Mas, ah! que nos tavões estes sinais
São os mesmos – tais-quais.

Não sabendo que opor a estas razões,
A vespa quis mais luz e decidira
Tirar, segunda vez, inquirições.
Ouviu um formigueiro;
Mas o caso, inda assim, que era intrincado,
Ficara no tinteiro.

Uma abelha ladina exclama então:
«A que vem para aqui, fazem favor,
Todo este arrazoado?
Há seis meses que o pleito está pendente.
E nós como a princípio, exactamente.
Com a tardança o mal ganha bolor.
Decida-se o juiz;
Já nos levou a pel' como bem quis.
Nós agora sem réplicas nem trélicas,
Sem contraditas mais, nem mais farragem,
Mãos à obra, e munidas de coragem,
De par com os tavões a trabalhar,
Deste mimoso suco a ver quem sabe
Tão primorosas celas fabricar.»

Recusando os tavões, claro se via
Que o seu estreito engenho não podia
Tal arte exercitar.
Julgando a vespa, então, à parte contra
O mel foi dar.

Prouvera a Deus que todos os processos
Se julgassem assim. Ah! quem seguira
O método dos turcos neste ponto –

O bom senso de código servira!
Não se fora o melhor gasto nas custas:
Não fomos sugados, arrasados,
Com delongas constantes:
Afinal o juiz faz-se co'a ostra,
E atira com a casca aos litigantes!

Bulhão Pato

O leão doente

Um leão vendo-se enfermo,
Passa aviso a seus vassallos
De que à vida vai pôr termo,

E que intenta aconselhá-los
Sobre a regência futura,
Dar-lhes beija-mão, e honrá-los.

Dos leões à fé lhes jura
Que trata bem qualquer fera
Que o visita e o procura:

Porém na furna as espera,
E quando alguma entrar ousa,
Logo a mata e dilacera.

Eis uma esperta raposa
Pára, e diz, sem que entre lá:
«Xau! que eu observo uma coisa!

Pegadas mil aqui há;
Mas para lá todas vão,
E nenhuma para cá;

Saúde, senhor Leão!
Quero-me à glória eximir
De beijar-lhe a régia mão;

Porque jurei jamais ir
A qualquer casa ou lugar,
Vendo só por onde entrar,
E não por onde sair.»

Foi reflexão mui subida
Esta que fez a raposa;
Que é loucura desmedida
Entrarmos em qualquer coisa
Sem ver se temos saída.

Curvo Semedo

Os dois dragões

Certo enviado do Sultão
Preconizava um dia a tropa de seu amo,
Dando-a até por melhor que a do Império Alemão.
Foi no paço esta cena. Acudia ao reclamo

Um fidalgo de Berlim

Dizendo assim:

«Aos pés do nosso trono avultam principados
De tal poder, tão abastados,
Que deles um qualquer só no artigo soldados
Tem como um rei.»

O turco, homem de tino e esperto,
Sorriu, curvou-se e respondeu:
«De cada principado as forças, senhor meu,
Conheço-as eu,
E muito ao certo;
E, pelas conhecer, me lembra agora acaso
O que uma vez – sem risco algum – presenciei.

Se o permitis, eu contarei.

Foi este o caso:

De um valado ao través vi despontar, a custo,
Silvando, e a colear, e de olhos como a arder,
As cem cabeças da Hidra. É natural o susto;
Tive-o; pudera não! Mas notei, com prazer,
Que a Hidra não passava; e, por mais que lutasse,
Não houve conseguir que inteira a cauda imensa,

Por mais que ali barafustasse,

Pelo valado achasse

Passe.

De terror mal cobrado, eis que na sebe densa

Ouçõ rumor, e vejo então

Saindo desta feita a medonha presença

E a crista colossal de um singular dragão!

Tinha uma só cabeça, e as caudas eram cem.

E ele lá vem! lá vem! lá vem!

Lá passa todo, e muito bem.

Ao recordar-me desta história,
Meus bons amigos e senhores,
Não sei porquê, vêm-me à memória
Os nossos dois imperadores.»

Júlio de Castilho

A cerva e a vide

Estava entre umas parras escondida
Uma cerva, que vinha perseguida
De uns que andavam à caça: iam passando,
Sem que a vissem; a néscia imaginando
Que estava já segura, foi comendo
Umhas folhas que a estavam defendendo.
Eles viram bulir, e suspeitaram
O que era; deram volta, e a mataram.
Ela, expirando, diz: «Justo o castigo
Que ofendi quem serviu de meu abrigo!»

Couto Guerreiro

O mono e o leopardo

O leopardo e o mono
 Mostravam-se nas feiras
 Enchendo as algibeiras.
 Bradava o leopardo com entono:
 «É conhecida a história
 Da minha imensa glória.
 O próprio rei quis ver
 O meu pêlo esquisito, e, ao contemplá-lo,
 Ordenou que, no dia em que eu morrer,
 Lhe façam um regalo
 Da minha pele ondeada,
 Zebrada, chamuscada,
 Mosqueada, marchetada!»
 A cor sempre agradou. Cada qual ia,
 Olhava, e nada mais, depois saía.
 E o macaco a gritar: «Vinde, senhores,
 A ver o rei dos escamoteadores.
 Deixai gabar-se o leopardo, que ele
 Só tem a variedade à flor da pele:
 É vazio no espírito! Simão,
 Vosso servo, que é primo coirmão
 E genro de Gaspar,
 Que foi mono do papa noutras eras,
 Acaba de chegar em três galeras
 Só para vos falar.
 Sabe falar, cantar, dança e rebola,
 Salta, pula, marinha e cabriola,
 Faz caretas e partes,
 Fura paredes e arcos,
 Tudo isto por uns parques
 Quatro vinténs: vinde animar as artes.
 E, o que inda mais importa,
 Se a alguém lhe não agrada
 Ensina-se-lhe a porta
 E não se leva nada.»

Dou razão ao macaco. Na verdade
 A mim não me cativa a variedade
 No exterior; chega a cansar a vista.
 O espírito, não há quem lhe resista,
 Renova-se e seduz.
 São certos figurões como o leopardo:
 Das galas do trajar fazem alardo,
 Tendo os cérebros nus.

Silva Ramos

O leão e o caçador

Um caçador bazófico, que perdera
Um cão de boa raça,
Com suspeitas que um leão no papo o tenha,
Vendo um pastor, lhe disse:
«Vem mostrar-me onde mora o tal gatuno;
Contas pedir-lhe quero.
– Mora ao pé desse monte. C’um cordeiro,
Que cada mês lhe pago,
Me quita; e, a bel-prazer, corro esses campos,
Em sossego.» – Inda falavam,
Que sai o leão, e a passo mais que cheio,
Toma as de vila-diogo,
Gritando, o meu bazófico: «Ó Jove, aponta-me
Guarida que me salve!»

Filinto Elísio

O rato e o elefante

Um mínimo ratinho, ao ver um elefante
 Dos de vulto maior – quadrúpede gigante –
 A motejar se pôs do caminhar pausado
 Do famoso animal, que no dorso elevado,
 Como em terceiro andar, tranquilo conduzia
 Com sultana gentil de ilustre jerarquia,
 O seu gato, o seu cão, sua velha companheira,
 Um papagaio e um mono, a sua casa inteira,
 Que iam de romana.

O mísero ratinho

Pasmava ao ver o povo atento no caminho
 A contemplar absorto aquela enorme massa:
 «Como se o ocupar maior ou menor praça
 Tirasse – ele dizia – ou importância desse!
 Homens, que admirais vós num animal como esse?
 O volume será do corpo seu robusto,
 Que infantes apavora e os faz tremer de susto?
 Nem um só grão, sequer, nós nos prezamos menos
 Que um elefante, nós, que somos tão pequenos!»

E mais ainda o rato iria grazinando,
 Se o gato, da gaiola um lesto salto dando,
 Não lhe houvesse mostrado, em menos dum instante,
 Que diferença vai de um rato a um elefante.

A. Lopes Cardoso

A raposa derrabada

Uma ladina raposa
 Caiu em certa armadilha
 – Que sempre as tece o Diabo! –
 E foi grande maravilha
 Ficar apenas sem rabo.
 Com tal perda envergonhada,
 De a coonestar busca a ideia;
 E as sócias vendo uma vez
 Juntas em grande assembleia,
 Lhes disse muito cortês:
 «Sabei que os cães destes sítios,
 Que há dias tenho encontrado
 Por essa campina toda,
 Têm cérceo o rabo cortado,
 Que me faz crer que isto é moda;
 Se é moda – falo-vos sério –
 Nunca vi coisa mais útil!
 De que serve, dizei vós,
 Trazermos um peso inútil
 Pendurado atrás de nós?
 Um rabalhão guedelhudo,
 Que nos faz calma no Estio,
 E lá pelo Inverno todo
 Nos dobra, e exaspera o frio,
 Ou cheio de água, ou de lodo?
 Portanto eu vos aconselho
 – E deixemos questões fúteis –
 Que o rabo cortemos todas;
 Pois quando as modas são úteis,
 É útil seguir as modas.»
 Uma doutora do rancho,
 Mestra em astúcias antiga,
 Lançando-lhe a vista em roda,
 Lhe diz: «Ora aposto, amiga,
 Que tu já usas da moda?
 Deixa ver, dá meia volta.»
 Eis que então a derrabada,
 Disfarçar-se não podendo,
 Ao som de grande assoada,
 Dando às gâmbias foi correndo.
 Quem de um delito afrontoso
 Em si o ferrete imprime,
 Com achar parceiros conta,
 Crendo que a mancha do crime,
 Sendo usual, pouco afronta.

Curvo Semedo

Os ladrões e o asno

Brigavam dois ladrões por um roubado burro:
Com ele um quer ficar, quer outro expô-lo à venda.
E enquanto a discussão entre ambos corre a murro,
Terceiro vem que empolga a causa da contenda.

Não raro uma província ao burro é semelhante,
E uns príncipes quaisquer, iguais aos salteadores:
O Turco, o Transilvano, o Húngaro – em que instante,
Em vez de dois que busco, eis três dos tais senhores!

Abunda esta fazenda – embora com frequência
Nenhum lugar consiga a terra conquistada,
Se vem quarto ladrão que rindo da pendência
Cavalga no jumento e aos três dá surriada.

Gomes de Amorim

O Sol e o Vento

Entraram em contenda o Sol e o Vento
Sobre qual tem mais força, mais alento.
Passava nesse tempo um caminhante,
Assentaram que havia ser triunfante
O que tivesse forças, que lhe bote
Dos ombros para fora o seu capote.

Fez o vento tal força, que mostrava
Que já por esses ares lho levava,
Mas o dono às mãos ambas o sustenta;
Porém foi tal a força da tormenta,
Que ele já de sustê-lo desanima,
E, enrolando-se bem, deitou-se em cima.
O Vento andou de roda, deu-lhe um jeito,
Deu-lhe outro; porém tudo sem efeito.

Entrou na empresa o Sol, mas sem violência,
Antes com mansidão e com demência:
No meio de uma tal serenidade
Os raios tinham tanta actividade
Que já os não sofria o passageiro.
Chegou-se a um sombrio castanheiro,
O capote depôs, que o martiriza
A veste, e fica em mangas de camisa:
Com assombro do Vento furioso,
Ficou por manso o Sol vitorioso.

Couto Guerreiro

Os dois touros e a rã

Dois touros brigavam, por causa de amores,
Não longe de nédia vaquinha louçã;
Do charco onde habita, notando os furores,
Assim, assustada, lhes fala uma rã:

«Que é isso?... não vedes que ao fim dessa briga
Será desterrado do campo um de vós,
O qual, suportando vergonha e fadiga,
Virá sobre os charcos pisar-nos a nós?

É justo soframos, sem ter pretendido
A posse da vaca?» – E a triste acertou!...
Fugiu para os charcos o touro vencido,
E rãs, sob as patas, às mil esmagou!

Famosa verdade! Mas, caros leitores,
Por muito sabida, não deve espantar:
As grandes toleimas dos grandes senhores
São sempre os pequenos que as têm de pagar!

José Inácio de Araújo

A ostra e os pleiteantes

Dois peregrinos
 Um dia encontram
 Na praia um ostra,
 Que o mar lançara.
 Já c'os olhos a sorvem, já c' o dedo
 A apontam um ao outro.
 Pôr-lhe dente? Isso é ponto contestado.
 Um se debruça
 A colher preia,
 E o outro o arreda.
 E diz: «Saibamos
 A quem compete
 Ter dela o gozo.
 O que a avistou primeiro, a trinque; e o outro
 Veja-a com o olho,
 Coma-a co'a testa!
 – Se o negócio – diz o outro – assim se julga,
 Tenho, graças a Deus, esperto lúzio.
 – Nem os meus são ruins – disse o primeiro –
 Que antes que tu a vi; por vida o juro.
 – Se a viste, a mim cheirou-me.»
 Neste comenos,
 Chega aos pés deles
 Juiz da Casinha,
 Nele se louvam.
 Mui grave o juiz recebe a ostra e... papa-a.
 E os dois a olhar... Refeição feita:
 «Tomai – lhes diz, em tom de presidente –
 Cada um sua casca,
 Salva de custas,
 E vão-se andando.»
 Contai quanto hoje custa uma demanda,
 E o que a muitas famílias depois fica;
 E vereis que o juiz vos leva o bolo,
 E vós ficais c' o saco, e c' os trebelhos.

Filinto Elísio

A leoa e a ursa

Caiu-lhe o filho na cilada
 Que o mendaz caçador lhe veio ao bosque armar;
 E pelo bosque andava, irada,
 A mãe leoa a urrar – a urrar, a urrar, a urrar...
 E a noite toda e todo o dia
 Soltou berros cruéis, urros descomunais;
 E não só ela não dormia,
 Mas nem dormir deixava os outros animais.
 Tamanho e tal berreiro a fera
 Fazia, que fazia os bichos mais tremer;
 Até que veio a ursa (que era
 Comadre dela) em prol dos mais interceder.
 «Comadre – disse – os inocentes
 Que, famulente e crua, estrangulando vai
 A aguda serra de teus dentes,
 Não têm eles também, acaso, mãe nem pai?
 Têm. Entretanto, estes, pungidos,
 Loucos por um desastre ao teu desastre igual,
 Não vêm quebrar nossos ouvidos;
 Não nos quebres tu, pois, com algazarra tal!
 – Eu, sem meu filho! Ai! que velhice
 Sem ele arrastarei, com este fado atroz!»
 Disse a leoa. E a ursa disse:
 «Do teu fado, porém, que culpa temos nós?!
 – E o destino que me odeia!...»
 E quem no mesmo caso o mesmo não dirá,
 Se dessa frase a boca cheia
 De todo o mundo (diz o La Fontaine) está?...

Raimundo Correia

As orelhas da lebre

Conta-se que em noite escura
Certo animal cornifronte
Pôde ferir à traição,
Junto da encosta de um monte,
O rei das feras, leão;

Que em despique mandou logo
Banir por ordens legais,
Para horror de tal delito,
Os bicornes animais
De todo aquele distrito:

Bois, veados, cabras, todos
Que na frente armas traziam,
Aqueles sítios deixavam;
E os que logo o não faziam,
Dura morte suportavam!

Notando tímida lebre
Cumprirem-se leis tão cruas,
Na sombra um dia observando
As longas orelhas suas,
Disse a um grilo titubando:

«Ai! que estas minhas orelhas
Por chifres se tomarão!
E se houver um delator
Que o vá dizer ao leão,
Da lei me exponho ao rigor!

– Tu fazes de mim pateta?
Fala, tola: pois é crível,
Lhe disse o grilo em bom ar,
Que um par de orelhas flexível
Possa por chifres passar?

– Sim, disse ela; e porque não?
Tenho-os visto mais pequenos.»
Tomou-lhe o grilo: «Vaidosa!
Se os teu fumos fossem menos,
Serias mais venturosa.

Quem és conhece e descansa;
Porque sempre que supomos,
Pela vaidade que temos,

Ser aquilo que não somos,
Mil incómodos sofreremos.»

Curvo Semedo

A águia e o mocho

Um dia a águia disse ao mocho em temas frases:

«O que lá vai, lá vai, é bom pormos-lhe ponto
E fazermos as pazes.

– Eu cá por mim, ‘stou pronto»,

Respondeu ele – e os dois juraram abraçados
Respeitar um do outro os filhitos amados.

«Conheceis já os meus? – disse-lhe a ave triste.

– Não, respondeu a águia; e a ave da ciência

Disse: – Tanto pior. Se nada te resiste,

Como hão-de, dize lá, contar os meus filhinhos

Com a tua demência?

Não lhes queria estar na pele, coitadinhos!

Não, não me fio em ti, porque és rainha, e os reis

Sabem agora lá para que são as leis!

Vocês fazem o mal por um capricho reles.

Filhos do meu amor! Se acaso os vês, ai deles!

– Bem. Pinta-mos então, e escusas de ter medo,

Que eu te prometo aqui não lhes tocar c’um dedo.»

O mocho respondeu: «Aqui tens os sinais:

São muito pequeninos,

Mimosos como a flor, esveltos e bonitos

Como não achas mais;

Tão bem feitos, tão belos,

Que por este retrato hás-de reconhecê-los.

Falta-me agora ver se tu és descuidada,

E me entra aí por casa a Parca amaldiçoada.

Hão-de agradar-te, sei, mas faze a vista grossa

E respeita-os por mim;

Bem sabes que sou pai e que os pais são assim.

Ai, quem meus filhos beija a minha boca adoça!»

Deus dera prole ao mocho, e em noite desabrida,

Que ele batia mato a agenciar a vida,

A águia andando a corso avista de repente

Nuns velhos casarões, todos esburacados,

Uns monstrozinhos tais, de voz tão repelente,

Tão mal feitos de corpo e tão desengraçados,

Que ela disse consigo:

«Não há que recear; não são do nosso amigo.»

E com um gesto guapo

A rainha gentil logo os meteu no papo.

Mas vem de volta o mocho, o mocho, que imagina

Ficar ali de vez,

Ao achar, pobre pai, dos filhos só os pés!

Queixa-se, chora e pede aos deuses punição

Para ela, a assassina,

Que assim lhe veio encher de luto o coração!
«E tua a culpa, alguém então lhe disse, ou antes
É da lei que nos faz achar os semelhantes
A nós, só porque o são, amáveis, lindos, belos.
Por isso os filhos nós perdemos, nós os pais;
Se fizeste dos teus uns elogios tais,
Como podia, dize, a águia reconhecê-los?»

Jaime Vitor

O lavrador e seus filhos

Um lavrador sentindo vir chegando
O fim da sua vida, e desejando
Que os filhos trabalhassem na cultura,
Chamou-os, e lhes disse: «A sepultura
Por instantes me espera: os bens, que tinha,
Enterrados estão na nossa vinha.»
Morto o pai, e tendo eles suspeitado
Que algum grande tesouro sepultado
Lhes deixava na vinha, aparelharam
Enxadas, e solícitos cavaram.
Não acharam tesouro, é bem verdade;
Mas a vinha deu tanta novidade,
Que se pode dizer que foi tesouro,
Segundo o que rendeu de prata e ouro.

Couto Guerreiro

O gato e o rato velho

Li quando era inda menino
 Que um segundo Rodilardo,
 Novo Alexandre felino,
 Gatarrão enorme e pardo,

Era implacável e fero,
 Como um Átila iracundo,
 Temido, como Cerbero,
 Dos ratos de todo o mundo.

Se um ratinho acaso via,
 Supunha ver o Diabo;
 Por isso jurou um dia
 Dos pobres bichos dar cabo.

«Hei-de roer-lhes os ossos!»
 Bem o disse, e melhor fez;
 Pois em vista dos destroços
 Que causava este maltês,

O arsénico, o mata-ratos,
 A engenhosa ratoeira,
 As unhas dos outros gatos
 Eram pura brincadeira.

Tomado de pavor, cheio de susto e medo,
 Jazia o povo rato oculto, mudo e quedo
 Nos buracos. Sabendo o nosso herói que então
 Não podia caçar, por ser espertalhão,
 Morto se finge logo, e numa trave escura
 Como um supliciado o biltre se pendura.
 Não se descreve o gáudio, o inefável prazer
 Dos ratos. Cada qual sua coisa a dizer
 Começa. Um deles brada: «Aposto que o patife
 Algum queijo comeu, algum assado ou bife,
 Ou a pele mimosa à dama, que o criou
 E festas lhe fazia, ingrato ele arranhou.
 Seja o que for, o certo é que hoje o tal amigo
 De feia e torpe acção achou duro castigo.»

Era de ver-se a mudança
 Que fez logo a pobre gente.
 Nos buracos da parede
 Só há folguedos e dança.

O mais pacato e mais sério,
Com riso estúpido, alvar,
Quer também acompanhar
Rodilardo ao cemitério.

Dos ratos a grande seita
Chia, corre, chega, espreita,
Olha à esquerda, olha à direita,
Entra de novo na toca,
Toma a espreitar, o destino
Vê do bicharro ferino...
E Rodilardo ladino
Deixando-se estar à coca.

Porém, depois, quando a malta
Para fora alegre salta
E conversando em voz alta
Dá três passos sem receio,
– Vereis que história bonita! –
Eis que o morto ressuscita,
E a prumo se precipita
Dos desgraçados no meio.

Poucos momentos após,
O bando menos veloz
Do carrasco sente a voz
Dizer-lhes, lançando a garra:
«Comigo não mais te metas,
Raça infame, porque em petas,
Em artimanhas e tretas
Sou doutor, sou mesmo um barra.

Nem nas tocas e covis
Negros, sórdidos e vis
Ao juramento, que fiz,
Hão-de escapar-se... pois não!
E se algum por ser mais leve
Agora a fugir se atreve,
Esse tal cantará breve
Da barriga no alçapão!»

O desumano algoz, terrível inimigo,
Uma tenção secreta
Alimentando já no peito a sós consigo,
Falou como profeta;
Pois em outra esparrela os toleirões dos ratos
Caíram como uns patos.
Ninguém pensa ou adivinha
O trama, que este judeu
Armou na mente daninha:

Empoou-se com farinha,
E numa arca se escondeu!

A raça pisa-miúdo,
Com uma simpleza infantil,
Acreditou logo tudo
Quanto forjara o sanhudo
Autor do engenhoso ardil.

Só andou bem avisado
Um solerte companheiro,
Um rato – rato pelado –
O qual já tinha deixado
Na batalha o rabo inteiro.

Como o ratão mais finório
E sagaz daquele termo,
Sem flores nem palavrório,
Deste modo suasório
Invectivou o estafermo:

«Não me ilude, meu velhaco,
A arteira manobra tua!
Ainda que fosses saco,
Eu, como velho macaco,
Suspeitava falcatrua.

Por isso, amigo, descansa,
Que a mim não me engoles tu.
Podes perder a esperança
De me ouvir cantar na pança,
Mostrengo de Belzebu!»

Louvo o tino, a razão fria
Da prudente ratazana.
Era prática, e sabia
Que poucas vezes se engana
Quem de tudo desconfia.

José António de Freitas

O Sol e as rãs

Do rei dos astros protecção, socorros
 Tinham do lodo as filhas.
 Nem guerras, nem pobreza,
 Nem mil outros desastres
 Perto nem longe à tal nação chegavam;
 Nação, que em mil lameiros,
 Seus poderes blasona.
 As rainhas dos charcos... (Das rãs falo;
 Que custa às coisas dar honroso nome?)
 Contra o seu benfeitor conluios tramam,
 Fazem-se insuportáveis.
 A imprudência, c'o orgulho, e o esquecimento
 Dos benefícios – filhos da aura próspera –
 Impeliram os brados
 Desse bando importuno.
 Ninguém dormia em paz. Se dessem crédito
 Ao que elas murmuravam, já teriam
 Aos grandes, aos pequenos rebelado,
 C'os seus gritos, contra o olho do universo.
 O Sol, ao que diziam,
 Ia dar cabo de tudo.
 «Importa armar-se, e presto
 Levantar grosso exército.»
 Mal dava um passo o Sol, já despediam
 Grasnantes embaixadas.
 A crê-las, todo o mundo
 E a máquina redonda
 Rodam sobre interesses
 De quatro pílios charcos.
 Dura inda hoje essa queixa temerária.
 Calar-se as rãs, não murmurarem tanto,
 Contudo, lhes cumpria:
 Que lho fará sentir o Sol, se ele se agasta:
 E mui bem poderia arrepender-se
 A aquática república.

Filinto Elísio

O carvalho e a cana

«Teu ser bem pouco à natureza deve!
 – Disse o carvalho à cana. –
 O pássaro mais leve,
 Se pousa sobre ti, logo te abana;
 Um ligeiro soprar
 Que a face encrespa do regato, apenas,
 Faz-te logo vergar
 E obriga-te a sofrer bem duras penas;
 Enquanto eu ergo a fronte com vaidade,
 Do Sol detenho o raio
 E afronto a tempestade!
 Todo o vento é-me um zéfiro de Maio,
 Para ti todo o vento é vendaval!
 Se da minha ramada
 Nascesses abrigada,
 Não sofrerias um tamanho mal.
 O fado foi contigo muito injusto!...
 – A tua compaixão,
 Lhe respondeu o arbusto,
 Abona o teu sensível coração;
 Mas tanto não te mates
 Chorando as minhas penas:
 Melhor que tu, do vento sofro embates;
 Não quebro, dobro apenas.
 Tens resistido a rígidas nortadas...
 Porém atrás do tempo, tempo vem!»
 Tais vozes acabadas,
 Bóreas em seus furores se despica;
 A pobre cana dobra,
 Firme o carvalho fica.
 Activa Bóreas a feroz manobra,
 Faz tão cruenta guerra,
 Que deita enfim por terra
 Quem co'a fronte nos astros topetava
 E no abismo as raízes ocultava!
 Não consegue o seu fim na estância térrea
 Quem tudo quer levar à virga-férrea;
 E é de crer que bem pouco se moleste
 O que se abaixa quando a onda investe.»

José Inácio de Araújo

LIVRO QUARTO

1

O conselho dos ratos

Havia um gato maltês,
Honra e flor dos outros gatos;
Rodilardo era seu nome,
Sua alcunha – Esgana-Ratos.

As ratazanas mais feras
Apenas o percebiam,
Mesmo lá dentro das tocas
Com susto dele tremiam;

Que amortilhava nas unhas
Inda o rato mais machucho,
Tendo para o sepultar
Um cemitério no bucho.

Passava entre aqueles pobres,
De quem ia dando cabo,
Não por um gato maltês,
Sim por um vivo diabo.

Mas Janeiro ao nosso herói
Já dor de dentes causava,
E ele de telhas acima
O remédio lhe buscava.

Dona Gata Tartaruga,
De amor versada nas lides,
Era só por quem na roca
Fiava este novo Alcides.

Em tanto o deão dos ratos,
Achando léu ajuntou
Num canto do estrago o resto,
E ansioso assim lhe falou:

«Enquanto o permite a noite,
Cumpre, irmãos meus, que vejamos
Se à nossa comum desgraça
Algum remédio encontramos.

Rodilardo é um verdugo
Em urdir nossa desgraça;

Se não se lhe obstar, veremos
Finda em breve a nossa raça.

Creio que evitar-se pode
Este fatal prejuízo;
Mas cumpre que do agressor
Se prenda ao pescoço um guizo.

Bem que ande com pés de lã,
Quando o cascavel tenir,
Lá onde quer que estivermos
Teremos léu de fugir.»

Foi geralmente aprovado
Voto de tanta prudência;
Mas era a dúvida achar
Quem fizesse a diligência.

«Vamos saber qual de vós,
Disse outra vez o deão,
Se atreve a dar ao proposto
A devida execução.

– Eu não vou lá, disse aquele;
– Menos eu, outro dizia;
– Nem que me cobrissem de ouro,
Respondeu outro, eu lá ia!

– Pois então quem há-de ser?
Disse o severo deão;
Mas todos à boca cheia
Disseram: «Eu não, eu não!»

Tomou-se em nada o congresso;
Que o aperto às vezes é tal
Que o remédio que se encontra
Inda é pior do que o mal.

Assim mil coisas se assentam
Numa assembleia, ou conselho;
Mas vê-se na execução
Que têm dente de coelho.

Curvo Semedo

O menino e o mestre-escola

Tenho em vista zurzir na minha história
 Todo o pedante, autor de vão discurso,
 Que ralhando, não vale a quem se afoga,
 À minguá de recurso.

Rapaz travesso, doidejando às soltas,
 Perto da margem do empolado rio,
 Tais cabriolas fez que, ao fim de contas,
 Dentro de água caiu.

Quis o céu que no sítio do sinistro
 Vegetasse, a propósito, um salgueiro,
 A que, abaixo de Deus, salvar a vida
 Deveu o calaceiro.

Passava por ali um mestre-escola;
 E o rapaz, a gritar: «Senhor, socorro!
 Acudi-me, por Deus, que o ramo estala,
 E, em se quebrando, eu morro.»

Ouvindo este clamor, o pedagogo,
 Sem notar ser imprópria a ocasião,
 Dirige ao pobre, prestes a afogar-se,
 Este longo sermão:

«Vede a que ponto chega a travessura!
 Vão lá matar-se por traquinas tais!
 Como é difícil tomar conta deles!
 Oh! desgraçados pais!

Quanto a família e os mestres envergonham!
 Que sustos causam! Que profunda mágoa!»
 Tendo assim esgotado o palanfrório,
 Tira o menino d'água.

Gente, em quem não pensais, aqui se abrange;
 Pedantes, tagarelas e censores,
 Entram no quadro, que esboçado fica
 Com verdadeiras cores.

Faz grande turma cada classe dessas,
 – Raça da Providência abençoada,
 Que em tudo busca exercitar, sem peias,
 Sua língua afiada. –

Mas ouve, amigo meu: Se em transes luto,
Vem primeiro livrar-me do embrechado;
Deita arenga depois e a gosto exaure
O teu palavreado.

João Cardoso de Meneses e Sousa

A Fortuna e o rapaz

Sobre o bocal de um poço descansava
Um rapaz; a Fortuna o acordava,
Dizendo que se o moço se afogasse,
Não havia faltar quem a culpasse.

É pobre um, porque foi ao ócio dado;
Pergunta-se-lhe a causa da pobreza,
Responde-nos com toda a singeleza:
«A Fortuna me pôs em este estado.»

Outro está em galés por ser malvado;
Pergunta-se a razão de tal baixeza,
Responde-nos com rosto de tristeza:
«A Fortuna me fez tão desgraçado.»

Perversos dão em muitos precipícios
Pela sua vontade depravada;
Mas nunca hão-de culpar seus maus ofícios;

A Fortuna há-de ser sempre a culpada:
Tomando-se a Fortuna pelos vícios,
Outra culpa não há mais bem formada.

Couto Guerreiro

O passarinho, o açor e a cotovia

A injustiça, o rigor desculpam-se em geral
Citando como exemplo a quantos fazem mal,
Ninguém deve esquecer a regra tão cediça:
«Respeite sempre os mais quem atenções cobiça.»

Certo dia um campónio armava aos passarinhos –
Vem despontando Abril, estão já sós os ninhos,
A grande Natureza há muito que não dorme,
O campo todo em flor ostenta um luxo enorme,
Imprime vibrações no ambiente perfumado,
O constante esvoaçar do inquieto mundo alado –

E o homem de atalaia...

De repente sorri dizendo: – «Talvez caia!»
– Cair o quê? Não sei – objecta-me o leitor.
Era uma cotovia. A tola, a sensabor
Dispunha-se a trocar a boa liberdade
Pela rede traiçoeira, e até, que ingenuidade!
Vinha cantando alegre a procurar a morte:
Ou se é, ou não se é forte.

Neste ponto um açor, que andava pelos ares,
Faminto, peneirando em voltas circulares,
Avista a pobrezinha e rápido qual seta
Silvando fende o espaço em breve linha recta,
Cai sobre a cotovia, empolga-a rudemente,
Aperta-a, despedaça-a em fúria recrescente.

Que bárbaro glutão!

Viu tudo o caçador e resolveu-se então
A puxar o cordel da pérfida armadilha,
Que ao distraído açor enreda, envolve e pilha.
Colhido de improviso o bicho quer soltar-se,
Mas logo dissuadido, usando de disfarce,

Murmura em voz mui doce:

«Meu caro caçador, sem dúvida enganou-se,
Podia lá prender-me! Eu nunca lhe fiz mal!...»
Replica-lhe o campónio: «E o pobre do animal
Que aí tens, fez-te algum? Não me responderás?»
O açor quis responder, porém não foi capaz.

Maximiliano de Azevedo.

O pastor e o mar

Dos lucros dum rebanho, longos anos
Vivia, sem cuidados, satisfeito
De Neptuno um vizinho.
Segura, bem que estreita, tinha a renda.
Tanto o tentam, porém, certos tesouros,
Que descargar na praia
Viu, que o rebanho vende; e traficando
C'o ele, o arrisca por mar, onde um naufrágio
Os cabedais lhe sorve.
De senhor de rebanho descaído,
De ovelhas guardador ora é Bieto;
Não Córdon, não Títiro,
Que seus carneiros nas ribeiras pasce. –
Ganhou, c'os tempos, cobres; e lanígeros
Animais recomprando,
Um dia, em que os assopros represando
Os ventos, manso as naus ao porto vinham,
Disse: «Senhoras ondas,
Quereis dinheiro? Ide pedi-lo aos outros.
Fazei-me esse favor; que, quanto ao nosso,
Não tendes de gramá-lo.»

Filinto Elísio

O marido, a mulher e o ladrão

Um marido extremoso,
 Que adorava a mulher
 Sendo, embora, feliz – julgava-se inditoso.
 Dos olhos dela nunca um só fugaz volver,
 Um modo gracioso,
 Uma frase de amiga, um lânguido sorrir,
 Mil expressões gentis, rápidas mas sinceras,
 Lisonjeando o descrido,
 Conseguiram jamais de leve persuadir
 Que era amado deveras.
 Enfim... era um marido!

Se amor neste himeneu,
 Como bênção divina,
 Mudado lhe tivesse a tão estéril sina...
 Mas... tal não sucedeu!
 Batida pela sorte,
 Sem mais um desaforo,
 Nem mimos para o triste e mísero consorte,
 Esta esquiva mulher
 Ouvia-lhe uma noite o lamentar de fogo,
 Sem um suspiro só de todo compreender,
 Quando surge um ladrão,
 E interrompe o queixume acerbo e dolorido.

Ela sente do susto a fria contorção...
 Procura amparo e cai... nos braços do marido!...
 «Amigo – exclama então
 O jubiloso amante
 Ao pérfido ladrão –
 Foram-se os meus pesares!
 Sem ti, eu não teria um tão gostoso instante!
 Ventura tão intensa!
 Toma, leva, arrecada aquilo que encontrares,
 Leva a casa também... É justa a recompensa!»

Não se perdem ladrões por homens delicados,
 E a crer ninguém se inclina
 Que eles sejam um pouco honestos ou vexados:
 Este, pois, atirou-se impávido à rapina!

Deste conto se infere
 Que o medo é das paixões a que mais largo fere;
 Pois quando audaz assoma,
 Como vence a aversão,

Algumas vezes doma
O amor que avassalou de todo um coração.

Tu bem viste, leitor,
Somente para ter
Nos braços a mulher...
Um marido o que fez!
Foi vítima do amor!

Eu gosto deste amor altivo e temerário
Que brilha e não se estiola,
Que cresce e não se apouca!
O conto me agradou de um modo extraordinário:
Ele bem diz num'alma indómita, espanhola,
Mais sublime que louca!

Hipólito de Camargo

O velho, o rapaz e o burro

O mundo ralha de tudo,
Tenha ou não tenha razão.
Quero contar uma história
Em prova desta asserção.

Partia um velho campónio
Do seu monte ao povoado;
Levava um neto que tinha,
No seu burrinho montado.

Encontra uns homens que dizem:
«Olha aquela que tal é!
Montado o rapaz, que é forte,
E o velho trôpego a pé!

– Tapemos a boca ao mundo –
O velho disse. – Rapaz,
Desce do burro, que eu monto,
E vem caminhando atrás.»

Monta-se, mas dizer ouve:
«Que patetice tão rata!
O tamanhão, de burrinho,
E o pobre pequeno à pata!

– Eu me apeio – diz, prudente,
O velho de boa-fé; –
Vá o burro sem carrego,
E vamos ambos a pé.»

Apeiam-se, e outros lhes dizem:
«Toleirões, calcando a lama!
De que lhes serve o burrinho?
Dormem com ele na cama?

– Rapaz – diz o bom do velho –
Se de irmos a pé murmuram,
Ambos no burro montemos,
A ver se inda nos censuram.»

Montam, mas ouvem de um lado:
«Apeiem-se, almas de breu!
Querem matar o burrinho?
Aposto que não é seu!

– Vamos ao chão – diz o velho –
Já não sei que hei-de fazer!
O mundo está de tal sorte,
Que se não pode entender.

É mau se monto no burro,
Se o rapaz monta, mau é;
Se ambos montamos, é mau,
E é mau se vamos a pé!

De tudo me têm ralhado;
Agora que mais me resta?
Peguemos no burro às costas,
Façamos inda mais esta!»

Pegam no burro; o bom velho
Pelas mãos o ergue do chão;
Pega-lhe o rapaz nas pernas,
E assim caminhando vão.

«Olhem dois loucos varridos! –
Ouvem com grande sussurro –
Fazendo mundo às avessas,
Tomados burros do burro!»

O velho então pára, e exclama:
«Do que observo me confundo!
Por mais que a gente se mate,
Nunca tapa a boca ao mundo.

Rapaz, vamos como dantes,
Sirvam-nos estas lições:
É mais que tolo quem dá
Ao mundo satisfações.»

Curvo Semedo

O mono

Em Paris, noustro tempo, um mono havia
A quem deram esposa. Ele, imitando
Certos maridos, ia-a desancando;
Ela apenas seu mal triste carpia.

Tanto a pobre chorou, que um certo dia
Deu fim ao seu destino miserando.
O único filho deste par, guinchando
Ficou a morte, de que o pai se ria.

Dão-lhe outra mona: ele enche-a de taponas,
E por fim, na taberna, por desgraça,
Tomava o mono formidáveis *monas!*

Não vos fieis de um povo imitador,
Quer ele seja mono ou livros faça;
Mas da espécie o pior é sempre – o Autor.

Filinto de Almeida

O mergulhão, a silva e o morcego

O mergulhão, a silva e o morcego
 Fizeram sociedade: entram no emprego
 De embarcarem, levando por contrato
 Metais o mergulhão, a silva fato;
 O morcego, sem fundo, foi forçado,
 Para a carga, a valer-se do emprestado.
 Tal tormenta lhes deu, que lá ficaram
 Os bens, e eles com custo se salvaram:
 O mergulhão da praia agora gosta,
 A ver se os seus metais deram à costa;
 A silva, quando o fato nela embarra,
 Cuidando que é o seu, a ele se agarra;
 O morcego de dia não se atreve
 A sair, temendo esses a quem deve.

Fatal vício o da sórdida avareza,
 Porque além de meter os seus amigos
 Em imensos trabalhos e perigos,
 Por tenaz se converte em natureza.
 No que procura o seu, não é defesa;
 Mas hesita tormentos e castigos
 Naqueles que perdendo os bens antigos,
 Qual silva, nos alheios fazem presa.
 O que intenta negócio do emprestado,
 Manda a quem lhe emprestou muito presente;
 Lá vai lucro, e talvez que vá dobrado.
 Se houve perda, retira-se da gente,
 Por andar do credor envergonhado,
 Sente muito, e o que empresta inda mais sente.

Couto Guerreiro

A torrente e o rio

Com ruído e com fragor,
Tombava da montanha uma torrente,
Espalhando o terror
Nos corações da campesina gente.
E nenhum caminhante
Se atrevia a passar
Barreira tão gigante.
Eis que um vê uns ladrões e, sem parar,
Mete de meio a onda sussurrante.
Era bulha e mais nada; pelo custo,
O pobre do homem só tirava o susto.
Ganhando, então, coragem,
E os ladrões continuando a persegui-lo,
Encontra na passagem
Um rio ameno, plácido e tranquilo
Que, como um sonho, caricioso, ondeia
Por entre margens de luzente areia.
Procura atravessá-lo,
Entra... mas o cavalo,
Livrando-o à caça dos ladrões, dirige-o
Da onda escura ao seio negrejante,
E ambos foram dali no mesmo instante
Beber ao lago Estígio.
No Inferno tenebroso,
Por outros rios navegando vão.

O homem que não fala é perigoso;
Os outros, esses não.

Silva Ramos

O cisne e o cozinheiro

Num pátio, em que criavam mil plumíferos,
 Vivia um cisne e um pato:
 O cisne regalava os olhos do amo,
 E o paladar o pato.
 Comensal do jardim um se espaneja,
 O outro de o ser da casa.
 As cavas transformando em galerias,
 Um a par do outro os viras
 (Nunca cheia a seu gosto a vontadinha)
 Nadando, mergulhando,
 Correndo à tona de água. – O cozinheiro,
 Que além da marca, um dia,
 Os copos empinara, empunha o colo
 Císneo, pelo do pato.
 Tocando a degolar, o ia dispondo
 Para a sopa. – Eis que adverte,
 E dá no engano: «Eu sopas de tal músico?
 Oh! Deus mo não permita!
 Garganta que tais sons nos dá, não corto!»

 Muito val' meiga fala em tantos p'rigos,
 Que andam em nosso alcance.

Filinto Elísio

O porco, a cabra e o carneiro

Uma cabra, um carneiro e um porco gordo,
Juntos num carro, iam à feira. Creio
Que todo o meu leitor será de acordo
Que não davam por gosto este passeio.

O porco ia em grandíssimo berreiro
Ensurdecendo a gente que passava;
E tanto um como outro companheiro
Daquela berraria se espantava.

Diz o carneiro ao porco: «Porque gritas,
Animal inimigo da limpeza?
Porque, trombudo bruto, não imitas
Dos companheiros teus a sisudeza?

– Sisudos, dizes?!... Quer-me parecer
Que não têm a cabeça muito sã,
Porque pensam que apenas vão perder,
A cabra o leite, o companheiro a lã.

Mas eu, que sirvo só para a lambança,
Envio um terno adeus ao meu chiqueiro...
Pois cuido que à goela já me avança
O agudo facalhão do salsicheiro!»

Pensava sabiamente este cochino,
Mas p'ra quê? pergunto eu. Se o mal é certo,
É surdo às nossas queixas o destino;
E o que menos prevê é o mais esperto.

José Inácio de Araújo

A cotovia e os filhos

Uma idosa cotovia,
Na meiga, flórea estação,
Foi mais tardia que as outras
Na sua propagação;

Entre uma pingue seara,
Que estava quase madura,
Tinha arranjado o seu ninho
E feito a sua postura;

Já pelos ares se viam
De novas aves cardumes,
E inda os filhos da ronceira
Estavam todos implumes.

Já seca a seara estava,
E o dono da sementeira,
Vindo vê-la com seus filhos,
Lhes falou desta maneira:

«Amanhã começaremos
A ceifar os nossos trigos;
Convidai para ajudar-nos
Todos os nossos amigos.»

Foram-se; e pode julgar-se
Que susto não sofreriam
Os passarinhos infaustos,
Que inda voar não podiam.

Quando a mãe veio de fora,
Disseram-lhe entre alaridos:
«Não sabe, ó mãe, o que vai?
Não sabe? Estamos perdidos!

Foi o dono destes pães
Seus amigos convidar,
Para amanhã muito cedo
A ceifa principiar.

– Os seus amigos? – disse ela.
A vossa agonia é vá;
Sossegai, dormi tranquilos,
Que se não ceifa amanhã.»

Assim foi; que no outro dia
Os amigos não chegaram,
Que dando ao velho desculpas
Cortesmente se escusaram.

Voltou no dia seguinte
O dono, e entrou a dizer:
«Nossos amigos faltaram,
E os trigos vão-se perder.

Para amanhã começarmos,
Ide, ó filhos, diligentes,
Dizer que venham com fources
Todos os nossos parentes.»

Novos sustos, novas ânsias
Os passarinhos tiveram,
E apenas a mãe chegou,
Logo tudo lhe disseram.

«Ele convida os parentes? –
Disse a esperta cotovia. –
Pois sabei que inda amanhã
A ceifa não principia.»

Passou-se a manhã e a tarde,
E nenhum apareceu,
Respondendo que deviam
Primeiro ceifar o seu.

Então, no outro dia o dono
Disse: «Em nós só confiemos,
Eu e vós e os nossos moços
Amanhã começaremos;

Ide, ó filhos, comprar fources
Hoje mesmo no mercado,
Que espero que em breve tempo
Vejamos tudo ceifado.»

Quando a cotovia esperta
Viu esta resolução,
Disse: «O filhos, logo e logo,
Deixai esta habitação!»

Prontamente os filhos todos
Cuadas e voltas dando,
Atrás da mãe aos saltinhos,
Se foram logo safando.

Em menos de três semanas,
Até sem muita canseira,
Estava já debilhado
O trigo dentro da eira.

O velho então conheceu,
Vencendo a sua demanda,
A força deste ditado:
Quem quer vai, quem não quer manda.

Curvo Semedo

O milhano e o rouxinol

Um milhano rapace e mau por natureza
Fez grande alarme um dia em toda a redondeza.
Corre em bando sobre ele a garotada em festa,
Mas nisto um rouxinol na garra crua e lesta
Por desgraça caiu do pássaro tirano.
« Não me tires a vida, atende-me, milhano!
(Exclama o rouxinol no tom mais comovente.)
A fome não te mato; eu tenho simplesmente
A voz; carnes não tenho. Escuta-me portanto!
Espera! Vou narrar-te em doce e febril canto
De Tereu forminando o caso lastimoso.
Ao menos uma vez, sê bom, sê generoso!
tereu? Nenhum manjar conheço desse nome,
e do que eu trato agora é matar a fome.
Será bela (não ponho em dúvida) a cantiga;
Mas não me satisfaz, não me enche esta barriga!
Um momento...Perdão! Tu vais ouvi-la... Espera !
Eu não posso esperar, herói da Primavera,
Que estou com fome, e assim sou surdo aos teus gemidos!»
Ventre que fome tem, não pode ter ouvidos.

Gaspar da Silva

Os dois galos

Dois galos se meteram em peleja
A fim de se saber qual deles seja
O capataz de um bando de galinhas:
Unhadas e picadas tão daninhas
Levou um, que se deu por convencido,
E andava envergonhado e escondido

O vencedor se encheu de tanta glória,
Que para fazer pública a vitória,
Pôs-se de alto, voou sobre umas casas;
Ali cantava, ali batia as asas.

Andando nestas danças e cantares,
Veio uma águia, levou- o pelos ares;
E saindo o que estava envergonhado,
Gozou do seu ofício descansado.

Quem contemplasse bem quão pouco dura
Neste mundo qualquer prosperidade,
Livre estava de inchar por vaidade
Com um leve sucesso de ventura.

O que tem a alegria por segura,
É doente, e o seu mal fatuidade;
Que ela passa com muita brevidade,
E vem logo a tristeza, e muito atura.

De mudanças o mundo está tão cheio,
Que hoje rio, amanhã estou sentindo
Uma grande desgraça que me veio:

Delira quem dos tristes anda rindo;
Que é absurdo gostar do mal alheio,
Quando o próprio a instantes está vindo.

Couto Guerreiro

O estatuário e a estátua de Júpiter

«Mármore, o artista dizia,
Se o meu cinzel te lavar,
O que, mármore, te há-de à fria
E dura entranha arrancar?

O deus será que, na altura
Estelífera, repousa,
Porventura? Ou porventura,
Será outra qualquer coisa?

Não! Será deus! Será! Quero
Que seja um deus! Que, na mão,
Astros tenha, e tenha fero
O aspeito, e fera a expressão!

Quem sobre nós traz suspensos
Os sóis, o trovão, o raio,
Ei-lo! Homens, tremei! Incensos,
Ardei! É deus: adorai-o!»

Com raro génio e alma rara,
Brune a pedra o artista... e, após,
Nada a Júpiter faltara,
Se lhe não faltara a voz.

E ele próprio, à majestosa
Catadura e ao torvo cenho
Do deus, pasmou da pasmosa
Produção, do próprio engenho!

Outrora também, como esse
Tímido e fraco escultor,
Um poeta o invento fez-se
Do deus de que era inventor.

Foi isso há muito: na infância
Do mundo; e, na infância, a gente
Dá valor, dá importância
Aos seus bonecos, somente.

O que sonhou, triunfante,
Cada um abraçando vai.
Pigmalião fez-se amante
Da Vénus de quem foi pai.

O coração sempre segue
O espírito; nasceu disto
O paganismo, a que entregue
O povo antigo foi visto.

Todo o mundo, quem não viu
O que não vê crer que vê?
Ser fogo ante o falso, e frio
Ante o que falso não é?

Raimundo Correia

O doido que vende siso

Um doido, pelas ruas, pelas praças,
 Dizia, em seu pregão: *Quem compra siso?*
 E os sempre crentes homens acudiam
 À compra diligentes.
 Primeiro, de barato, dava o doido
 Muita careta, muita monaria;
 Mas, logo que ensacava na algibeira
 Dinheiro dalgum zote,
 C'um bofetão, que vinha reboando,
 Lhe dava duas braças de barbante
 Aos tais fregueses, em lugar de siso.
 Uns se agastavam; mas que vale irar-se?
 Ser, por iras, de todos mais zombado?
 Rir como os outros fora mais acerto;
 Ou safar-se, sem chus nem bus, levando
 O bofetão, e o fio.
 Quer bem levar de todo a surriada
 Quem 'squadrinha sentido figurado
 No proceder dum louco.
 Que razão há que dar de doidarias?
 Quanto chocalha em testos desvairados
 A mão do Acaso o volve.
 Mas fio e bofetão davam tortura
 A certas cachimónias.
 Um dos logrados vai-se ter c'um sábio,
 Que logo lhe emborcou, sem muito empacho,
 O oráculo seguinte:
 «Hieroglíficos meros vende o doido.
 Deve o prudente duas braças pôr-se
 Longe, de quem tem eiva no miolo,
 Se afagos tais não quer recolher dele.
 Bom siso vos vendeu. Não sois logrado.»

Filinto Elísio

O elefante e o macaco de Júpiter

P'ra terminar contenda em que renhia,
 Por ciúme de mando e primazia,
 Ajustaram outrora o elefante
 E o rinoceronte
 Dar na estacada decisivo prélio.
 'Stava o dia aprazado,
 Quando notícia vem de que o macaco
 Do grande Jove, o caduceu trazendo,
 Os ares rompe. (Gil se apelidava,
 Segundo reza a história.)
 Eis que o elefante crédulo suspeita
 Que, em to de embaixador,
 Venha ele procurar sua grandeza.
 E muito acho de si, por honras tantas,
 Aguarda mestre Gil, se bem repare
 Que tarde muito em vir depor-lhe às patas
 As suas credenciais .
 Gil por fim decidiu-se a, de caminho,
 Cortejar a Excelência,
 Que aliás se dispunha prà embaixada.
 Mas, nem palavra. Pois seria crível
 Que depois da contenda em que travavam,
 Os deuses sem notícia alguma houvessem
 Da justa concertada?
 Aos íncolas do céu, no entanto, pouco,
 Pouco importava que elefante fosse
 Ou pequenino mosco.

Enfiado assentou de assim romper...
 E disse: «Dentro em pouco, primo Júpiter
 Verá do trono seu travada rixa,
 P'rá sua corte diversão galante.
 Que rixa? Diz o mono carregando
 O senho. E o paquiderme então lhe volta:
 Que rixa? Então não sabes que disputa
 O mando a mim o grão rinoceronte?
 Que em guerra estão Rinóceras e Elefântida?
 Por certo que tais sítios, por famosos,
 Já são de ti sabidos.»
 Mestre Gil replicou:
 «Pois olha, estou deveras encantado
 Por ouvir nomes tais, somente agora:
 De tal nem se cogita em nossos paços.»
 Entre surpresa e pejo o elefante
 Pergunta: «A que missão vieste agora?

– Partir entre formigas as ervilhas;
Que a tudo nós provemos.
 Quanto ao caso,
Nada transpira por enquanto aos deuses,
Que em tudo igualam grandes e pequenos.»

Brasílio Machado

O Homem e a cobra

«Morre animal virulento,
Emblema da ingratidão!»
Dizia Agrário a uma cobra
Que pedia compaixão.
«Na ponta deste cajado
Hás-de teus dias findar.
És de uma raça de ingratos
Que não se deve poupar.
Um homem viu a cobra
Pelo frio entorpecida,
Teve dó dela, e no seio
Lhe volveu calor e vida;
Porém assim que a traidora
O movimento cobrou,
No peito do bem feitor
Os feros dentes lhe cravou!»
Nisto, um chuveiro de golpes
Descarregou na serpente,
que entre arrancos de morte
Replicou com voz tremente
«Nossas crónicas referem
Como o caso aconteceu;
O homem foi o culpado,
a serpe bem procedeu;
Não lhe acudiu por piedade ,
Mas por lhe a pele tirar,
Ela somente o matou
Por não deixar-se esfolar.»
Há muitos que, por mal pagos,
Choram benefícios seus,
Porém se as partes se ouvissem,
Seriam eles os réus :
Dando pouco, exigem muito,
E até mesmo a escravidão;
Quem faz para seu proveito
Perde o jus à gratidão.

Costa e Silva

Os peixes e o pastor que toca flauta

Tirso, jovem amante pegureiro,
 Que aos sons da flauta o canto acrescentava,
 Tocava um dia á borda de um ribeiro
 Que co'as linfas os prados refrescava.

Tocava Tirso; e a sedutora Aninha
 Pescava ao mesmo tempo;
 Mas – fatal contratempo! –
 Nem um só peixe lhe acudia à linha!

O pastor, que com seu mavioso canto
 Atraía inumanas,
 Aos tais da barbatanas
 Desta sorte cantou: «deixai o encanto

Da náide que amais; doutra mais bela
 Não temais prisão:
 Cruel pode ser ela
 Com os humanos – Com com peixes não!

Cruel fosse!... A morrer quem não de afoita
 Àquelas mãos galantes?»
 Os tais peixinhos – moita!...
 Não acodem à linha como dantes.

Tirso Vê que se cansa
 Em vão cantar; na água a rede lança;
 E aos pés da pastorinha
 Depõe o peixe que fugira á linha.

Reis, que por razões subtis fazeis estudo
 P'ra convencer a estranhos,
 Baldais vossos empenhos;
 Lançai as redes. O poder faz tudo.

J. I. de Araújo

LIVRO QUINTO

1

A vista de quem é dono

Um tímido veado
Por ímpios cães instado,
Foi num curral de bois
Buscar piedoso abrigo
E escudo ao seu perigo.

Um boi disse: «Ó vizinho,
Vai, segue o teu caminho,
Melhor asilo busca.»
Tomou-lhe o cervo assim:
«Irmão, tem dó de mim!

Lá fora anda um cachorro,
Que se me apanha eu morro!
Aqui ficar me deixa,
Que em prémio um bom pascigo
Te indicarei, amigo.»

Calou-se o boi, e entanto,
O cervo pôs-se a um canto;
Trouxeram erva os moços,
Entraram e saíram,
E o hóspede não viram.

Já livre se julgava
Do susto que encarava;
Pôs-se a comer no feno,
E junto à manjedoura
Foi rede varredoura!

Um boi lhe disse então:
«Em risco estás, irmão!
Que esse homem de cem olhos
Não veio inda hoje aqui!
E a vir, pobre de ti!»

O tímido veado
Foi pôr-se alapardado
Entre uma carga de erva;
E entrou nela a comer
Por tempo não perder.

Chegou pouco depois
O dono a ver os bois,
Dos moços precedido;
E um tanto carrancudo,
Pôs-se a ralar por tudo:

«Levanta esse aguilhão,
A canga está no chão,
Feno ao mourisco deita;
Parece esta erva pouca,
Aqui há outra boca!»

Deitando ao lado os olhos,
Viu entre os verdes molhos
Um galho da armadura
Do tímido veado,
Que estava acaçapado.

Então lhe disse: «Olá!
Você também por cá!
Comendo o pasto aos bois!
Espere!...» E c'um forçado
Deu morte ao malfadado!

Tem mais vista, ou melhor,
Os olhos de um senhor
Do que os dos seus criados;
Porque o próprio interesse
As vistas esclarece.

Curvo Semedo

O financeiro e o remendão

O remendão cantava noite e dia,
 Era um gosto escutá-lo!
 Feliz em sua pobreza, parecia
 Um nababo nadando em opulência.

Seu vizinho não tinha igual regalo,
 Nem quieto repouso.
 Apesar da riqueza, a consciência
 Trazia-o cuidadoso.

Era um grão financeiro o tal vizinho;
 Vivia maldizendo a Providência
 Por não ter feito o sono e a alegria
 Uma mercadoria
 Que se comprasse como o pão e o vinho.
 Se às vezes dormitava,
 Do remendão o canto o acordava!

Fê-lo ir à sua casa o financeiro
 E perguntou-lhe:
 «Ó mestre, quanto ganha
 Você num ano inteiro?

– Não posso calcular conta tamanha...
 Tantos santos há hoje na folhinha
 Causando feriados,
 Que não ousou dizer, por vida minha,
 Minha renda anual... Alguns cruzados.

P'ra não morrer de fome chega apenas
 O que faço por dia,
 Miserando salário,
 Após muito trabalho, rudes penas!...

– Pois toma esta quantia,
 Returque o milionário.
 Quero dar-te a fartura.
 Não mais trabalharás em tua vida.»

E entregou-lhe uma bolsa bem sortida.

Foi às nuvens o pobre sapateiro!
 Julgou-se logo o dono
 De todo o outro da terra!
 Apressado correu ao seu telheiro,

Aonde esconde e enterra
Não só o ouro... a alegria e o sono!
Adeus, ledas cantigas!
Qualquer ruído o põe em sobressalto;
Se dorme, escuta vozes inimigas,
E treme até de leve andar do gato!

O mísero maldiz do seu contrato,
E prestes o desfaz;
Vai Ter c'o financeiro,
Que tranquilo dormia,
E diz-lhe:
«Aqui tem o seu dinheiro,
Guarde-o, eu guardarei cantoria,
E o meu dormir em paz!»

Joaquim Serra

A mosca e a formiga

Uma mosca importuna contendia
 Com a negra formiga, e lhe dizia:
 «Eu ando levantada lá nos ares,
 E tu por esse chão sempre a arrastares;
 Em palácios estou de grande altura,
 Tu debaixo da terra em cova escura.
 A minha mesa é rica e delicada;
 Tu róis os grãos de trigo e de cevada.
 Eu levo boa vida, e tu, formiga,
 Andas sempre em trabalho e em fadiga.»
 A formiga lhe disse:

«Tu me enfadas
 Com essas tuas vãs fanfarronadas.
 Que te importa que eu ande cá de rastos
 Com desprezo das pompas e dos fastos?
 Para amparo e abrigo não há prova
 De valer mais palácio do que cova.
 O palácio é do rei ou da rainha,
 E não teu; mas a cova é muito minha;
 Eu a fiz com a minha habilidade;
 Porventura tens tal capacidade?
 Pára aqui. Tuas prendas afamadas
 Não passam de zunir e dar picadas.
 No que toca a comer, os meus bocados
 Não me sabem pior que os teus guisados.
 Teus lhe chamo? Os que furtas; nesta parte
 Vais comigo, que eu uso da mesma arte;
 Porém não vivo em ócio e em preguiça,
 Como tu, lambareira, metediça;
 Por isso te aborrecem e te enxotam
 Com uma raiva tal, que ao chão te botam.
 Fazem-me porventura esse agasalho?
 Louvam-me em diligência e em trabalho:
 Eu faço para Inverno provimento;
 Morres nele – ou por falta de alimento,
 Ou por vir sobre ti algum nordeste,
 Que para a tua casta é uma peste.»

Couto Guerreiro

A raposa e o busto

Era um busto famoso, um todo teatral...
Por entre a multidão, o burro, esse animal
Que não sabe julgar senão as aparências
Gabava da escultura as raras excelências.

A raposa, porém, um tanto mais sabida,
Aproxima-se e diz:

«Não vi, por minha vida,
Cabeça tão perfeita!... É mágoa verdadeira
A falta que lhe faz lá dentro a mioleira!»

Aos centos, pelo mundo, os homens conto
Que são bustos perfeitos neste ponto.

Moura Cabral

Os dois ratos, o raposo e o ovo

Dois ratos, indo buscar vida, acharam
Um ovo, que jantar daria farto
A gente dessa laia.
Que de acertar c'um boi não necessita.
De apetite e folgança mais que cheios,
Cada um já se dispunha
A ter no ovo quinhão. Mas, eis que avistam
Um fuão, que se diz Misser Raposo.
Aziaga aventura!
Salvar o ovo era o ponto, enfardelá-lo,
Ir, c'os dianteiros pés levando-o a pino,
Rodá-lo, ou já arrastá-lo,
Sobre arriscado, era África impossível.
Necessidade é astuta, é inventiva.
Mede a distância à toca,
Mede a distância ao sôfrego raposo,
Obra de mais de légua. Eis que um se abraça
C'o ovo, e se põe de costas,
Tombos sofre, sofre ásperos caminhos,
Enquanto o outro o reboca pelo rabo.

Meditem neste conto,
E não venham clamar que é nulo o júizo
Nos animais; quando eu, se em mim coubesse,
Lho dera igual à infância.

Filinto Elísio

O tesouro e os dois homens

Um pobretão, enfim, um desgraçado,
Que a miséria mais negra padecia,
Achando a vida um fardo bem pesado,
Quis pôr um termo à existência um dia.

Compra um metro de corda, arranja um prego,
E sem mais reflexão, sem mais conselho,
Quer realizar o seu desejo cego
Numa parede dum casebre velho.

Oscila enfim o prego; e às marteladas
Esboroa-se todo o pardieiro,
E do buraco feito co'as pancadas
Saem rios e rios de dinheiro!

«Oh, céus! – exclama bem contente, enfim –
Sou rico!... Sou feliz!... Quero viver!
Ao diabo o suicídio, hoje p'ra mim
Tudo são festas, hinos e prazer!...»

Mas chega horas depois o avarento,
Que vinha contemplar o seu tesouro;
E encontra, em vez dos seus punhados de ouro,
O muro aberto onde atravessa o vento.

E enforca-se por fim o desgraçado
À corda que do muro vê pender!...

É pois bem certo o popular ditado:

*Guardado está o bocado
P'ra quem o há-de comer.*

Xavier de Carvalho

O carreteiro atolado

Por caminho apaulado,
 Mui barrento e mal gradado,
 O seu carro conduzia,
 Que trazia
 De erva e feno carregado,
 Inexperto carreteiro:
 Por incúria o desgraçado
 Num grandíssimo atoleiro
 Enterrar deixou seu gado.
 Era longe o povoado,
 E não vinha caminheiro
 Que o ajudasse e lhe acudisse.
 De aflição desesperado,
 Se maldisse!
 E exclamou todo inflamado:
 «Vem, ó Hércules sagrado,
 Acudir-me pressuroso;
 Pois que já sobre o costado
 Sustentaste o céu formoso.
 O teu braço vigoroso Se me acode,
 Este carro tirar pode
 Do atoleiro.»
 Deste modo se carpia
 O carreiro,
 Quando ouviu uma voz forte,
 Que não longe lhe dizia
 Desta sorte:
 «Se quiseres que te valha,
 Mandrião, lida, trabalha,
 Examina donde vem
 Esse estorvo que te encalha,
 Ou detém:
 Salta acima desse carro,
 E tirando-lhe um fueiro,
 De redor lhe arreda o barro;
 Bota pedras no atoleiro,
 Calça as rodas, e depois
 Põe-te à frente, e pica os bois.»

 Tudo fez o carreteiro
 Que lhe tinham ensinado;
 E ficou muito pasmado,
 Quando viu surdir avante
 O seu carro do lameiro.
 «É milagre! exclamou logo,

Ouviu Hércules prestante
O meu rogo,
E evitou-me o precipício!»

Acabando
De falar apenas ia,
Outra voz, em tom mais brando,
Lhe dizia:
«Confiar na Providência
Para obter o que intentamos
Sem que os meios lhe ponhamos,
É demência.
Nada obtém quem não procura;
Que foi sempre a diligência
Mãe da sólida ventura.»

Curvo Semedo

O rei, o milhafre e o caçador

Vivo, no ninho, um caçador pegou,
 Uma vez, um milhafre, e o destinou
 Ao príncipe por mimo. Era precioso,
 Porque raro, o presente.
 Timidamente dado ao poderoso,
 O pássaro, se o conto não nos mente,
 Imprime logo a garra – oh, impiedade! –
 Bem no nariz de Sua Majestade.
 «Como! no real nariz? – Do próprio rei.
 – Não trazia a coroa então, já sei...
 – E que a trouxesse! O pássaro não quis
 Investigar de quem fosse o nariz.
 Renuncio pintar, por não ter cores,
 Dos cortesãos a lástima, os clamores.
 Quietamente ficou, porque já vêem
 Que à majestade os gritos não vão bem.
 Quedo também no olímpico poleiro
 O pássaro ficou, muito lampeiro.
 O dono o chama e grita e se afadiga,
 Mostra-lhe o engodo, o punho... qual cantiga!
 Parecia que ao bicho apetecia,
 Embora o ruído, ali passar o dia
 E pernoitar ainda empoleirado
 No nariz inviolável e sagrado.
 Tentar tirá-lo era o irritar. Enfim
 Resolveu-se a largar o rei, e assim
 Este falou: «Deixai que vão em paz
 O milhafre e o rapaz.
 Bem se saíram, fosse como fosse,
 Um, milhafre; outro, rústico mostrou-se.
 E eu, que sei como um rei deve de obrar,
 Do suplício hei por bem de os aliviar.»
 Pasmou a corte. Os cortesãos não cessam
 De exaltar feitos tais, não que os conheçam:
 Muito poucos, e fossem reis até,
 Fariam como este. O certo é
 Que de boa livrou-se o caçador;
 E o seu erro maior,
 O dele e o do animal, foi não saber
 Que é mau do amo aproximar-se tanto.
 Se os tristes, entretanto,
 Só c'os do mato ousavam de se haver!...

Diz Pilpay que se deu na Índia o caso.
 Naquela terra, um respeito absoluto

Vota o homem ao bruto.
O próprio rei temeu tocar-lhe, acaso,
Pensavam entre si:
– E quem nos diz que esta ave de rapina
Não combateu em Tróia, e que alta sina
De príncipe ou de herói não teve ali?
E a ser o que já foi, pode tornar.
Pitágoras ensinava
Que c'os brutos a forma permutamos:
Humanos ora estamos,
Logo voláteis recortando o ar.
Como o conto varia,
A segunda versão ora ofereço.

Contam que certo caçador, um dia,
Um milhafre apanhou (raro sucesso)
E ao rei o foi levar
Como presente muito singular:
Uma vez em cem anos acontece;
É o cúmulo da caça.
Rompe de cortesãos cerrada massa
O caçador, aceso de interesse.
Já pensa que enriquece
Com tal presente, verdadeira mina:
Mas a ave de rapina,
Nunca educada para estar no paço,
As rijas unhas de aço
Ferra ao nariz do mísero sujeito.
Ei-lo a gritar, e eis em riso desfeito
Príncipe e cortesãos. Quem não riria?
Eu não me conteria.
Que um papa ria, isso, em boa-fé,
Não me atrevo a jurar; mas olhem que é
Bem desgraçado um rei que nunca ria.
É o prazer dos deuses. Apesar
Dos cuidados, ri Jove e os imortais.
A crer – deve-se crer –
Nas velhas tradições de nossos pais,
Riu, riu a arrebentar,
Quando uma vez lhe trouxe de beber
Vulcano, o coxo. O que houve lá não sei,
Mas com razão a fábula variei;
Pois, já que aqui se trata de moral,
A aventura não era original:
Um caçador simplório é mais frequente
Do que um rei indulgente.

Lúcio de Mendonça

Os dois amigos e o urso

Um urso acometeu dois passageiros:
Um deles, que os pés tinha mais ligeiros,
Pôs-se em cima duma árvore escondido.
Vendo o outro que tinha mau partido,
Estendendo-se em terra nem bulia
Nem respirava: morto se fazia.
Cheirando-o por orelhas e por cara,
O deixa intacto a fera, e se separa.
Dizem que, se encontrou uma pessoa
Que julga estar já morta, lhe perdoa.

O da árvore já livre do perigo,
Vindo com ar de riso ao seu amigo,
Lhe disse:
«Que segredo era o que o horrendo
Urso te estava agora aqui dizendo?

– Disse-me, respondeu ele, que em jornadas
Não leve semelhantes camaradas.»

Couto Guerreiro

O lobo e os pastores

Um lobo, de humanidade
 Repleto (se os há no mundo)
 Sobre a sua crueldade
 (Posto a exerce-se por necessidade)
 Assim, um dia, reflectiu, profundo:

«Sou odiado... De quem? De toda a gente.
 Ao lobo hostis são todos, geralmente:
 Para o perder, ligados,
 Jove, lá em cima, azoimam, com seus brados,
 Cães, caçadores, aldeões, em grémio:
 Erma de lobos a Inglaterra está
 Por essa causa... E lá
 Nossa cabeça já foi posta em prémio!

Fidalgote não vive que não faça
 Contra nós tais pregões correr em bando;
 Se acaso algum fedelho está berrando,
 É com lobos que a mãe logo o ameaça.
 Tudo porquê? Por ter matado a fome
 Com algum asno-ronha,
 Cão bulhento, ou cordeiro que, medonha,
 A podridão consome.

Pois bem! Vivente nada mais comamos,
 Pastemos, ruminando, ou que afinal,
 Famélicos morramos...
 Será assim horrível
 Tal morte ou preferível
 A atrair-se o ódio universal?!...»
 (Nisto avistou, pasmado,
 Pastores no caminho
 Comendo um cordeirinho
 No espeto ao lume assado...)

«Oh – exclamou – pois contra mim me agasto,
 Com remorsos do sangue desta gente,
 E os seus guardas e cães, tranquilamente,
 Dela mesma, eis ali, fazem repasto...
 E eu, lobo, ainda a me escrupulizar...
 Não! Seria ridículo, por Deus! Pelos gasnetes meus,
 Ó Fulano Cordeiro, hás-de passar,
 Sem que, no espeto, vá cozer-te às chamas,
 Ou eu lobo não sou!...
 Não só tu, mas também a mãe que mamas,

E o pai que te engendrou!...»
Tinha razão o lobo... Pois dar-se-á
Que enquanto somos vistos qualquer presa
Transformando em manjar, e em lauta mesa
A nós não se nos dá
Comer os animais,
Sem que panela ou garfo lhes deixemos.
A todo o transe os reduzir queremos
Da idade de ouro às refeições frugais...

Ah! pastores, pastores... E só quando
O mais forte não é, e no comando,
Não interpreta as leis,
Que ao lobo deixa de assistir razão:
– Acaso pretendeis
Que lobo leve vida de ermitão?!

Afonso Celso Júnior

O Baxá e o mercador

Um mercador fazia em certo sitio
 Seu comércio e pagava
 Como a baxás é dado, o auxilio e esteio
 É um Que do Baxá lhe vinha.
 É um protector caríssima fazenda!
 Do mui caro que ele era
 Se lastimava a toda a gente o grego.
 Of'recer-lhe vieram
 Seu amparo comum três outros turcos
 De poder mais moído;
 Mas mais somenos gratidão pediam,
 Que lhe o Baxá custava.
 Ouve-os o grego, e c'o eles se contrata.
 Soube-o o Baxá de plano.
 Té lhe disseram que alto logro lhe arme,
 Prevenindo-os e enviando-os,
 Rumo do Paraíso, c'um recado,
 Sem tardar, a Mafoma.
 «Olha, que unidos hão-de prevenir-se,
 Se os não prevines. Certo,
 Que te rodeiam gentes sempre alerta
 Em vingar-se. Um veneno
 (Dizem) te mandará lá no outro mundo
 Proteger mercadores.»
 Como Alexandre se houve c'o este aviso
 O turco. Em direitura
 Cheio de confiança sai, e busca
 O mercador em casa.
 E, posto à mesa, o viram tão seguro
 No gesto e no discurso,
 Que julgaram que nada suspeitava.
 «Eu sei, amigo, disse,
 Que me deixas: e uns certos conseguintes
 Querem mesmo que eu tema.
 Creio-te homem de bem; nem me tens cara
 De quem dá beberagens.
 Mais não digo. Essas gentes, que prometem
 Dar-te apoio... Hás-de ouvir-me,
 Sem arengas ou falas que te enojem,
 Contar-te eu este apólogo:
 Tinha um pastor um cão, tinha um rebanho.
 Houve quem perguntasse:
 De que lhe serve um cão que um pão inteiro
 Engole cada dia?
 Devera esse animal, mui lindamente,

Dá-lo ao senhor da aldeia;
E o pastor, por poupar, ter três cachorros,
Que despendendo menos,
Melhor que um só mastim, guardem o gado.
Mais do que os três comia:
Mas na triple dentuça não falavam,
Com que renhia os lobos.
Desfez-se o pastor dele, três cães toma
De pitança mais curta,
Mas que a brigas se escoam. Sente-o o gado.
E tu tens de senti-lo,
Que tal canalha escolhes. Se bem fazes
Tens de inda a mim volveres.»
O grego assim o creu. Por fim de contas,
Províncias, mais vos vale
De boa-fé confiar-vos e amparar-vos
Monarca poderoso,
Que tomar por esteio muitos príncipes
De estados diminutos.

Filinto Elísio

O urso e o amador de jardins

Em um bosque solitário
De funda mudez sombria,
Por lei do destino vário
Oculto um urso vivia.

Podia perder, coitado,
O juízo; vem dele a mingua
Ao que se vê isolado
Sem ter com que dar à língua.

É muito bom o falar,
O calar-se inda é melhor.
Dos sistemas no abusar
É que se encontra o pior.

Como no bosque recurso
P'ra conversar não achava,
Aborreceu-se o nosso urso
Da vida que ali levava.

E enquanto em melancolias
Ia consumindo o alento,
Não longe passava os dias
Um velho em igual tormento.

O velho amava os jardins
Que a capricho Flora esmalta:
Belo emprego, mas dos ruins
Quando um bom amigo falta.

E cansado de viver
Com *gente* que muda nasce,
Meteu-se a caminho, a ver
Se achava com quem falasse.

Ora, quando o velho ia
Saindo para a jornada,
Do bosque o urso saía
Levando a mesma fígada.

Encontraram-se – era cedo –
E o velho, como é de crer,
Teve do urso grande medo
Como teria qualquer.

Mas por fim, julgando-o manso,
Com ele simpatizou:
«Queres jantar com descanso
No meu lar?» Ele aceitou.

Comeram; de alma no centro
Nenhum receou perigos;
E ficam portas adentro
Vivendo os dois como amigos.

O velho as flores regava,
Com que muito se entretinha;
O urso saía, caçava
E abastecia a cozinha.

E tanto afecto exhibia,
Embora em maneiras toscas,
Que quando o velho dormia,
Até lhe enxotava as moscas.

Mas um moscardo maldito
Apareceu, tão ruim,
Que o urso se viu aflito
P'ra conseguir o seu fim;

E, de raiva furioso,
Agarra num matacão,
E esborrachou o teimoso...
Sobre a tola do patrão!...

A mil iguais fulanejos
Lance a Parca a dura foice:
Querem encher-nos de beijos,
E o que dão, por fim, é coice!

José má cio de Araújo

O leão e o pastor

Sendo furtado um cordeiro
 Por fero, voraz leão,
 O bazófilo pegureiro,
 Cheio de raiva e paixão,
 Clama: «Ó Jove justiceiro,
 Se me entregas o ladrão,
 Dou-te o mais gordo cordeiro
 Que tenho no meu rebanho!
 Ah! que se entre as mãos te apanho,
 Traidor que o meu ódio excitas,
 À força de bordoadas,
 Faço-te o corpo em salada!»
 Palavras não eram ditas,
 Quando vê dum arvoredos
 Sair o bravo leão!...
 Eis convulso o fanfarrão,
 Ficando a tremer de medo,
 Olha dum e doutro lado
 Para poder descobrir
 Algum tronco onde subir;
 Mas teme ser apanhado.
 Em tão fera colisão,
 Exclama: «Ó Jove sagrado,
 Eu te ofertei um carneiro
 Se o ladrão me descobrisses;
 Agora o rebanho inteiro
 Te dava se me acudisses!»
 O generoso leão
 Observando um tal receio,
 Teve dele compaixão
 E voltou por onde veio.

Lances de aperto e de horror
 A pedra-de-toque são
 Onde a fraqueza ou valor
 Sinais de si logo dão.
 Defronte do contendor,
 Redobra o forte a coragem;
 E o fraco blasonador
 Muda, ao vê-lo, de linguagem.

Curvo Semedo

A viuvinha

Não é sem soluçar que se perde um marido:
 Mas tudo tem um fim, mesmo um grande alarido,
 E a que mais chorincou e mostrou mais pesar
 Acaba por calar-se e por se consolar.
 Apaga o tempo a dor e reaviva a alegria.
 Que querem? Não fui eu que fiz o bicho humano.
 Entre a viúva dum ano
 E a viúva dum só dia,
 A diferença é tal, que se diria
 Não ser decerto a mesma e haver por força engano.
 Enquanto uma sorri e nos encanta e atrai,
 A outra, derramando um pranto amargo em chuva,
 Solta de quando em quando a mesma nota: um ai!
 O que faz exclamar a quem passando vai:
 «Eis uma inconsolável viúva!»
 Sim? Pois não foste! Ora escutai:

Para o negro país donde ninguém voltou,
 Duma esposa gentil o esposo ia partir.
 Clamava ao lado a esposa: «Espera! eu também vou!
 Oh! leva-me contigo: eu quero-te seguir!»
 O marido partiu, mas sozinho. Pudera!
 Seguiu-se a usada dor sincera ou não sincera.
 A bela tinha um pai, homem fino e prudente
 Que foi deixando escoar toda aquela torrente,
 E que um dia observou: «Ó menina, eu suponho
 Que isto afinal é já choro demasiado.
 O pranto estraga a pele e fica-se medonho.
 Eu sempre te pergunto,
 De que serve ao finado
 Essa dor excessiva?
 Inda por cá no mundo há muita gente viva.
 Deixemos em sossego o pobre do defunto.
 Eu não pretendo já que troques os teus goivos
 Pelas galas joviais e floridas dos noivos.
 Mas, enfim, se eu vier, dum certo prazo ao fim,
 Propor-te, minha cara, em guisa de conforto,
 Que aceites como esposo e concedas o *sim*
 A um gentil rapaz, apessoado, enfim Muito melhor que o morto...
 – Não quero, atalhou ela, alívio ao meu tormento!
 Só por esposo aceito o claustro dum convento!»
 Que havia a responder? Nada. Foi o que fez
 O nosso velho astuto.
 Assim se foi passando um mês. No outro mês,
 Já se pensou um pouco em guarnecer o luto.

Cada dia se nota uma nova mudança
Na forma do vestido ou na do penteado.
Já se ri, já se brinca e se joga e se dança.
Deitou-se para trás das costas o passado.
O pai já não receando o tal que se finou,
Não pensa mais no resto ou se faz esquecido,
Quando a filha lhe diz: «O papá, e o marido?
– Hem! Qual marido? – O tal, em que o papá falou!»

Jaime de Séguier

A raposa, o lobo e o cavalo

O lobo e a raposa se ajustaram
 Em caçarem de meias; e assentaram
 Em que haviam partir com igualdade,
 Levando cada qual sua metade.
 Indo com este intento, descobriram
 Um formoso cavalo, e pretendiam
 Acometê-lo a peito descoberto;
 Mas indo-se chegando para perto,
 A raposa, temendo algum perigo,
 Disse que era possante o inimigo;
 Assim, que lhe não dessem logo caça,
 Que seria melhor vencer por traça.
 Para o génio tentar da boa presa,
 A raposa, que tem mais esperteza,
 Chegando-se com muita cortesia,
 Lhe disse: «Rogo a Vossa Senhoria
 Se digne de dizer a esta criada
 Seu nome, e ser, e qual família honrada
 Produziu tão magnífica pessoa,
 Que dá grandes indícios de ser boa;
 Na postura, no modo respeitoso
 Se conhece um sujeito generoso.»
 O cavalo, que tinha seu talento,
 Logo lhe cheirou mal o cumprimento,
 E cuidou na cautela, respondendo:
 «De mim mesmo me estou aborrecendo,
 Por ver em ti tal graça e tal policia,
 E não te poder dar ampla notícia.
 Só te digo que em anos inocentes
 Perdi o pai, e a mãe, e mais parentes;
 Por isso ignoro a raça donde venho,
 E nem te sei dizer que nome tenho.
 Contudo, esse bom modo que em ti vejo
 Me obriga a saciar o teu desejo
 Do modo que é possível: Tenho escrito,
 Neste pé, quando já tivera dito
 Se o soubesse dizer; podes chegar-te
 E ler, que este é o meio de informar-te;
 Porque nesta escritura acharás juntas
 As respostas de todas as perguntas.
 – Eu, lhe disse a raposa tão manhosa,
 Em pequena fui muito preguiçosa:
 Mandou-me a mãe à mestra, e deu bom preço,
 Mas contudo nem letras já conheço.
 Assim, cá mandarei meu companheiro

A ver se pode ler esse letreiro.»
Despediu-se, e contou ao lobo tudo,
Afirmado-lhe, em ar muito sisudo,
Que lhe havia de guardar fidelidade
Em toda e em qualquer calamidade,
E não o abandonar, inda metida
Em risco de perder a mesma vida.
O lobo imaginando que campava
Por esperto, atrevido se chegava,
E dizia com um tom muito arrogante:
«Dize-me já quem és no mesmo instante,
Quem foi teu pai, e mãe, e de que gente
(Que seria gentalha) és descendente.
– Podes, foi a resposta do cavalo,
Com bem facilidade examiná-lo,
Em lendo neste pé, onde essa história
Meu pai fez escrever para memória.»
– Vejamos, disse o lobo, e foi chegando.
O cavalo, que estava sempre olhando
Quando o acharia a jeito, apenas acha,
Dois coices à cabeça lhe despacha.
Sem sentidos caiu logo o letrado;
E entretanto ele pôs-se a bom recado.
Apenas a raposa o viu de largo,
Veio ao lobo, que estava inda em letargo;
Começou a abaná-lo, e quando abria
Já metade dos olhos, lhe dizia:
«Eis aí o proveito que tiraste
Do muito que tens lido, e que estudaste:
Na verdade que estou bem consolada
De nunca me meter a ser letrada:
É provável que tendo eu aprendido,
O mesmo me tivera sucedido;
E desta ocasião juro e protesto
Que me fica este exemplo por aresto.
Se tivera cem filhos, e tivera
De cada qual cem netos, eu lhes dera
De conselho, que a ler não aprendessem
Com temor de que nisso se perdessem.
Esta gente que é muito presunçosa
De sábia, de discreta e estudiosa,
Em falar lá tem seu desembaraço,
Mas daí por diante não dá passo.»
Assim falava, e vendo já mover-se
O lobo trabalhando por erguer-se,
Como pôde o ajudou a levantar-se.
Mal podia nas pernas sustentar-se;
E quando entrou em fala, pesaroso
Dizia: «Infeliz sou e desditoso:
Por sábio estive quase agonizante,

E tu ficaste bem por ignorante.»
Daqui toma a resposta outro motivo
De mostrar que o saber é ofensivo:
Marcharam, ela muito satisfeita
Por haver escapado da desfeita;
E o lobo, inda atontado, mal podia
Atinar com a moita onde assistia.

Couto Guerreiro

Os ratos e a coruja

Sobre um pinheiro anoso, o patriarca
Da floresta, elegera uma coruja
Ave sinistra, intérprete da Parca,
Seu domínio constante.

Caiu por terra um dia esse gigante...
Do carcomido tronco a prole suja
De mil ratos surdiram mutilados,
Mas gordos e anafados,
Porque o bico feroz do rapinante
Quebrando-lhes os pés em fúria brava,
Também os regalava
De belos grãos de trigo lourejante...

Poder do raciocínio! A ave de Marte
Preando outrora os lépidos murganhos,
Fazia-os prisioneiros;
Safaram-se os primeiros
E outros muito depois; e desta sorte
Lesada nos seus ganhos,
Não podendo de vez comê-los todos
Por causa da Higiene e seus apodos,
Entendeu a coruja, oh! raciocínio!
Que, mutilando os do porvir na toca,
Poupava à consciência o morticínio,
Assegurando ao ventre a paparoca.
Tinha almoço e jantar, a ceia pronta,
Contanto que os maraus alimentasse
No seu escuro *in pace*
Com fartos grãos de fécula sem conta.

Vamos, responde, cortesiano altivo!
Se o bruto é simples máquina, esse mocho
Que mola o propulsou a fazer coxo
E inábil para a fuga o bando esquivo?

Eis o seu argumento,
Claro primor de lógica cerrada,
Ou não sei o que seja entendimento:

«Quando se prende um rato, o rato foge;
Portanto, devorada
Deve ser prontamente a presa de hoje.

Mas se eu tiver o estômago repleto?...

Não devo ser discreto,
Fugir da incontinência
E, como ordena e manda a providência,
Guardá-lo para a fome doutro dia?...
Cumpre mantê-lo vivo, é ponto assente;
Fazer com que não fuja e se alimente
Do bico meu, que de contrário morre...
Ergo... parto-lhe os pés e já não corre...
Não fugindo... é farnel que vou poupando...
E como à inanição sucumbiria,
Dar-lhe-emos de comer de quando em quando.»

Mas quem assim discorre
Lindou, confessa, a humana jerarquia,
Pois nem de Cnido o Velho argumentando
Mais lógico seria.

Freitas e Costa

Júpiter e o passageiro

Que ricos que seriam
Os deuses, se dos votos
Que nos arranca o p'rito,
Tivéramos lembrança!

.....

No estrondo da tormenta, um passageiro,
Ao que os Titãs venceu, cem bois botara!
 (E um só não possuía!)
 Quando votado houvera
 Um cento de elefantes
 Não fora mor o custo.
Põe pé na praia, e queima achados ossos,
Cujo fumo ao nariz subiu de Júpiter.
«Senhor Jove, ei-lo vai, meu voto aceita.
 Tua superminência
 Cheirou bovino fumo.
Teu lote é o fumo; e estou contigo quite.»
 Fez Jove que sorria;
 Mas deixou correr tempos
 E pregou-lhe um bom logro.
Um sonho lhe mandou, que o prevenisse
 Donde um tesouro estava.
 Ei-lo que acode logo,
 Como ao fogo se acode.
No sitio achou ladrões. Como não tinha
Mais que um pinto na bolsa, sem mais soca,
Prometeu largo cem talentos de ouro
 Luzentes, chocalhantes,
 Do sonhado tesouro,
Tesouro em certa aldeia sepultado,
 Saindo à luz do dia.
Parecendo aos ladrões suspeito o sitio,
Disse ao prometedor assim um deles:
«Zombas de nós, amigo? Morre, e vai-te
Fazer mimo a Plutão dos cem talentos.»

Filinto Elísio

A Gota e a Aranha

Ao dar o Inferno à luz a Gota e a Aranha,
 «Ufanem-se, lhes disse, filhas minhas,
 Em maldade, bem má, ninguém lhes ganha.
 Nem feitas de encomenda há tais praguinhas!
 Cuidemos de dispor-lhes aposentos.
 Dou-lhes à escolha alcáçares dourados,
 Choças gretadas ao raivar dos ventos,
 Aos lutos, à miséria. Minhas filhas,
 Façam, de mútuo acordo, estas partilhas,
 Ou louvem-se nos dados.

– Choupana, acode a Aranha, não me agrada.»

A Gota, vendo os paços apinhados
 Da raça dos Galenos,
 Teve medo a grandezas de pousada.
 Cativa-se do menos:
 Arma a tenda em casebre esburacado.
 Repetena-se à larga, a fome ceva
 No artelho dum coitado.
 «Aqui não falta que fazer, exclama.
 Nem conheço Esculápio que se atreva
 A trocar-me o fofinho desta cama
 Pelo do andar da rua.»

No entanto a Aranha vai urdindo a sua,
 Sumida no seu ninho,
 Um friso de ouro e azul, tão rija, e fera,
 E senhora de si, como se houvera
 Aforado a seus donos o cantinho.
 Estende a teia e espera.
 Quase de gáudio estoura:
 Chovem-lhe as moscas do artesão vizinho,
 Eis senão quando arranca-lhe a vassoura,
 Em punhos de criada,
 Teia, esperanças, alegria, tudo!
 A cada nova teia, vassourada.
 Em vão se muda o nosso animalejo;
 Quer recanto mais fundo, e cego, e mudo.
 Vem a vassoura, e intima-lhe despejo!
 Vai de visita à Gota, que na aldeia
 Vive mil vezes mais afortunada
 Que a própria Aranha do varrer da teia.
 Seu hóspede, um grosseiro,
 Sai com ela a sachar de madrugada,
 Faz de azemel, simula de moleiro,

Lida a fartar, pois gota bem lidada,
Dizem que é meia cura.

«Não posso mais – suspira. A desventura
Prostra-me, irmã e amiga. Se consente,
Troquemos de pousada. Fica assente?»
E a Gota logo: «Aceito.»

Pega-lhe a Aranha na palavra, e a jeito
Se hospeda na choupana,
Onde ri de vassouras e criadas.
E, de sorrate, a mana
Embebe-se nas juntas dum prelado,
Que sepulta em perpétuas almofadas.
Cataplasmas receita a medicina,
Oleoso xarope, amarga quina,
Enxúndias e tisanas:
E vê sem grande pejo, nem cuidado,
Oh, cura inteligente!
Que engorda o mal à custa do doente.

Só lucraram na troca as duas manas.

José de Sousa Monteiro

O leão e o rato

Saiu da toca aturdido
Daninho pequeno rato,
E foi cair insensato
Entre as garras dum leão.
Eis o monarca das feras
Lhe concede liberdade,
Ou por ter dele piedade,
Ou por não ter fome então.
Mas essa beneficência
Foi bem paga, e quem diria
Que o rei das feras teria
Dum vil rato precisão!
Pois que uma vez indo entrando
Por uma selva frondosa,
Caiu em rede enganosa
Sem conhecer a traição.
Rugidos, esforços, tudo
Balda sem poder fugir-lhe;
Mas vem o rato acudir-lhe
E entra a roer-lhe a prisão.
Rompe com seus finos dentes
Primeira e segunda malha;
E tanto depois trabalha,
Que as mais também rotas são.
O seu benfeitor liberta,
Uma dívida pagando,
E assim à gente ensinando
De ser grato a obrigação.
Também mostra aos insofridos
Que o trabalho com paciência
Faz mais que a força, a imprudência
Dos que em fúria sempre estão.

Curvo Semedo

O burro e o cão

A lei do mútuo auxílio é lei antiga e bela,
 Imposta por Natura.
 O burro, com ser burro, andava ao facto dela,
 E se em funesto dia a desprezou de vez,
 Não sei como tal fez. Esta justiça devo à boa criatura.
 No convívio do cão, seguia de jornada,
 Com toda a pacatez e sem pensar em nada.
 Tinham o mesmo dono,
 O qual, afadigado,
 Fez a vontade ao sono.
 Veio a talho de fouce o caso apropriado:
 Por isto sucedeu, mesmo a meio dum prado
 Onde a erva crescia à mão de semear.
 O burro, que não era atreito a hesitações,
 Pôs-se logo a pastar.
 De cardos viu a falta, olhando-a indiferente,
 Pois muito bem sabia
 Que era ser exigente.
 Ele, a gema, o primor dos burros mansarrões,
 Negar-se a dispensar, ao menos por um dia,
 O frequente manjar, que ainda o fartaria
 Em mais ocasiões.
 Criado em tais doutrinas,
 Sabia as paixões más vencer de quando em quando,
 E assim, dizendo adeus às tentações mofinas,
 Continuou pastando.
 O cão, esse, coitado! à força de jejum
 Viu-se obrigado a ter menor filosofia;
 Chegou-se ao companheiro, e sem rodeio algum,
 Disse-lhe francamente: «Amigo, eu tiraria
 Decerto o meu jantar
 Podendo-lhe chegar.
 Tenho deveras fome, e a fome é um tormento;
 Dá-me um minuto só, faze-me este favor,
 Abaixa-te um momento.»
 O burro nem palavra. Aquilo era, talvez,
 Ataque de surdez;
 Ou estaria pensando inconscientemente:
 – Ser caridoso é bom, mas é muito melhor
 Calar e ir dando ao dente. –
 Volvido largo tempo, achou-se mais disposto
 O burro a responder. Vê-se que a digestão
 Lhe despertava o gosto
 De dar à taramela. Assim falou ao cão:
 «Amigo, ouve um conselho;

Deves saber esp'rar e deves ter paciência.
Lições da experiência
Que eu sei, já por ser velho.
Mais um momento, e breve,
O nosso dono esperta. O seu dormir é leve,
E tão depressa acorde, é ponto certo que há-de
Cuidar logo de ti, tratando-te de sorte,
Que fiques como um frade.»
Nisto, um lobo feroz, prenunciando morte,
Aparece, esfaimado.
O burro, transtornado,
Aflito, chama o cão e pede que lhe acuda.
Outra vez se repete a mesma cena muda,
Até que o cão responde: «Ouve um conselho, amigo:
Deita a fugir depressa, enquanto o nosso dono
Acaba de dormir. Ele tem leve o sono,
E, logo que acordar, acode sem demora
A livrar-te do p'rigo.
Quem sabe até se agora
Já sonhará contigo?
Bem sabes que o viver tem cenas variadas,
No mundo anda-se exposto a muitas más venturas;
Se o lobo te apanhar, levanta as ferraduras
E quebra-lhe as queixadas.»
Ao burro este aranzel de pouco aproveitou,
Pois, durante o sermão,
O lobo o devorou,
Sem dó nem remissão.
*É bom, convém saber,
Uns aos outros valer.*

Fernandes Costa

LIVRO SEXTO

1

O burro e o cão fraldiqueiro

Um burro tinha a sua estrebaria
Junto à porta do dono, e dali via
Que vindo ele de fora, um cachorrinho
Corria a recebê-lo no caminho,
A saltar e ganir com os agrados
Dos cães para seus donos tão usados:
Corria-lhe o senhor pela cabeça
A mão; e olha se tem que lhe ofereça.
O jumento, que o via tão amigo
Do gozinho, dizia lá consigo:
«Bem se diz: quem mais faz, menos merece;
O que este companheiro não padece
Em obséquio daquele! Eu albardado,
E com cilha gemendo de apertado,
Eu com cargas tão graves e tão duras
Que me fazem no lombo mataduras!
Eu ando pelas unhas de uns criados,
Que não vi corações mais depravados:
Uma maldita gente que pretende
Que eu entenda do modo que ela entende;
E se erro, aquelas almas tão danadas
Carregam-me com fortes arrojadas.
Sempre querem que vá muito depressa,
Senão uma sovina me atravessa!
Estes são os trabalhos que padeço
Em obséquio de um amo: e que mereço?
Uma palha com mofo enxovalhada;
Alguns farelos grossos; que cevada
Só a vejo se meu senhor me empresta
A mulher, que eu carrego para a festa;
Quando ela me não prende a algum sobreiro,
Sem comer nem beber, um dia inteiro.
E que faz a meu amo aquele gozo?
Eu não vi animal mais preguiçoso;
Todo o dia a dormir; e, só se sente
Pulga, esperta e a enxota a unha e dente;
Trabalhar para casa não conhece;
Dá que varrer à moça, que o aborrece!
Tais são as suas obras; e o proveito
É ser para seu amo tão aceito,
Que lhe faz mil agrados e carinhos,
E lhe mete na boca os bocadinhos.
E porquê? Porque vindo o amo de fora,

Salta e gane; não sei se ri, se chora;
Mas gosta o senhor tanto deste agrado,
Que campá o animal por engraçado.
Ora eu hei-de ser asno toda a vida?
Trabalhar, arrojadas, má comida,
Podendo ter um trato cavalheiro,
Se fizer o que faz o lisonjeiro?
Seguro que a primeira vez que vejo
Meu amo, vou fazer-lhe algum festejo!»

De modo o praticou, que no outro dia,
Vendo o amo fronteiro à estrebaria,
Vem de lá a zurrar de rabo alçado,
E com ele se pôs tão empinado,
Que lhe deu com os ossos na calçada!
Grita o triste da queda e da patada;
Acodem os criados inimigos
Do jumento; e lhe deram tais castigos,
Que vai o miserável de anca torta
Fugindo; e mal atira com a porta!

Couto Guerreiro

A liga dos ratos

Era uma vez
 Uma ratinha que andava
 Com medo a um gato maltês,
 Que há tempos a espreitava.
 Que fazer?...
 Sábia e cauta, neste apuro,
 Com o vizinho foi ter,
 Um arganaz já maduro,
 Um mestre, um fanfarrão, que tinha conseguido
 Instalar sua ratona senhoria
 Em suculenta copa, em farta hospedaria.
 E, presumido,
 Afirmava por bravata
 Constantemente
 Não temer gato, nem gata,
 Nem unhada, nem arranhão, nem dente.
 «Em boa-fé,
 Diz-lhe ele, por mais que eu faça,
 Dona rata, só, bem vê,
 Não posso ao gato dar caça.
 Se porém
 Os ratos da redondeza
 Nos reunirmos todos, hem!
 Oh! então com certeza
 Ou o seu inimigo às nossas unhas morre,
 Ou prego-lhe partida assinalada.»
 Faz-lhe a rata uma vénia humilde, demorada;
 E o rato corre
 Breve, rápido à despensa,
 Onde, amontoados,
 Do dono da casa a expensa,
 Muitos ratos se enchiam regalados.

O fanfarrão
 Chegou açodado, tonto,
 Esbaforido o pulmão,
 E as pulsações sem conto.
 «Que tens tu?
 Perguntou-lhe um rato. Fala.
 – Em duas palavras vou
 Dizer-vos o que me rala,
 E me traz aqui assim esbaforido destarte:
 Urge acudir à rata; é de justiça.
 O bichano maltês faz medonha carniça
 Por toda a parte.

É o Belzebu dos gatos.
Se as ratas faltam,
Virá cevar-se nos ratos.
– É certo. Às armas! Sus!», clamam... e saltam.

Diz que correu
Dalgumas ratas o pranto.
Embora! Nada empeceu
Aquele projecto santo.
De tropel
Cada um logo se apresta;
Cada um mete no farnel
Um naco de queijo; e em festa,
Destemido, cada um, lá marcha intemerato,
Pronto a arriscar-se a tudo, aventureiro,
O espírito flamante, o coração gaiteiro.
No entanto o gato,
Mais fino do que eles todos,
Arma a cilada,
E ao chegarem, pelos modos,
Já tinha a pobre rata abocanhada.

A legião
Vai com passo resolutivo
Dar à amiga a salvação.
Mas o gato, que é astuto,
Sem largar
O que destina à barriga
Rosna, e marcha a defrontar
Com a caterva inimiga.

A isto, a horda teme o fim da empresa louca.
Safam-se com prudência e boa sorte,
Sem levarem mais longe os projectos de morte.
Para a sua toca,
Debandando, cada rato
Enfia breve.
E, cuidado com o gato,
Se a sair por acaso algum se atreve!

Abel Acácio

O velho e os três mancebos

Plantava certo velho de oitenta anos.
 «Plantar!» – diziam certos mancebinhos
 Vizinhos e bairristas.
 «Plantar! ... Edificar tinha seu passe.
 Por certo caducais. Ora, vos peço
 Pelos numes do Olimpo,
 Que fruto ideais colher desse trabalho?
 Menos que envelheçais como Matúsala.
 Que val' cargar a vida
 C' o empenho dum porvir que há-de escapar-vos?
 Doravante cuidai nas vossas culpas;
 Deixai 'speranças longas,
 Vasto assunto que a nós convém somente.
 – Tão-pouco a vós: que quanto estab'lecemos,
 Vem tarde, e pouco dura.
 Zomba igualmente a mão das fuscas Parcas
 Dos meus, do vossos dias. Na curteza
 Vão iguais nossos termos.
 E qual de nós, da abóbada estelífera,
 Verá último a luz? Há o momento
 Que nos dê por seguro
 Um segundo de vida? Os meus bisnetos
 Dever-me-ão esta sombra. E bem? Ao sábio
 Tolhereis vós desvelos,
 Que aos outros dêem prazer? Fruto é, que eu logro
 Já desde hoje e amanhã, e inda outros dias
 Talvez que ainda o goze,
 E que inda, sobre as vossas campas, possa
 Algumas vezes vir saudar a aurora.»
 Razão o velho tinha:
 Que um dos três moços se afogou no porto,
 Partindo para a América; o segundo,
 Armando aos grandes postos,
 Servindo o Estado, em marciais empregos,
 Golpe imprevisto lhe cortou o estame
 Dos dias seus; e o último,
 Caiu do tronco em que enxertava um garfo.

 Chorando, o velho lhes gravou nas campas
 O que eu aqui vos conto.

Filinto Elísio

O avarento e o compadre

Juntara tantas libras um sovina,
 Que não sabia já onde encaixá-las.
 A avareza, que é tola e nada ensina,
 Punha-o em sérias talas
 Sobre quem lhas tivesse em mau depósito.
 Qu'ria por força alguém; e eis a razão:
 «Dinheiro em casa expõe-me à tentação,
 O monte minguará; e, de propósito,
 Eu próprio dos meus bens serei ladrão.»

Ladrão! Essa é que é boa! Meu amigo,
 Pois é roubar a si gastar consigo
 Cada um do que tem?
 Pensar assim julgo eu tolice crassa.
 Pois fica-me sabendo: os bens são bem,
 Se os souberes gastar: se não, desgraça.
 Para que guardas tu esse tesouro
 Para a idade avançada,
 Em que ele te não sirva para nada?
 Perde o valor o ouro
 Co'as fadigas enormes de ganhá-lo
 E as penas de guardá-lo.

Podia o nosso avaro encontrar gente,
 A qual com segurança
 Das ânsias o livrasse facilmente.
 Preferiu ter na terra confiança.
 Co'a ajuda de um compadre, determina
 O soterrar o farto capital.
 Passados alguns tempos, o sovina
 Foi ver o seu dinheiro... porém, qual!
 Tudo abalara: só restava a cova,
 De libras... nem sinal!
 Suspeitou logo, mesmo sem ter prova,
 Do seu compadre e amigo.
 Foi procurá-lo com fingido empenho,
 E disse-lhe: «Compadre, a vir comigo
 Prepare-se. Alguns cobres inda tenho,
 Que ao tesouro escondido vou juntar.»
 O espertalhão compadre, afadigado,
 Vai pôr no seu lugar
 O dinheiro roubado,
 Co'a manha já fígada de apanhar
 Tudo, sem faltar nada.
 Mas, desta vez, o avaro despicou-se.

Meteu em casa a chelpa, destinada
Doravante a tomar-lhe a vida doce,
E jurou nunca mais juntar dinheiro,
Nem deixá-lo enterrado.
Quanto ao ladrão matreiro,
Esse ficou banzado,
Sem encontrar dinheiro ao seu dispor.

Não é caso intrincado
Burlar um burlador.

Henrique Lopes de Mendonça

O veado e os cães

Numa fonte que corria,
Certo dia,
Um estólido veado
Retratado
No cristal puro se via.

Em segredo
Celebrava a celsa frente
Adornada lindamente
Dum ramífero arvoredos.

Mas se a frente celebrava,
Lamentava,
A magreza assaz mesquinha
Que nas longas pernas tinha,
Que podiam parecer
Quatro fusos de torcer.

Eis que nisto,
Um sabujo mui previsto
Deu com ele.
O levíssimo veado,
Assustado,
Por querer salvar a pele,
Meteu pernas tão ligeiro,
Que o rafeiro
Já mui longe lhe ficava;
E escapava,
Se entrar numa selva escura
Não quisesse o miserando;
Que a cornífera armadura
Encalhando
Entre os ramos da espessura,
O prendia,
Lugar dando ao que o seguia,
Que chegasse
E no lombo lhe ferrasse.

Os seus chifres esgalhados,
Tão louvados,
Que lhe ornavam tanto a frente,
Lhe empeceram totalmente
O proveito
Que seus pés lhe tinham feito;
Mal olhados

Por esguios e delgados.

Neste aperto se desdisse
Sem conforto
O veado semimorto,
E maldisse
Da armação, que viu na testa,
A beleza sedutora,
Que lhe fora
Tão funesta!

Muitas vezes maldizemos
O que é útil,
E o vistoso engrandecemos,
Bem que fútil.
Eis o exemplo demonstrado
No veado.

Curvo Semedo

O depositário infiel

Um que traficava em ferro,
Indo meter-se a caminho,
Deu a guardar a um vizinho
Vinte barras, salvo erro.

Voltando breve, reclama
O ferro com modos gratos;
O marau – que seu lhe chama –
Diz que o roeram os ratos.

Crer na léria mal traçada
Finge o do ferro, *patrão*,
Pois logo a levou fisgada
Em dar ensino ao ladrão.

«Não soffro patifarias!»,
Disse ele lá para si.
Deixou passar alguns dias,
Não sei quantos. – Vai daí,

Tendo apanhado e escondido
Do vizinho um filho coxo,
Diz-lhe que ele tinha sido
Engolido por um mocho.

«Pode lá ser!... Nisso há erro!
Não quero crer no que avanças!
– Onde ratos roem ferro,
Mochos engolem crianças!»

E o que quis *ferrar o mono*,
Para ter o filho à mão,
Deu logo o ferro a seu dono,
Aproveitando a lição.

J. I. de Araújo

O macaco e o golfinho

Costumam os malteses nos navios
 Divertir-se com cães e com bugios:
 Afundou-se um navio desta gente
 Junto a Súnio, que é cabo pertencente
 À terra ática: andava tudo a nado,
 E um bugio também quase afogado.

Um golfinho que o viu em tanto dano,
 Parecendo-lhe ser Vivente humano,
 As costas lhe oferece; vem por cima
 Das ondas, com o fim de que o redima.

Defronte do Pireu, que é estaleiro
 De Atenas, perguntou ao companheiro
 Se era desta cidade. – Respondia
 Que sim, e da mais alta fidalguia.

«Conheces o Pireu?», lhe perguntava.
 O macaco, cuidando que falava
 De algum homem, dizia: «E um amigo
 Que estreita confiança tem comigo.»

O golfinho ficou tão iracundo
 Da mentira, que o pôs logo no fundo.

O golfinho foi muito rigoroso
 Em dar ao mentiroso tão mau trato;
 Porém todo o sujeito que é sensato,
 Deve apartar de si o mentiroso.

O tratá-lo sempre é muito danoso;
 Por isso haja cautela, haja recato;
 Porque quando mo faz muito barato,
 Ou me deixa enganado, ou enganoso.

Se me deixa enganado, fico tido
 Por néscio; e de tal modo enganaria,
 Que eu fique, além de pobre, escarnecido.
 Se, pegando-me a sua epidemia,
 Me deixou enganoso, estou perdido;
 Que de um que mente bem ninguém se fia.

Couto Guerreiro

As mulheres que deitam cartas

Glórias, honras, prebendas, recompensas...
 Trá-las frequentemente um puro acaso.
 Merecê-las... que importa? A cada trecho
 Será fácil achar frisante exemplo
 Do popular prolóquio «Cria fama
 E deita-te a dormir.» Santa Iguorância,
 Santa Parlapatice e Santa Embófia,
 Santa Superstição, Santa Rotina
 E Santa Estupidez... eis os oragos
 A que se apega em devoções o vulgo.
 Encarreada assim a opinião pública,
 É que não há tirá-la desse engano!
 Oh! não se emenda o mundo.

E eu conto um caso.

Morava (era em Paris) numa trapeira
 Certa dona que aos tolos se inculcava
 Por «mulher de virtude».

Ao consultório

Em bandos acudia a turba estulta:
 Este um lenço perdeu... mimosa oferta
 Da sua amada; a quem lho deparasse,
 Mundos e fundos prometia. Aquele
 Queixava-se da esposa: um demonico
 A arder sempre em ciúmes; uma víbora;
 Um fardo insuportável! Outras vezes
 Era a impaciência de gentil beldade
 Que em desejos febris de novas núpcias
 Anelava tocar-se c'os tardonhos
 Crepes da viuvez! Ou solteirinha
 Que enviava ao demo a eterna vigilância
 Com que a mãe rabugenta lhe tolhia
 Pôr algures seus pés em ramo verde.
 «Dê-nos, santinha, a males tais remédio!»,
 Eis o que a chusma a suplicar-lhe vinha.
 Querem saber agora em que firmava
 Seus créditos a bruxa? Era em pouquíssimo:
 Certa linguagem vaga; audácia muita;
 De calão alguns termos; e por vezes...
 Do bambúrrio o favor inesperado!
 Milagrosa a julgavam! Chegou mesmo
 A obter foros de santa.

E então... que admira

Lhe entrasse em casa o ouro aos montões? Breve
 Lhe sorriu a opulência! E ei-la comprando

Formoso palacete – e ei-la c’o esposo
Pisando ricas salas, e atingindo
Na social jerarquia um lugar alto!

Mas que há-de suceder? Nova inquilina
Vem por seu turno residir no sótão
Onde até’li a decantada bruxa
Suas consultas dava. A concorrência
Nem por isso afrouxou: donas, donzelas,
Lacaios e fidalgos, gente em barda,
Voavam, como dantes, pressurosos
Ao lugar milagroso. A tal trapeira
Dir-se-ia um antro sibilino.

Embalde

A nova locatária, com protestos,
Desconvencer buscara os visitantes,
Chamando-lhes: «Não sou, não, sou quem julgam;
Enganados estão! Pois eu, senhores,
Que nem a regra do *ABC* conheço,
Poderei porventura de artes mágicas
Entender coisa alguma?»

Embora! O equívoco

Mais e mais se enraiza nos miolos
De quantos ali entram! Que remédio
Tem a pobre mulher senão prestar-se
Ao papel que lhe arbitram de sibila?
Deitando cartas, proferindo oráculos,
Forçoso lhe é (quer goste, quer não goste)
Ganhar dinheiro a rodo. O próprio sótão
Faz lembrar, pelo aspecto da mobília,
Covil de nigromantes: três cadeiras
Aleijadas dos pés, e em complemento
O indispensável cabo de vassoura,
Tudo anunciava ali de feiticeiras
Conciliábulo em regra.

E todavia...

Morasse ela em salões alcatifados,
Mesmo que o dom de adivinhar tivesse,
Ninguém seus vaticínios lhe escutara,
E... morreria à mingua!
Enquanto o sótão
Vai da voga usurpando este apanágio,
Quem há que da inquilina primitiva
Queira lembrar-se já? Perdera o crédito
Co’a nova residência.

A fama pública

Nos seus incoerentíssimos caprichos
Folga em andar às cegas, armando-se
No bordão de enganosas aparências!...
Faz tudo ao caso a tabuleta... e o embuste!

Porque é que um bacharel de *tibi quoque*
Vê rápida afluir-lhe a clientela,
Enquanto estoutro, sabedor do ofício,
Tem o escritório quase sempre às moscas?
Porque é? Porque o povinho em seu bestunto
Não sabe distinguir do ouro finíssimo
O falso, o vil, o ignóbil pechisbeque!

De um desconcerto assim... a causa é óbvia.

Xavier da Cunha

Júpiter e o fazendeiro

Jove, outrora, arrendou certas fazendas.
 Deitou Mercúrio o bando: acodem gentes:
 Uns dão tanto; outros põem-se ali à escuta.
 Não faltou regateio.
 Punha-lhe um pecha, que era de ruim lavra
 A terra; outro senão lhe punha essoutro.
 Enquanto assim os lanços bandeavam,
 Vem um mais abelhudo,
 Não de mais siso – e os lanços todos cobre;
 Contanto que lhe Júpiter prometa
 Dar-lhe o governo do ar, e as sazões dar-lhe
 A seu sabor e alvitre.
 Dar-lhe calma quando ele a desejasse,
 Dar frio, dar bom tempo, dar nortias,
 Chuvas, secura. – A tudo anui Jove.
 Passa em forma o contrato.
 Eis o biltre chapado rei dos ares,
 Que venta, chove, e que se engenha um clima,
 De que algum dos vizinhos mais não prova
 Que os que moram na América.
 Nem por isso pior se acharam: foi-lhes
 Esse ano de ampla ceifa, ampla vindima,
 E mui fraca a colheita do abelhudo.
 Assim, no ano seguinte,
 Muda o teor dos céus. Mas melhor fruto
 Lhe não dá a terra; a dos vizinhos rende,
 Frutifica. – Então é, que ele confessa
 Quanto imprudente obrara.
 Como brando senhor, se há Jove c’o ele.

 Que convém que infiramos deste conto?
 Que, melhor do que nós, a Providência
 Sabe o que nos compete.

Filinto Elísio

A raposa, as moscas e o ouriço

Deixando pelo chão rastros do próprio sangue,
Uma astuta raposa audaz que outrora fora
Enérgica, subtil, leve, jazia agora
Sobre um montão de lama, inanimada e exangue.

Tinha-a ferido em cheio um caçador valente...
E a mosca, o parasita alado do monturo,
Vinha alegre, num voo enérgico e seguro,
Cevar-se no seu corpo ainda vivo e quente.

E o mísero animal, com as pupilas foscas,
Invectivava triste o seu terrível norte,
Por lhe ter conferido a desgraçada sorte
De, com seu próprio corpo, alimentar as moscas.

«Fazerem-me sofrer assim um tal vexame,
A mim, ao mais subtil vivente das florestas!
Quando é que uma raposa alimentou as festas,
Os banquetes cruéis de esfomeado enxame?!

De que me serve a cauda? Acaso é um fardo antigo,
Inútil? Ah! que o céu to pague, mosca bruta!
Vai cevar noutro corpo a tua fome astuta,
E deixa só ficar a minha dor comigo.»

Nesta mesma ocasião, um ouriço piedoso
(Personagem estranho e novo nos meus versos)
Quis livrá-la, com dó, dos animais perversos
Que a afligiam assim, e disse-lhe bondoso:

«Raposa amiga, espera um só instante apenas...
Com meus espinhos bons eu mato-as num momento;
Vais ver como te vou tirar o sofrimento,
Como te vou tirar essas horríveis penas.»

«Não quero, respondeu, não as enxotes, deixa...
Oh! deixa-as acabar o seu furor nefando...
Quase estão fartas já... Viria um outro bando
Que teria mais fome, e eu mais razão de queixa.»

Assim é esta vida e tudo neste mundo,
Desde a negra miséria aos grandes esplendores;
Ministros, cortesãos... são todos comedores,
Todos têm consigo o mesmo mal profundo.

Este apólogo audaz foi aplicado ao homem;
Aristóteles fê-lo e tinha-o como certo;

Exemplos destes há imensos e bem perto...
Quanto mais cheios, mais saciados, menos comem.

Alberto Bramão

A galinha que punha ovos de ouro

Um homem tinha
Uma galinha,
Que Juno bela
Por desenfado
Tinha fadado.

Vivia ela
Dentro dum covão,
E punha um ovo
De ouro luzente
Em cada um dia,
Que valeria
Seguramente
Dobrão e meio.

Mas o patrão
Um dia cheio
De ímpia ambição,
Foi-se à galinha
E degolou-a

Examinou-a
Porque supunha
Que em si continha
Rico tesouro,
Visto que punha
Os ovos de ouro.

Mas nada achou!
E por avaro
Se despojou
Do rico amparo
Que nela tinha.

Outra galinha
Jamais topou
Com tal condão;
E assim pagou
Sua ambição.

Curvo Semedo

O faceto e os peixes

À mesa dum fidalgo
 Um faceto jantava.
 Graúdos peixes servem aos convivas;
 A ele, um mui pequeno.
 «Esperem, que eu lhes conto!» – diz consigo.
 E, pegando no peixe,
 Finge baixo falar-lhe – e de resposta
 Parece estar à espera.
 Pasmam todos, perguntam
 Da charada o conceito.
 «É que receio –
 Diz então o faceto – que um amigo,
 De infância um companheiro, naufragasse
 Da Índia na carreira.
 Informar-me tentei deste peixinho;
 Porém diz-me que sendo inda tão novo
 Nada pode contar-me; que os mais velhos
 Decerto me esclarecem.
 Permitam, pois, senhores, que interroge
 Algum dos mais graúdos!»

Avelino Abrantes

O gato e a raposa

Uma vez a raposa conversando
Com o gato, se esteve ali gabando
De ter artes e gírias bom recheio;
Enfim que delas tinha um saco cheio.

O gato lhe dizia:

«Para tudo
Vós tendes cachimónia: eu sou mui rudo;
Tendes um saco cheio; eu por desgraça
Nunca pude aprender mais que uma traça.»

Nesta prática estavam divertidos;
E quando muitos cães foram sentidos,
Já os tinham no meio: em tal trabalho
O gato saltou logo em um carvalho,
E pôs-se lá de cima a ver a festa,
Que foi para a raposa bem funesta.

Couto Guerreiro

O pastor e o rebanho

«O lobo é forte, vós fracos;
Mas ele é um – vós duzentos:
Podeis, portanto, em momentos,
Fazer o lobo em cavacos!»

Desta maneira um pastor
Ao seu rebanho falava;
E o seu rebanho jurava
Dar provas mil de valor.

Mas chega o lobo – e assustado
Deita o rebanho a fugir! –
Nunca dum reles soldado
Fareis um bravo sair.

Alberto França

A carangueja e a filha

Madre Cangreja, um dia,
Dizia à filha sua:
«Que andar, meu Deus, é esse?
Porque não vais a direito?

– Oh, mãe, vós como ides?
Andarei eu diferente
Que anda nossa família?
Querer que ande eu direita
Quando andam todos tortos!...»

Razão tinha. É geral o poderio
Do doméstico exemplo.

Filinto Elísio

Os companheiros de Ulisses

O rei de Ítaca, havia dez anos,
Rumo incerto nas ondas errava;
Chega um dia c'os sócios à plaga,
Em que a filha de Apolo reinava.

Deu-lhes Circe um licor deleitoso,
Que, de todo, os privou da razão;
Perdem de homens a forma e o semblante;
De animais tomam vulto e expressão.

Ei-los – ursos, leões, elefantes;
Uns têm corpo de grande craveira;
Há meões, há de marca pequena,
Por exemplo: a mesquinha toupeira.

Mas o filho do grande Laerte
Suspeitou do enganoso licor;
E, aplicando as lições da prudência,
Escapara do laço traidor.

Com seu garbo de herói, nobre gesto,
Sedução de melíflua palavra,
Infundiu na princesa um veneno,
Mais subtil, que nas veias lhe lavra.

Uma deusa diz tudo o que sente.
Circe presa do herói se confessa:
E em tirar desse amor bom partido
O finório de Ulisses se apressa.

Conseguiu que seus Gregos pudessem
À roubada figura volver;
«Mas duvido – pondera-lhe a deusa –
Que hoje queiram à troca aceder.

Ide, pois; perguntai a esses bichos
Se desejam ser homens de novo.»
Vai Ulisses, sem perda de tempo,
Arengar deste modo a seu povo:

«A taça empeçonhada
Remédio encerra em si;
E a vossa cura, ó sócios,
Eu vo-la trago aqui.

Quereis, meus bons amigos,
Voltar à espécie antiga?
Falai, e o seu desejo
Cada um bem claro diga.»

Responde o rei das selvas,
Supondo que rugia:
«Perder garras e juba?
Tão tolo eu não seria!

Posso com estas presas
A postas reduzir
A quantos temerários
Me ousarem agredir.

Rei sou – voltando a homem,
Também volto a soldado!
P’ra ser simples vassalo
Não val’ mudar de estado.»

Ulisses, surpreso, dirigiu-se ao urso:
«Irmão, que figura! que feio que estás!
Tens pêlos hirsutos, medonha dentuça,
E, entanto, já foste bonito rapaz!»

Regouga-lhe o bruto: «Não vês que sou urso?!
Eu tenho o feitio que Deus dar-me quis;
Quem acha dos homens mais bela a figura?
Quem é que da nossa te arvore em juiz?

Gentil ursazita, meu novo derraço,
Não tem tão mau gosto; prefere-me assim.
Oh! deixa-me; vai-te, prossegue o teu rumo
Se, sob este aspecto, não gostas de mim.

Eu vivo contente, sou livre e não sinto
Tirar-me o sossego pensão nem cuidado;
Por isso respondo, bem firme e bem claro:
Rejeito a proposta; não mudo de estado.»

Confuso o príncipe grego
Vai propor ao lobo a troca,
E os brios do antigo sócio
Com estas frases provoca:

«Estou pasmo, ó camarada,
Porque aos ecos pregoeiros
Conta uma linda pastora
Que lhe comeste os carneiros!

Quem diria! Tu, que outrora,
O rebanho lhe salvaras;
Tu, que foste exemplo e tipo
De qualidades tão raras!

Abandona estas florestas;
Volta aos teus; comigo vem!
Despe essa pele nojenta;
Volve a ser homem de bem!»

Uiva o lobo: «Ai, que vai torta!
Já se viu maçada igual!
Quem és tu, que ousas tratar-me
De carnicheiro animal?

Quem deste modo me increpa
Pouparia as ovelhinhas?
Se eu homem fosse, as poupara
Menos que as feras daninhas?

Por uma palavra, às vezes,
Não vos matais mutuamente,
Fazendo o papel de lobos,
Perdendo os foros de gente?

Eu penso, por fim de contas,
Que, malvado por malvado,
Melhor é lobo que gente.
Não quero mudar de estado.»

A igual proposta,
Que o rei formula,
Responde acorde
Toda a matula.

Tornar-se em homens,
Quem diz? Não querem.
Ser sempre feras
Todos preferem.

Matar a fome,
Seguir o instinto,
Vagar das selvas
No labirinto:

Eis as delicias
Da estulta grei,
Surda a incentivos,
Rebelde à lei.

Julgam ser livres
Nas solidões,
Cevando, a soltas,
Brutais paixões.

Curto bestunto
De bichos bravos!
Dos próprios vícios
São mais que escravos.

Barão de Paranapiacaba

O pavão queixando-se a Juno

A Juno o pavão se queixa
Dizendo: «O deusa celeste,
Com razão de ti murmuro
Pela má voz que me deste.

Sou ave tua, e se quero
Entoar os teus louvores,
Estrujo os campos em torno
Com meus guinchos troadores;

O rouxinol tão mesquinho
Deleita, se a voz levanta,
É honra da Primavera,
De ouvi-lo o mundo se encanta!»

Irada lhe torna Juno:
«Cala-te, néscio invejoso!
Porque desejas as vozes
Do rouxinol sonoro?»

De ricas pedras ornada
Não parece a cauda tua?
O listrão do íris brilhante
Em teu colo não flutua?

Ave nenhuma passeia
Que tanto pareça bem;
Em si ninguém reunir pode
Quantos dotes os mais têm.

Repartiu seus dons com todos
A profícua Natureza;
Às águias coragem deu,
Deu aos falcões ligeireza;

Por presságio o corvo grasna,
O mocho nas mortes pia,
A gralha males futuros
Com seu clamor pressagia.

Do que são se aprazem todos;
E se torno a ouvir queixar-te,
Dar-te-ei voz de filomela,
Mas hei-de as plumas tirar-te.»

Não quis o invejoso a troca;
Que é nosso instinto invejarmos
Sempre o que os outros possuem,
Sem o que é nosso largarmos.

Curvo Semedo

O círio

As abelhas vieram, reza a fama,
 Da morada dos deuses. As primeiras
 Dizem que foram habitar o Himeto
 E ali fadar-se nas fragrantas flores
 Que os zéfiros afagam.

Dessas filhas do céu, quando dos paços
 A ambrosia roubaram, que nos claustros
 Encerrada se achava,
 Ou – para que melhor o entendam todos –
 Quando as colmeias só continham cera,
 Muitas velas e círios fabricaram.
 Um destes, vendo ao fogo
 O barro endurecido
 Em ladrilho tornar-se
 E resistente ser à acção do tempo,
 Empédocles imita
 Lançando-se no fogo.
 Que era pouco filósofo o tal círio,
 Bem prova esta simpleza.
 Diverso é tudo em tudo:
 Pelo molde do vosso, nenhum ente,
 Podeis ter a certeza, foi composto.
 Que essoutro, não mais louco,
 O Empédocles de cera derreteu-se
 Ao fogo num momento.

J. M. dos Santos Barbosa

A perdiz e os galos

Um tinha uma perdiz e tinha uns galos;
 Determinou com ela associá-los:
 Desgostou a perdiz dos camaradas,
 Que com ela saltaram às picadas;
 Entendeu que por ser uma estrangeira
 A tratavam os mais desta maneira.
 Mas um dia que viu dois encrespados
 Saltarem de pescoços levantados,
 E em mútua guerra às cristas investirem,
 E com unhas e bicos se ferirem:
 «Não vai mau – diz a triste – se discorde
 Esta gente entre si se arranha e morde,
 Já não tenho razão para queixar-me;
 Devo com suas guerras consolar-me.»

Indício de incivil barbaridade
 De todo o malcriado, que grosseiro,
 Em vindo a seu país um estrangeiro,
 O despreza e lhe mostra má vontade.
 O preceito da santa caridade
 Distingue o natural do forasteiro?
 Ser judeu, mouro e herege o viajeiro,
 Não lhe tira o que tem por irmandade.

E se esse forasteiro se contenta
 De ver que os naturais são mal unidos,
 Também barbaridade representa:

Todos dum mesmo pai somos nascidos;
 Se o sangue nos uniu, que nos alenta,
 Não sejamos por ódio divididos.

Couto Guerreiro

O cão que leva o jantar ao dono

Marchando com grande entono,
Um cão esperto e sagaz
Levava o jantar do dono
Em um pequeno cabaz.

Passa outro cão – e atrevido,
Entra a rosnar, a rosnar,
E mostra-se decidido
Em lhe tirar o jantar.

Mas o que pensa não faz,
Que o primeiro cão, valente,
Da boca larga o cabaz
E ao ladrão refila o dente.

Um bando de cães acode;
Vê-se o jantar em perigo;
E o fiel cão, que não pode
Combater tanto inimigo,

Diz aos irmãos com bons modos:
«A questão é de barriga;
Reparta-se isto por todos,
E não pensemos na briga.»

Este atira-se a um bocado,
Aquele a um outro cobiça;
Cada um puxa p'ra seu lado...
Foi *–fogo viste, linguiça!*

É semelhante este cão
Ao empregado zeloso
Que arrecada, escrupuloso,
Os dinheiros da nação;

Mas não podendo estorvar
Que os outros comam do bolo,
Não quer que lhe chamem tolo
E é o primeiro a roubar.

J. I. de Araújo

LIVRO SÉTIMO

1

O raposo e os perunzetas

De cidadela uma árvore servia
A perus, contra assaltos do raposo.
Tendo o velhaco dado volta aos muros,
Visto cada peru em sentinela:
«E zombará de mim tal raça? Os únicos
Serão que à lei comum escapam? Logro!
Voto aos nubes do céu...» Cumpriu palavra.
Brilhava a Lua, como que quisesse
Amparar a ninhada perueira
Contra o bargante. Ele não sendo novo
No mister de assaltadas fraudulentas,
Recorre ao saco das maldosas manhas.
Dá visos de trepar: c'os pés se guinda,
Faz-se morto; ressurgue. Arlequim mesmo
Tais papéis não faria, e tão de molde.
Alta a cauda, cambiava-lhe os reflexos;
Mil outras mogigangas... Nesse entanto
Tosquenejar nenhum peru ousava,
Cansando-os o inimigo, e assim cravando-lhes
Sempre a vista no brilho. A pobre raça
Encadeada alfim, vinha caindo.
Tantos caídos, tantos apanhados,
Fazem monte. Mais de ametade cai;
E o marau foi depô-los na despensa.
A sobeja atenção fita nos p'rigos
Nos faz neles cair bastantes vezes.

Filinto Elísio

O cão desorelhado

Ganindo, um pobre cão a perda chora
Das orelhas que o dono lhe cortara:
«Com que cara – dizia – com que cara
Me hei-de aos mais cães apresentar agora?»

Mas em breve pulava de contente,
Em breve o dono havia abençoado,
Percebendo que assim desorelhado
Menos presa deixava a estranho dente.

Luciano Andrade

Simónides protegido pelos deuses

A Simónides, que fora
 Facundo argivo poeta,
 Procurou um dia em casa
 Um novo enfunado atleta.
 Havia em dúbio certame
 Vencido o seu contendor,
 E em áureos versos queria
 Ver cantado o vencedor.
 Ajustou dar um talento
 De prémio ao sublime vate,
 Pedindo que erguesse às nuvens
 Aquele egrégio combate.
 O sábio empenhou no encómio
 Toda a força da eloquência;
 Hipotiposes mostravam
 Ao vivo a nobre pendência.
 Mais que dizer não havia;
 Porque o destro aventureiro
 Era de família obscura,
 E este o certame primeiro.
 Com as flores da eloquência
 Ornou o grato elogio,
 Símbolos e paralelos
 Serviram de áureo atavio.
 Aos gémeos Castor e Pólux
 O seu herói comparava,
 E as nobres acções daqueles
 Amplamente numerava.
 De sorte que uns bons dois terços
 Do poema que tecia,
 Em digressões agradáveis
 Aos dois gémeos pertencia.
 Findo e copiado o encómio,
 A casa o levou do atleta,
 Que depois de o ler três vezes,
 Disse ao facundo poeta:
 «Meu louvor neste poema
 Só ocupa a terça parte;
 Portanto, do que ajustámos
 Só devo o terço pagar-te.
 Os dois gémeos, a quem tanto
 Teus nobres versos exaltam,
 Que te paguem do talento
 Os dois terços que te faltam.
 Entanto, para mostrar-te

Que não fico mal contigo,
Quero esta noite que venhas
Sem falta cear comigo.»
O convite lhe aceitou
De Apolo o filho sisudo,
Julgando que era melhor
Perder pouco do que tudo.
Parentes, muitos amigos
Dos que usam comer de mofa
A lauta mesa cercavam;
Tudo era festa e galhofa.
Saúdes a uns e a outros,
Saúdes ao novo atleta,
E só lá de quando em quando
Levava alguma o poeta.
Sentiu-se em tanta algazarra
Que muito à porta batiam;
Abrindo-a, viram dois jovens
Que ao vate falar queriam.
Ele, erguendo-se da mesa
Antes da ceia dar fim,
Viu à porta dois mancebos
Que lhe falaram assim:
«Nós de Leda os filhos somos,
Astros no globo celeste,
Que hoje agradecer-te vimos
Os incensos que nos deste.
Também salvar-te queremos
Dum iminente perigo;
Foge, que vai neste prédio
Cair dos céus o castigo.»
Saiu prontamente o sábio;
E a companhia indiscreta
Com saúdes aplaudia
Quanto ao vate fez o atleta.
Eis de improviso estalando
As colunas do edifício;
Sofreram todos o estrago
Dum funesto precipício.
Dos céus a Poesia é prole;
Ela aos céus tece o louvor;
Aquele que a menoscaba
Ofende o seu criador.

Curvo Semedo

A andorinha e a Filomela

Progne, a andorinha singela,
Foi ter, deixando a cidade,
A um bosque onde habitava a Filomela.

«Irmã, diz Progne, estimo vê-la bem.
Há mil anos talvez, oh que saudade!
Desde a Trácia, que não a vê ninguém.

Pensa acaso em ficar
Neste ermo triste?

– Ah! onde o encontrar

Mais grato?

– Pois o encanto

Do teu divino canto

Vais consagrá-lo aos brutos animais
Ou aos rudes campónios? Ermos tais
Não são para talentos como o teu.

Volta para a cidade,
Onde luzem tuas graças imortais.
Além de que, desse feroz Tereu,
Que num ermo violou tua beldade,
Não vem este ermo a afronta recordar-te?

– Oh! não! – a Filomela respondeu.

Não! é a lembrança dessa injúria acerba
O que me impede, irmã, de acompanhar-te...
A presença dos homens a exacerba!»

Cristóvão Aires

O ratinho e a mãe

Certo ratinho inda novo,
Lá da toca onde nasceu,
A vez primeira saiu;
E quando se recolheu,
Contou à mãe quanto viu.

Disse: «Apenas saí fora,
Para o casal mais vizinho,
Trotando me encaminhei,
Meti-me num buracinho,
E dali tudo espreitei.

Vi, ó mãe, dois grandes bichos,
Diferentes na figura,
Defronte de mim andar;
Um respirava doçura,
O outro fez-me trepidar!

Este dum morro vermelho
Ornava a cabeça esguia,
Que as orelhas tinha em baixo;
Só com dois dentes comia,
Tendo por cauda um penacho.

Andava em dois pés, e tinha
Em cada perna um ferrão;
Em si c'os braços bateu,
Desatou voz de trovão,
Que de horror me estremeceu!

Pelo contrário o primeiro,
Era da nossa figura;
Com modéstia passeava,
Tinha meiguice e doçura
Na mansa voz que soltava.

Era o seu rosto redondo,
Barba hirsuta, olhos luzentes,
Curta orelha e nariz chato,
Ralos e brancos os dentes,
Quase era o nosso retrato.

Tanto me encantou seu modo,
Que fora a seus braços ter,
Se a tal fera, impia e feroz,

Me não fizesse deter
Com susto da sua voz!

– Ai, filho!, a mãe lhe tornou,
Quanto a aparência te engana!
Essa figura adorável
É duma fera tirana,
Nossa inimiga implacável!

Se lhe caísse nas unhas,
Em postas serias feito!
Finge doce mansidão,
Chama-se gato, e no peito
Guarda um feroz coração!

E diferente o segundo
Que te deu susto mortal!
Tendo um aspecto feroz,
Se nos vê não nos faz mal,
E é benigno para nos.

Galo se chama, e nos pode
Servir de pasto alguns dias;
Olha como te enganavas!
Ao bom por susto fugias,
Ao mau por gosto buscavas!»

Uma doçura afectada
É fruto da hipocrisia.
Sirva ao mundo esta lição:
Quem de aparências se fia,
Gosta da sua ilusão.

Curvo Semedo

Dáfnis e Alcimadura

Desprezado da bela Alcimadura,
 A quem amava loucamente, Dáfnis
 – Pastor de nobre raça – quis pôr termo
 Ao seu sofrer, matando-se.

Mas, antes,
 À ingrata assim falou:

«Dos bens que tenho,
 Metade vou deixar-te. A outra metade
 Ordeno seja entregue
 Aos companheiros meus, que um templo fundem,
 No qual a imagem tua se contemple.
 Junto do templo, quero um monumento
 Simples na arquitectura,
 Em que um letreiro ao caminhante diga:
 "Pára um momento, e chora
 De Alcimadura o desditoso amante!"»

Morto o pobre pastor, Alcimadura
 Não verte uma só lágrima! Ao contrário;
 Folgando, vem com suas companheiras
 Dançar-lhe em torno à estátua!

Dureza tanta ao deus do Amor indigna;
 À ingrata a morte dá; e, pronto, ordena:
 «Tudo ame doravante!»

J. M. Silva Galão

A rã e o rato

Trazendo viva guerra antigamente
 Rãs e ratos, houve uma tão valente,
 Que tomou em um choque prisioneiro
 Um rato, que era entre eles cavalheiro.
 Pediu-lhe este licença em certo dia,
 Para acudir a um pleito que trazia.
 Concedeu-lha. Era o rato precisado
 A passar um profundo rio a nado:
 Deu indícios de medo; a rã lhe disse
 Que se prendesse a ela e que a seguisse;
 Que como no nadar tinha mais arte,
 O poria sem risco da outra parte.
 Aceitou, e de junça fabricaram
 Uma boa tamiça a que se ataram;
 Porém a falsa rã, que a má vontade
 Encobria em finezas de amizade,
 Desejava afogá-lo; e lá no meio
 Puxava para baixo, e com receio
 Puxava para cima o triste rato,
 E faziam um grande espalhafato.

Passava acaso uma ave de rapina;
 E vendo aquela bulha, o voo inclina;
 Pilha ambos pelo atilho; e a tal contenda
 Acabou em fazer deles merenda.

Ninguém creia em finezas de inimigo,
 Porque o ódio se oculta e não se entende;
 Dirá que de perigo nos defende,
 Para haver de meter-nos em perigo.

Sabemos que não fica sem castigo;
 Porque às vezes no laço em que pretende
 Ofender-me, também a si ofende:
 Mas que importa, se lá me tem consigo?

Se padecesse só o embusteiro,
 Menos mal; porém vou com ele atado,
 E posso no penar ser o primeiro;

Por isso nada fico aproveitado,
 E talvez se aproveite algum terceiro
 À custa do inocente e do culpado.

Couto Guerreiro

O pescador e o peixinho

Peixe pequeno será grande um dia,
 Se Deus vida lhe der;
 Mas é falta de siso em demasia
 O largá-lo qualquer,
 Esp'rando que ele cresça
 E depois apareça:
 Apanhá-lo outra vez é muito incerto.
 Um pescador esperto
 Em a rede apanhou
 Uma carpa muitíssimo pequena:
 «Se os poucos muitos são, valem a pena!»
 Disse, e a carpa guardou.
 Pergunta-lhe a coitada:
 «De mim o que farás, se chego a custo
 Para meia dentada?...
 Oh! deixa-me no mar crescer sem susto...
 Mais tarde vender-me-ás por alto preço!»
 «Tua esperteza muito bem conheço,
 Lhe toma o pescador. Irás, amiga,
 Apesar da cantiga
 Parar à frigideira!»

Diz-nos desta maneira
 Certo rifão que achei
 E vem de molde para casos tais:
 Um *toma* vale mais
 Que dois *eu te darei!*

J. I. de Araújo

As rãs e o Sol

Querendo o Sol casar-se,
As rãs, quando o souberam,
A Júpiter fizeram
Humilde petição,
Dizendo: «Não consintas,
Ó Júpiter sagrado,
Que mude o Sol de estado,
Que tenha geração;
Porque se ele sozinho,
Com seu calor intenso
Nos faz um dano imenso
Na cálida estação;
Em tendo esposa e prole,
Seus novos sucessores,
Com férvidos calores
O mundo abrasarão.
Secando-se as lagoas,
As fontes e as correntes,
Os nossos descendentes
A vida acabarão!»
Ouvindo Jove as preces,
Negou consentimento
Do Sol ao casamento,
As rãs em atenção.
Aquele que previne
Que o mal se reproduza,
Prudente evita e escusa
De horrores profusão.

Curvo Semedo

A gata metamorfoseada em mulher

Era uma vez um bom rapaz, celibatário.
Tinha uma gata branca e, caso extraordinário!
Enamorou-se dela! Amava-a com ternura,
Chamava-lhe anjo e amante e noiva! Uma loucura!

O mundo inteiro não tinha
Delícia que ele igualasse
Ao meigo *miau* da gatinha
E ao aparar-lhe na face
A graciosa marradinha.

O homem tanto pediu, tanto chorou, que um dia,
Por artes do Demónio ou coisas de magia,
Fez-se a gata mulher. Ora! foi dito e feito:
Levou-a logo à igreja e casa-se o sujeito.

Facilmente se adivinha;
Com a astúcia feminina
Acrescendo à que ela tinha
E lhe ficou da gatinha,
Imagem! que menina!

Requebrava-se toda em lânguida meiguice
Até lhe ouvir gemer: «Filha, não se espreguice,
Ou morro aqui de amor!» E então fugia logo
Para voltar depois a reacender-lhe o fogo,

E fugir daí a nada
Outra vez ao beijo ardente...
Em suma, precisamente
Como fazia a malvada
Aos gatos antigamente.

No coração do noivo a chama lavra, lavra,
Té irromper num vulcão! Doido, numa palavra,
Crê na metamorfose e toma-a tanto à letra,
Que acha a gata mulher em tudo, tudo, etc.

Mas entre os beijos em chama,
Rói um ratinho na esteira,
Pressente-o a noiva e ligeira
Ei-la debaixo da cama
Toda agachada, matreira.

A falar a verdade, aquilo não se atura,
E o marido, a meu ver, fez muito má figura.
Se não fosse um escravo, a bem dizer, da esposa,
Pegava da vassoura e dava-lhe uma tosa.

Mas o bom foi que o ratinho,
Perdendo o antigo respeito,
Sentou-se muito direito,
E entra a cofiar o focinho
Em ar de troça! Bem feito!

É assim o natural. Não há poder que o torça
Nem há força igual sequer à sua força.

Connosco vem crescendo até que em certa idade
Lhe achámos, feita de aço, a algema na vontade,
Que, se às vezes se rebela
E nos seus ímpetos corta,
Despedaça a algema, ai dela!
Porque fecha-se-lhe a porta
E ele entra pela janela.

Fernando Caldeira

A dama desdenhosa

Uma mui nobre – rica donzela,
 Airosa e bela,
 Fez a cidade – alvoroçar.

Nas sociedades – mui bem cantava,
 Mui bem dançava,
 Queriam todos – ser o seu par.

As outras damas – ao seu aspeito,
 Cruel despeito
 N'alma sentiam – de as eclipsar.

Rica e formosa – nobre e prendada,
 Faltava nada,
 Para partidos – ter a fartar.

Já dos mancebos – a estreia toda
 Dela anda em roda,
 Cada um procura – de a desposar!

Mas desdenhosa – dando à cabeça,
 «Não tenho pressa –
 Dizia ufana – de me casar!»

Depois severa – cada conquista
 Passa em revista,
 E em todas acha – que censurar:

Um, nímio branco – outro é trigueiro,
 Outro grosseiro,
 Outro mui velho – para a igualar.

No entanto os anos – vão de corrida;
 Não pressentida,
 Sua beleza – entra a baixar.

Roda somenos – de pretendentes,
 Inda decentes,
 Os seus obséquios – vem ofertar.

Mas segue a louca – sua mama:
 «Ora – dizia
 Se de tais monos – me hei-de agradar!

Fidalgos pobres! – ricos plebeus!

Sem tais sandeus,
Posso contente – vida passar.»

Os galãs vão-se – dela zombando;
Té que chegando
O seu espelho – a consultar,

Viu, que desgosto! – que entre os cabelos
Louros e belos,
Alguns começam – a branquejar!

Então ansiosa – busca um marido,
Mas um partido
Sequer mediano – não pôde achar.

E quem rendera – cidade e corte,
Por grande sorte,
Com um corcunda – teve o casar.

Costa e Silva

O horóscopo

Dissera um charlatão
 Ao pai dum criança que nascia,
 Que esta cruenta morte sofreria
 Nas garras dum leão.
 Cresce, temos rapaz,
 E o pai lhe diz: «Não sairás dos lares,
 Para uma vez leões não encontrares.»
 Se bem diz, melhor faz.
 Tinha o pai, num painel,
 Pintado um leão. Um dia o rapaz brada:
 «Por causa desta fera aqui pintada,
 Sofro eu sorte cruel!»
 Forma um bom murro e – zás!
 Investe c' o painel, de raiva cego;
 Porém a mão lhe rasga oculto prego
 Que estava por detrás!

Ésquilo ouviu rosnar
 Que havia de cair-lhe em cima a casa;
 Crê no que ouve, o pateta, vê-se em brasa,
 E vai dormir ao ar.
 Mas – oh, caso fatal! –
 Passa uma águia nas garras empolgando
 Enorme tartaruga; e esta largando
 Na cabeça do tal,
 Um bolo pronto a faz!

Um adivinho em méritos realça?
 Não, respondo. Sua arte é mais que falsa,
 Apesar do que atrás
 Acabo de contar.
 Crer nessa arte é no juízo haver atraso:
 Aqui só vejo acaso – e pode o acaso
 Às vezes acertar.

O homem e a serpente

Um moço encontrou
Dormente
Serpente
Que o gelo enervou.
A casa a levou,
E logo
Do fogo
Mui perto a chegou.
A vil se animou,
Que em breve
Da neve
O efeito acabou,
A cauda anelou;
Erguendo
E torcendo
O colo, silvou.
A quem a salvou
Da corte
Da morte
Matar intentou.
O moço tomou
Pesado
Machado,
E ao meio a cortou.
A ingrata acabou
Partida,
Co'a vida
Seu crime expiou.

O ter caridade
É da humanidade
Um sacro dever:
Porém não a ter
Com feras ingratas
É de almas sensatas.

Curvo Semedo

A tartaruga e os dois patos

Estava enfastiada a tartaruga
 Da negra e estreita toca em que vivia;
 Por isso um belo dia,
 Apoderou-se dela
 O desejo profundo
 De abandonar a casa e correr mundo.
 A todos bem parece a terra estranha,
 E sempre foi notória a grande sanha
 Que o coxo tem à casa.
 A dois patos foi ela então dizer
 A viagem que tinha projectado.
 Solene, autorizado,
 O par lhe respondeu:
 «Tens aberto o caminho.
 E nós te levaremos
 A um sítio que sabemos;
 Verás muito país e muitas gentes,
 Repúblicas e reinos florescentes.
 Terás muito que ver
 E muito que aprender.
 Ulisses muito aproveitou com isso.»
 Os dois eram espertos,
 E expeditos no ajuste do serviço
 Que iam prestar à pobre tartaruga.
 Foram logo fazer de um pau nodoso
 Tirado de uma árvore,
 Um engenho famoso,
 A fim de transportar a viageira.
 Agarra-se cada um
 Valentemente a cada extremidade,
 E apresentando o meio à tartaruga,
 Disseram-lhe com grande autoridade:
 «Ferra aqui e não largues!»
 A mísera assim fez,
 Sem de leve temer
 O que ia suceder.
 E foram pelos ares...
 «Milagre! gritam todos os que vêem;
 Tartaruga voar é caso estranho.
 Decerto tem em si poder tamanho,
 Que não cabe no mundo!»
 A tartaruga enfatuada e louca,
 Para responder vai a abrir a boca.
 Melhor fora calada,
 Pois logo num momento

Caiu arrebetada,
Aos pés do povo atento.

Vaidade, presunção, muita palavra
Reveladora de apoucado siso,
Têm a mesma origem,
Da mesma fonte brotam.

Alfredo Alves

As duas cabras

Dês que hão pastado, as cabras tomam
 Largas; e um certo amor de liberdade
 Lhes faz buscar ventura.
 Fazem digressões vastas
 A pastos, que os humanos pouco trilhem.
 Se acham sítio, sem trilho, sem vereda,
 Algum serro, ou despenho,
 Lá vão as tais moçoilas
 Dar ala a seus caprichos. Nada estorva
 Esse animal trepante.
 Assim duas cabras,
 E ambas de pés mui alvos,
 Por dar c'um bom achado,
 Cada uma, do seu sítio, largam veigas.
 Esta, que vai de cá, d'além vindo outra,
 Deparam c'um ribeiro,
 E por ponte uma prancha,
 Que, mal, duas doninhas passariam,
 De frente, por tal ponte; e, por mais sobras,
 Corria fundo e rápido
 Da água o fio... Toldar-se
 De susto coube às amazonas.
 Mau grado a tantos p'rigos, uma dessas
 Guapas, o pé na ponte
 Planta – e planta-o a outra...
 Parece-me estar vendo Luís Magno,
 Filipe Quarto entrarem mesurados,
 Na Ilha da Conferência.
 Assim se adiantavam
 Nossas aventureiras, barba a barba:
 Que, como ambas, de altivas caprichavam,
 Chegando a meia ponte
 Ceder não quis nenhuma.
 Por timbre seu, contavam na ascendência,
 Uma, a cabra sem par no engenho e arte,
 Que em mimo, a Galateia
 Dera *olim* Polifemo;
 Outra, a cabra Amalteia, ama de Jove.
 Nenhuma quis recuar; ambas dum tombo
 Entraram de mergulho
 No caudaloso rio.

 Azar, que não é novo
 Na estrada da Fortuna!

Filinto Elísio

O lobo e o cão magro

A pequena distância duma aldeia,
 Um lobo encontra um gozo,
 E quer ferrar-lhe o dente.
 O cão, manhoso,
 E vendo a coisa feia,
 Rabo entre pernas, diz humildemente:
 «Peço perdão, mas Vossa Senhoria,
 Ou não vê bem de perto,
 Ou vê decerto
 Em mim pobre iguaria!...
 Eu sou o que se chama um carga-d'ossos;
 Vendido em qualquer talho,
 Não valho
 Dois tremoços!...
 Quer um conselho? Espere. Muito breve,
 Meu dono casar deve;
 Convidado
 Já fui para o noivado;
 Tempo de boda,
 Tempo de fartura:
 Faz-se gordura
 Esta magreza toda!...
 Tal como sou, não passo dum lambisco;
 Enquanto que, depois de uns dias ledos
 – Não é por me gabar – mas... um petisco
 Eu devo ser
 De se lamber
 Os dedos!
 Deixe que eu tire o ventre de miséria,
 E venha, venha então!»
 O lobo crê na léria,
 E larga o cão.

Passam dias – e, muito cauteloso,
 Entra olobona aldeia,
 A ver se acha no gozo
 Melhor preia.
 Mas em lugar seguro, o cão, velhaco:
 «Por cá, meu caro? – diz – prazer sem par!...
 Dois dedos de cavaco
 Eu e o guarda-portão te vamos dar;
 Espera aí portanto,
 Abrimos-te o ferrolho!»
 Era o guarda-portão
 Um canzarrão

Capaz de estrangular um lobo enquanto
O demo esfrega um olho!
O lobo, ao vê-lo, diz todo assustado:
«Senhor guarda-portão, um seu criado!»
E as pernas pôs em rápido exercício!

Ora aqui está um lobo que, a meu ver,
Mostrava não saber
Do seu ofício!

Eduardo Garrido

O burro e o cavalo

Indo um burro e um cavalo de jornada,
Levava o burro carga tão pesada,
Que disse ao companheiro:

 «Meu amigo,
Tão grande peso levo, que te digo
Que se não tomas parte e me alivias,
Chegado está o termo dos meus dias.»
O cavalo zombou, e o burro larga,
Estendido no chão, já morto, a carga.
Tratou o dono logo de esfolá-lo;
E não se pôs em cima do cavalo
A carga, mas a pele do esfolado.
«Ah, mísero!, dizia o carregado,
Eu tomei o levar parte em desprezo,
E agora levo tudo e contrapeso!»

Couto Guerreiro

Os dois cães e o burro morto

Dois cães um burro morto comer qu'riam,
Que nas águas dum rio viram boiando;
Como, porém, chegar-lhe não podiam,
Acudiu-lhes pescá-lo... o rio secando!
Tentando a empresa – caso presumível –
Bebem, bebem... a ponto de estoirar!
Assim os homens são, quando o impossível
Procuram realizar!

Luís de Macedo

O macho e o burrinho

Da sua nobreza
 Vivia enfunado,
 Um macho de sela
 Dum gordo prelado;
 Um dia o farfante
 Assim blasonava
 C'um velho burrinho
 Que ao pé lhe ficava:
 «Meu pai foi da raça
 Do duque de tal,
 Serviu muitos anos
 Na Casa Real;
 Também meu avo
 No paço vivia,
 E de ouro e veludo
 Jaezes trazia;
 Mas sendo tão nobre,
 Estou companheiro,
 Por minha desgraça,
 Dum pobre sendeiro!»

«Olá, sô fidalgo!,
 Lhe torna o burrinho,
 Você já se esquece
 De que é meu sobrinho?
 Que foi minha irmã
 A mãe que o pariu,
 A qual numa nora
 Dos peitos abriu?
 Seu pai, meu cunhado,
 De quem nos blasona,
 Morreu trabalhando
 Em pobre atafona:
 Pois esse ricaço
 Que foi seu avô?
 Debaixo de albarda
 A vida acabou!»

Embora um bazófilo
 Seu nada engrandeça,
 Porém nunca avilte
 A quem o conheça.

Curvo Semedo

A corte do leão

Um dia, a leonina majestade,
 Forte no dente e unha,
 Quis saber com verdade
 De que povos seu reino se compunha;
 E convocou por circular firmada
 Com o selo real
 A vária bicharada.
 Dizia o papelucho, por sinal,
 Que o rei daria audiência,
 E que esta, por maior magnificência,
 Seria aberta ao grito
 Do macaco em caretas mais perito.
 O monarca entendeu,
 Para ostentar grandeza entre os vassalos,
 Ao seu real palácio convidá-los...
 Mas que palácio o seu!
 Depósito de restos da matança,
 De exalações ingratas
 Que obrigam o urso, mal na entrada avança,
 A tapar os narizes com as patas.
 O rei, vendo isto, pula
 E da vida e do enjoo lhe dá cabo.
 A sacudir o rabo,
 O mono aplaude a acção, e em prosa chula
 Tece grande louvor
 À cólera dum rei tão justiceiro,
 E diz que não há flor
 Que vença do antro o delicado cheiro.
 Sua lisonja tola
 Teve por prémio a morte.
 Este senhor, a quem não lhe *ia à bola*,
 Não sabia ensinar por outra sorte.
 ‘Stava a raposa perto,
 E o leão lhe pergunta em sério tom:
 «Com franqueza, este cheiro é mau ou bom?»
 Responde o bicho esperto:
 «Pronta o vosso desejo aqui cumprira,
 Se um defluxo que tenho o consentira.»

Os contos são úteis, de ensino são ricos:
 Se acaso na corte puderes entrar,
 Faz sempre o teu jogo com pau de dois bicos,
 Terás a certeza de ali agradar.

J. de Araújo

LIVRO OITAVO

1

O leão namorado

Leão de alta prosápia
Passando por um prado,
Certa zagala viu mui de seu gosto
E esposa foi pedi-la.
Quisera o pai menos feroz o genro.
Bem duro lhe era o dar-lha:
Mas também o negar-lha mal seguro;
E que inda a ser possível
Negar-lha, é de temer não venha a lume
Clandestino consórcio;
Que amava os valentões a mocetona.
De grado se encasquetam
As moças, de estofadas cabeleiras.
O pai, que não se atreve
A despedir o amante tanto às claras:

«Minha filha é mimosa,
E vós podeis, entre esponsais carícias,
Arranhá-la co'as unhas:
Consenti um cerceio em cada garra,
E em cada dente a lima,
Porque os beijos lhe sejam menos ásperos,
E a vós mais voluptuosos.
Que, sem tais sustos, há-de a minha filha
Prestar mais meiga a boca.»

Consente o leão: desmantelada a praça,
Falto de unhas e dentes,
Lançam-lhe os cães, vai-se o leão. Sem unhas
Como há-de resistir-lhes?

Quando, Amor, nos agarras, bem podemos
Dizer: «Adeus prudência!»

Filinto Elísio

Os dois homens e a Fortuna

Dois amigos numa aldeia
Viviam; um a cantar;
O segundo, volta e meia,
Descontente, a suspirar.

«Aqui, amigo, a abastança
Nos nega a sorte importuna;
Mas de lugar a mudança
Faz que se encontre a Fortuna.

– Não te quero dissuadir,
Vai ver mundo, vê se a apanhas,
Que eu ficarei a dormir,
A espera de que tu venhas.»

O ambicioso, neste intuito,
Lembrou-lhe a corte; partiu,
Chegou lá, procurou muito,
Mas a Fortuna não viu.

Busca monção oportuna,
Vai ao Mogol, mas em vão;
Dizem-lhe lá que a Fortuna
Se encontrava no Japão.

De novo ele sulca os mares,
E, não vendo a deusa amada,
Volta aos seus antigos lares,
Dando ao diabo a cartada.

E a Fortuna, seu castigo,
Veio encontrá-la a sorrir,
Sentada à porta do amigo,
Que dormia a bom dormir.

A.

A águia, a porca e a gata

Em cima de um carvalho a águia coloca
O ninho; cria a gata em uma toca
Desse mesmo carvalho; e cá vizinha
Do tronco, os seus leitões a porca tinha.

A gata enredadeira, vindo um dia
Com afectada cara de agonia,
Disse à águia: «Vizinha muito amada,
Venho aqui de tristeza traspassada
Pelas penas que quase estão presentes
A nós, e a nossos filhos inocentes.
Ah, míseros filhinhos tão queridos!
Que cedo dareis ais, dareis gemidos
Na boca da má porca, que, fossando,
O carvalho por terra vai lançando
Em ordem a que vós percais a vida,
Servindo àquela infame de comida!»

Aqui chorando, finge que lhe impede
O choro que mais minta e mais enrede;
E por modo de doida e a toda a pressa
Deu costas, sem que da águia se despeça.

Deixando-a em grande susto, à porca veio
Com focinho de pranto ainda cheio,
E lhe disse: «Ah, vizinha! uma amizade
Tão grande pede toda a lealdade;
Eu a tenho convosco; e assim vos digo,
Com bem mágoa, que estamos em perigo
De perder os filhinhos tão amados,
Que bem cedo serão da águia tragados;
Porque sei que ela espera que saíamos
A buscar com que os tristes mantenhamos,
Para haver de apanhá-los sem defesa,
E fazer nesses vossos e meus presa.»
Aqui fez outra grande choradeira;
E, trepando o carvalho de carreira,
Na toca se meteu, donde saía
Muito antepé de noite, o que não via
Nem a porca, nem a águia; e assim buscava
Com que a si e a seus filhos sustentava.

As duas, que a não viam, suspeitando
Que ela tinha fugido, e receando
Uma a outra, de modo vigiavam

Nos filhos, que dali se não tiravam:
Sucedeu-lhes perder ambas o alento
Com eles, pela falta de alimento.

Couto Guerreiro

O camponês do Danúbio

Pela aparência não julgues;
Conselho é velho, mas sábio.

O camponês das margens do Danúbio,
Que Marco Aurélio retratou, bem pode
Ser prova do que avanço. E senão, vede:
Era um monstro completo esse campônio:
Boca enorme, olhar vesgo, nariz torto;
Espessa e feia barba. Cabeludo
No corpo era a tal ponto, que disséreis
Ao vê-lo, ver um urso e dos mais feios.
Trajava um saio de caprina pele,
Que à cinta lhe prendia um junco algozo.

Pois bem; cidades que o Danúbio lava,
Tal homem deputaram!
E tamanha eloquência viram nele,
O Senado assombrou de tal maneira,
Que o criaram patrício! E quanto disse
Requer a Cúria que por norma escrita
Fique para modelo de oradores.

Alves Teixeira

Aviso de Sócrates

Sócrates fez umas casas
De Atenas em certa rua,
Para nelas habitar
Co'a pouca família sua.

Que eram baixas uns diziam,
E outros bastante elevadas,
E em suma convinham todos
Em que eram muito apertadas.
«São apertadas, é certo
– Disse o sábio; – mas eu sei
Que de amigos verdadeiros
Cheias jamais as verei.»

É mais raro do que a Fénix
Um amigo verdadeiro:
Não há nome tão sagrado,
Que seja mais corriqueiro.

Curvo Semedo

O gato e os dois pardais

Era uma vez um gato, o qual, desde criança,
 Com um pardal vivia em boa vizinhança.
 Junto à gaiola, a cesta. O pássaro, a miúdo,
 Entendia c'o gato. Este aturava tudo,
 Bicadas mil e mil, um mau costume antigo,
 Que o bicho ia pagar... com festinhas de amigo;

Pois não fora decente
 A um ser tão delicado
 Arreganhar o dente!
 De escrúpulos armado,
 Foi encolhendo as unhas,
 Sem fazer caramunhas,
 Que entre amigos de infância

É mau desconfiar e dar muita importância
 A quaisquer frenesis, fáceis de desculpar
 Quando afinal se andou desde o berço a brincar.
 Gozavam desta paz, quando um pardal vizinho

Foge do pátrio ninho

E visitá-los vem, travando dentro em pouco
 Amizade co'a ave e mais c'o bicharoco.
 Mas um dia os pardais, ambos muito egoístas,
 Tiveram grande turra e jogaram as cristas.

O gato em boa hora

No combate intervém contra o brigão de fora,
 E exclama: «Aqui d'el-rei! que o pássaro maldito
 Quer dar cabo do nosso. Espera!...» – O dito, dito;

Salta sobre o novato

E engole-o duma vez. «Deveras, diz o gato,
 A carne de pardal é um manjar esquisito!»

E ao bucho, sem tardar,

Com o outro atira. – Mau é começar!

Conde de Azevedo da Silva

Os coelhos

...Posto à espera
 Ness'hora em que os seus raios precipita
 A luz, no undoso império, ou quando enceta
 O Sol sua carreira,
 Que noite já não é, nem inda é dia;
 Trepado em tronco, à raia de algum bosque,
 E do alto desse Olimpo, novo Jove,
 Fulmino a bel-prazer certo coelho
 Que em tal não punha tento.
 Foge logo a nação coelhal, que sobre
 O arneiro, olho apontado, orelha alerta,
 Retouçava, e o banquete
 Com tomilho adorava.
 Vai, c'ó estampido, o bando todo em busca
 De couto, na cidade subterrânea.
 Mas passa o p'rigo, e esquece;
 E ei-lo presto esvaiu o grande susto.
 Torno a ver os coelhos
 Mais contentes que dantes
 Vir-me cair nas mãos. Quem não conhece,
 Em tal lance, os humanos? Derramados
 Por qualquer tempestade,
 Mal entram pelo porto,
 Eis que a arrostar-se correm
 C'os ventos, c'os naufrágios. Como os coelhos
 Cair nas mãos, os vemos, da Fortuna.

Filinto Elísio

A garça

Pela margem dum rio passeia a garça;
 Nas águas transparentes vê brincando
 Dona Carpa e Dom Lúcio. Prontamente
 Nos dois saltar devera; mas, sem fome,
 E, demais, pachorrenta,
 Deixa-os fugir; pelo apetite espera.
 Pouco tempo depois, este lhe chega.
 Do sítio se afastara, ao sítio volta;
 Mas tencas vê somente; melhor prato
 Deseja. – «Eu, comer tencas?!»
 Diz com desprezo; e às tencas dá desquite.
 Cadozes lhe aparecem: «Não são dignos,
 Cadozes, do meu bico!»

Para menos

Teve, porém, de abri-lo; a fome aperta-a,
 Não vê com que matá-la – e se contenta
 Um caracol comendo!

Quem muito quer ganhar, arrisca e perde!

Luís Serrão

O homem e o ídolo de pau

Houve quem um deus tinha de amieiro;
Muitas vezes gastava o dia inteiro
Em pedir que o socorra na tristeza
Em que andava por causa da pobreza;
Porém via que quanto mais orava,
Mais a mísera casa se atrasava;
Até que um dia já desesperado,
Lançando mão das pernas do malvado,
Lhe pregou a cabeça a uma parede,
Isto com tanta raiva e tanta sede,
Que a maldita cabeça se partia,
Donde muito dinheiro aparecia.
«Oh! – exclamava a pobre já contente –
Com que foste tão mau, tão insolente,
Que enquanto eu te fiz honra, te fechaste,
E quando foi por mal, logo largaste?
Es tal-qual a azinheira tão malvada,
Que só dá fruto à força de pancada!»

Couto Guerreiro

A velha e as duas criadas

Houve uma velhota que a duas criadas,
Teimosa, obrigava da roca ao labor;
Giravam c'os fusos, faziam meadas,
E nem as três Parcas fiavam melhor.

O dia apontava, e Andreia e Josefa
A velha acordava, mandando-as erguer;
Já tinham as duas marcada a tarefa,
Que só alta noite podiam vencer.

Um galo maldito, que tinha hora certa
De erguer matutino, rouquenho cantar,
Ao demo da velha trazia o alerta
Que cedo a obrigava da cama a saltar.

«Verdugo de crista, devemos-te a sorte!»
Bradaram as duas com sanha de algoz;
Lavraram ao galo sentença de morte,
E o galo foi morto, cozido em arroz.

Mas não melhoraram – que a velha ou a harpia,
Temendo que a hora deixasse passar,
Sempre em sobressalto mais cedo se erguia,
E às tristes tornava mais duro o lidar.

Aplico, leitores, no caso presente,
O velho e sensato rifão que nos diz
No bojo do mundo viver muita gente
Que pensa benzer-se, mas quebra o nariz!

J. I. de Araújo

O oráculo de Apolo e o ímpio

Estúrdio pagão, um dia,
Inda mais ímpio que tolo,
Que pouco em seus deuses cria,
Entrou no templo de Apolo
E assim ao Númen dizia:
«Para em ti, ó deus, ter fé,
Cumpre que digas ao certo
Se é coisa viva, ou não é
O que nesta mão aperto.»
Era um pardal que trazia,
E doloso pretendia
De repente sufocá-lo,
Ou incólume deixá-lo,
Segundo fosse a resposta
Que do oráculo obtivesse,
Fazendo uma coisa oposta
Àquela que ele dissesse.
Ardendo em furor activo,
O oráculo lhe responde:
«Mostra-nos, homem nocivo,
Esse pardal morto ou vivo
Que a tua mão nos esconde,
E vê, sacrílego estulto,
Que aos olhos dos sacros entes
Nada pode ser oculto
Que se faça entre viventes.»
O ímpio estático ficou,
Mas de intuito não mudou;
Que o mau de ser mau só deixa
Nos momentos de terror,
Ou quando os olhos lhe fecha
Para sempre o sacro Autor.

Curvo Semedo

O galo e o falcão

Um cozinheiro possuidor dum galo
– Encanto de dez léguas em redor –
Teve um dia o desejo de tragá-lo
Numa ceia de amigos.

Com amor,
Da capoeira a caminho, assim que avista
Do lindo galo a avermelhada crista,
Começou a chamá-lo – *piu, piu, piu!*...
O galo, que era espertalhão, fingiu
Não ter ouvido a voz do seu patrão.

Diz-lhe nisto um falcão
Do galo companheiro: «Estás com sono?
Não ouves que, por ti, chama o teu dono?»

O galo:

«Essa pergunta não farias
(Pela melhor de todas as razões)
Se tantos, como eu galos em meus dias,
Tivesses visto acaso assar falcões!»

Xavier de Carvalho

O Amor e a Loucura

Um dia, ambos brincando,
O Amor com a Loucura
– Tinha inda o Amor seus olhos –
Travam-se de disputa.
O Amor quer que sobre ela
Se ouçam os numes todos.
Loucura, que é insofrida,
Tão desmarcado golpe
Lhe desanda, que o priva
De ver nem céu, nem terra.
Vénus que é mãe, que é dama,
Que motins não faria?
Pede vingança a brados,
Aos aturdidos numes.
E Júpiter, e Némesis,
E do Inferno os juizes,
E enfim toda a caterva
Vénus a enormidade
Que, sem bordão, seu filho
Não possa dar um passo,
Mostrou desse mau feito;
Que a tal crime, nenhuma
Pena seria grande;
E que às perdas e danos
Reparo se devia.
Quando bem consid'rado
Foi o interesse público
E o da parte – por cabo
Resultou o supremo
Tribunal, que a Loucura
Servisse a Amor de guia.

Filinto Elísio

O escolar, o pedante e o dono da quinta

Certo rapaz que andava no colégio
(Um palerma que tinha cão e guizo,
Já pela idade, já p'lo privilégio
Que têm pedantes de estragar o juízo);

Na quinta dum vizinho gatunava
Frutos e flores. Desta quinta o dono,
Dando-lhe na malhada, eis exclamava:
«Diabo de rapazes não têm sono!»

E vai queixar-se ao mestre. Este incha as frases,
E, para dar ensino ao povo inteiro,
Vem cercado dum bando de rapazes,
Que não eram melhores que o primeiro.

Lição mestra quer dar: cita Virgílio
E não sei eu que mais sábios antigos,
Chama grego e latim em seu auxílio...
Tudo por o rapaz ter ido aos figos!

Durou a arenga uma hora: durante esta,
Os rapazes, julgando-se em sua casa,
Saltaram no pomar... foi uma cresta!
Ou, por outro dizer... foi uma rasa!

Embirro co'a científica parola
Que vem fora de tempo e que é secante;
E por mil vezes que o rapaz de escola
E, quanto a mim, o professor pedante!

(***)

O velho e o burro

Andava um tardo velho apascentando
O seu burro em um vale ameno, quando
Ouviu um grande estrondo de tambores:
Montou, e disse ao burro: «Se não fores
Depressa, havemos ter algum perigo,
Porque temos já próximo o inimigo.»
O burro, bem quieto e sossegado,
Respondeu: «Ora diga, velho honrado,
Pôr-me-á duas algemas essa gente?
– Não – replicou o velho. – Belamente,
Prossegue o burro; – pois, se hei-de ter uma
Que sempre me maltrate e me consuma,
Para que hei-de apressar o meu caminho
Com medo de ma pôr Sancho ou Martinho?»

Couto Guerreiro

Tirso e Amaranta

Dizia o pastor Tirso à gentil Amaranta:

«Ah! se um dia, como eu, conheceras um mal,

Que nos seduz e encanta,

No mundo bem nenhum te parecera igual!

Consente que eu to diga,

E não tenhas receio,

Pois de pessoa amiga

Desprazer nunca veio.

– Que mal é esse então? pergunta a rapariga.

– Chama-se *Amor*. – Ah! chama?

Que lindo nome! *Amor!* E o que é pois que se sente?

– Mágoas tão doces dá, tal fluido em nós derrama,

Que dos reis o prazer faz parecer à gente

Insulso e indiferente;

Convida à solidão dos bosques e campinas;

Nas águas cristalinas

Daquela fonte clara

Se te fores mirar,

Teu rosto não verás, mas outra imagem cara

Que te vai perseguindo e volta sem cessar;

Só por ela se anseia.

Existe nesta aldeia

Um pastor, cuja voz ou cujo nome basta

P'ra arrancar um suspiro e a face enrubescer;

Sem se saber porquê, logo que ele se afasta,

Tem-se um desejo só – é de o tornar a ver!»

Amaranta, em seguida,

Exclama: «Ah! já percebo; e essa rara moléstia

Não me é desconhecida!»

Co'a natural modéstia,

Já Tirso imaginava aos seus fins ter chegado,

Quando ela diz, radiante:

«É quanto eu sinto, enfim, pelo meu Clidamante!»

De vergonha e despeito, o homem ficou passado.

Como este, andando à toa,

Há muita gente boa,

Que julgando servir o seu próprio interesse,

O alheio favorece.

Conde de Azevedo da Silva

O cavalo e o lobo

Na linda estação das flores,
Às horas do meio-dia,
Brioso, esperto cavalo
A verde relva pascia.

Dum bosque vizinho um lobo
Botando-lhe o lúzio, diz:
«Quem te comer essas carnes
É por extremo feliz

Ah! que se foras carneiro,
Ou mesmo burro, ou vitela,
Já marchando me andarias
Pelo estreito da goela;

Mas és um castelo! e assaz
Temo a tua artilharia!
Vou bloquear-te, e do engano
Fazer fogo à bateria.»

Então do bosque saindo
Em passo lento e miúdo,
De largo diz ao cavalo:
«Camarada, eu te saúdo;

Respeita em mim um galeno
Que passa a vida a curar,
Que das ervas as virtudes
Sabe aos morbos aplicar;

Aposto que tens moléstias,
E porque na cura erraram,
Tomar ares para o campo,
Como é uso, te mandaram.

Se quiseres que eu te cure,
Ficarás são como um pêro;
Grátis – que, bem entendido,
Paga de amigos não quero.»

O cavalo conhecendo
A malícia do impostor,
Diz-lhe: «O céu lhe pague o bem
Que me faz, senhor doutor;

E verdade que eu padeço,
Há nove dias ou dez,
Um tumor e uma ferida,
Tudo nas unhas dos pés.

– Bem que essa doença toque
À cirurgia somente –
Diz o lobo – eu nesse ramo
Sou um prático eminente!»

Torna-lhe o fingido enfermo:
«Pois então, senhor doutor,
Chegue-se a mim, que eu me volto,
Venha apalpar-me o tumor.»

«Pois não, filho!», diz-lhe o lobo,
E a fim de o filar se chega;
Mas de repente o cavalo
Dois grandes coices lhe prega.

Acerta-lhe pela frente,
Faz-lhe o focinho num bolo;
E o lobo exclama: «E bem feito!
Quem me manda a mim ser tolo?»

Mete pernas como pode,
Dizendo um tanto enfadado:
«Como a breca as arma! Fui
Buscar lã, vim tosquiado!

De carnicheiro a herbanário
Quis passar sem que estudasse;
Levei da toleima o prémio;
Cada qual para o que nasce!»

Curvo Semedo

Os membros e o estômago

Não trabalhar do estômago em proveito
Resolveram os membros certo dia.
«Engordar mandriões!..., não leva jeito,
Acabe-se de vez esta porfia!...

Suar a bom suar para a este amigo
Dar sempre a chuchadeira apeteçada?
Irra! não merecemos tal castigo...
Ele, se quer comer, que ganhe a vida!»

Dito e feito. – Lugar nas algibeiras
Procuraram as mãos; e em breve espaço,
Os pés, como atacados de frieiras,
Juraram de não dar nem mais um passo.

Mas ficaram por fim arrependidos,
Porque não se gerando um sangue novo,
Viram, a mais e mais enfraquecidos,
A falta que um bom rei faz ao seu povo.

Separar-se a comuna do senado
Quis, vendo neste as honras e o poder;
Porém com este apólogo, avisado,
Menénius conduziu-o ao seu dever.

X.

A Morte e o moribundo

A Morte nunca o sábio sobressalta;
 Que sempre a partir pronto, soube dar-se
 Aviso, como cumpre,
 Para a partida se aviar com tempo.
 Ai, que esse tempo abrange os tempos todos.
 Em dias o partimos,
 Em horas, em momentos, sem que aí haja
 Um só, que na fatal coima não colha.
 Domínio seu são todos:
 E o prazo, em que dos reis os filhos abrem
 Olhos à luz do dia, é talvez prazo
 Que, para sempre, os fecha.
 Alega que és um duque, ou que és virtuoso,
 Que és moço, que és gentil, sem pejo a Morte
 Te rouba. – Virá dia,
 Que os cabedais lhe aumente o mundo inteiro!
 Nada é menos sabido... e hei-de dizê-lo:
 Nada se avia menos. –
 Mais que anos cem contando, um moribundo,
 De vir mui temporã, taxava a Morte,
 E de que o constringia
 A partir, sem ter feito testamento,
 Nem dantes o advertir: «E é bem que eu morra,
 Assim de afogadilho?
 Espera um pouco. Pugna a minha esposa,
 Que eu, sem ela, não vá: Tenho um sobrinho,
 A quem dar rumo importa.
 Sofre que uma ala ajunte às minhas casas.
 Oh! que urgente que és tu, nume tirano!»
 «Velho – lhe diz a Morte –
 Não te colho de salto; a queixa é injusta
 Do insofrimento meu. Cem anos contas.
 Depara-me dois homens
 Dessa idade em Paris, e dez em França.
 Devia eu, dizes, dar-te algum anúncio
 Para dispor-te ao transe:
 E então se achara o testamento feito,
 Arrumado o sobrinho, a ala acabada?
 E não tens por anúncio
 O teu trôpego andar, teu mover lento,
 O senso, os sucos radicais falidos?
 O ouvido, o padar¹ botos?
 Não sentes como tudo em ti desmaia?

¹ Forma antiga de *paladar*.

Desvelos toma o Sol, por ti, supérfluos.
Bens que já não desfrutas,
Lastimas? Fiz que visses teus amigos
Moribundos ou mortos, ou enfermos:
Que fiz nisso? Avisar-te.
Vamos, velho; e sem réplica: À República
Que importa que tu faças testamento?»

Tinha razão a Morte.
Quisera eu, em tais lances, que saíssemos
Da vida, qual saímos dum banquete,
Agradecendo-o ao hóspede,
Entrouxando o fatinho. E que tardança
Pode a jornada ter? Murmuras, velho?
Vê morrer esses moços,
Como vão, como correm. Buscam mortes:
Mortes famosas, sim, mortes ilustres,

Mas todavia certas,
E bem vezes cruéis. Por mais que eu clamo,
Baldado zelo! Quem mais similha² a um morto
Mais repugnante morre.

Filinto Elísio

² *Similhar*: semelhar.

O leão

Sultão Leopardo
Foi dono de gados
Que tinha espalhados
Num vasto sertão;
E em certas devesas
Dali muito perto,
Com fama de esperto
Nascera um leão.

Consulta o leopardo
Raposo entendido:
«Do bicho nascido
Devemos temer?
Sossego e descanso
Nos campos espero
No dia em que o fero
Papá lhe morrer.»

Responde o raposo
Meneando a cabeça:
«Bom é não esqueça
Quem é tal senhor.
P'ra sua amizade
Prudente é que apele...
Ou dar cabo dele,
Que isso é o melhor.»

O esperto raposo
Não foi atendido,
E o bicho, crescido,
Mostrou a ralé.
«E agora? – o leopardo
Asnático exclama.
– Chorá-lo na cama,
Que parte quente é!»

Se o leão crescer deixas, já te digo
Que andarás bem tomando-o por amigo.

Inda um outro conceito, aqui me ocorre:
Quem o inimigo poupa, às mãos lhe morre.

J. I. de Araújo

LIVRO NONO

1

O leão, o lobo e a raposa

Adoeceu o leão, e o visitava
Tudo; só a raposa ali faltava:
Tomou daqui o lobo fundamento
De acusá-la de tal procedimento,
Dizendo que merece castigada,
Pois mostrava que tinha o rei em nada.

A raposa chegou ao mesmo ponto,
Ouviu, e disse: «Cala, que és um tonto.
Como eu só com o ver não dou saúde,
Andei por lá lidando quanto pude,
Para achar-lhe remédio competente.
Achei-o, do que venho bem contente.

Um médico que é muito exp'rimentado,
Me disse que o remédio mais provado
Era que logo um lobo se esfolasse,
E que o meu rei na pele se embrulhasse.»

Fez-se assim, e a raposa quando via
Já o lobo esfolado, lhe dizia:
«Pois, amigo, não vês já que delira
Quem rei contra vassalo mete em ira?
Se tu fosses um lobo de prudência,
Havias persuadi-lo à paciência.»

Não deve ser assim; mas a vingança
E recurso ordinário do ofendido:
Há raro neste lance comedido,
E menos em matéria de privança.

Cada qual para a sua segurança,
De intrigas anda aí sempre munido:
Quando um faz por ver outro decaído,
Sucede que sobre ele este se lança.

Por isso cada qual tenha cautela
Em que lhe não pareça depois duro
Ter armado a armadilha, e cair nela:

Há quem vê ainda o laço mais escuro,
Quem volte contra o dono a esparrela;
Assim o não armá-la é o mais seguro.

Couto Guerreiro

O gato velho e a rata novinha

Uma rata novinha e inexp'riente,
Tentando enternecer um velho gato:
«Não me comas, dizia; sê clemente!
Pequena sou, a fome não te mato!

Espera uns meses mais; bela pitaça
Em mim terão teus filhos!

– Perdoar,
Um gato, e gato velho? Louca esp'rança!
Não deixo aos filhos meus um tal manjar!»

Tudo julga alcançar a mocidade,
E é cruel a velhice, na verdade!

Alberto França

O lobo, a mulher e o filho

Voraz lobo viu sair,
Uma vez de madrugada,
Do casal dum camponês
De reses grossa manada.

Logo no dia seguinte
Foi-lhe à porta madrugar,
Na ideia de que à saída
Pudesse alguma apanhar.

Pôs-se mui concho agachado
De ouvido alerta esperando,
Quando ouviu dentro da casa
Uma criança chorando,

E a mãe dizer-lhe enfadada:
«Cale essa boca, mofino!...
Inda chora?... Espere!... Ó lobo,
Vem comer este menino!»

Quando o lobo tal ouviu,
Cheio de alegre alvoroço,
Disse: «Imenso to agradeço,
O céu te pague este almoço!»

Depois, empinado à porta,
Abrindo a vasta goela,
Supôs que a mãe lhe botasse
O filho pela janela;

Mas nisto escutou dizer:
«Durma já, não seja mau!...
Se o lobo quiser cá vir,
Havemos corrê-lo a pau!

– Que incosequência tamanha!
Diz o glutão insofrido;
Há-de cumprir-se a promessa,
Que o prometido é devido.»

Nisto, ao som de uivos horrendos,
Na porta a rapar entrou,
De sorte que aos guardadores
Que dormiam, acordou.

Eis de fouces roçaduras,
De paus e chuços armados,
Saltando-lhe logo em cima,
Fizeram-no em mil bocados.

Da vila ao senhor levaram
A cabeça do agressor,
Que a mandou, com esta letra,
Em mero da praça pôr:

«Da nímia credulidade
Vítima foi este louco;
Em ameaços de quem ama
Deve-se crer muito pouco.»

Curvo Semedo

A rata transmutada em rapariga

A uma rata um feiticeiro
Viu, e – que ideia ratona! –
Transformou-a mui ligeiro
Em formosa mocetona!

«Escolhe esposo; brilhantes,
Dei-te uns olhos de tentar!...
– Quero o que entre os meus amantes
Mais possante se ostentar!

És tu, Sol?» O Sol responde:
«Não! não poderei ser seu,
Que o Nevoeiro me esconde
E é mais possante do que eu.»

O Nevoeiro: «Também não
Sou para o caso capaz;
Mais potente é o Furacão,
Que mil vezes me desfaz.»

O Furacão, contentinho,
Vem lá dos fins do horizonte,
Mas é logo no caminho
Impedido por um monte.

Ao Monte passa o contrato;
Este, esquivar-se procura,
Dizendo temer o rato,
Que muitas vezes o fura.

Mal lhe falam no ratinho,
A moça dá um suspiro,
E diz soltando um risinho:
«Pois é esse que eu prefiro!»

Não se faz dum vilão um cavalheiro,
E chora o porco pelo seu chiqueiro.

(***)

Um animal na Lua

Quando afirma um filósofo, que aos homens
 Logram sempre os sentidos,
 Nos jura outro filósofo que nunca
 Os sentidos nos lograram.

Têm razão ambos eles. Diz verdade
 Filosofia, quando
 Diz que em tanto os sentidos nos enganam,
 Enquanto os homens julgam,
 Pelo que eles relatam; porém logo
 Que nós rectificamos,
 Sobre a distância e meio que o circunda,
 Sobre órgãos e instrumentos,
 A imagem desse objecto, seus sentidos
 Então a ninguém logram.
 Tais coisas ordenou sábia natura!
 Dia virá, que eu fale
 Dela com mais largueza.

O Sol avisto.

Qual é sua figura?
 Visto de cá, três pés tem de redondo.
 Ah! que se eu lá o visse,
 Quão grande, aos olhos meus, fora então esse
 Olho da Natureza!
 Pela distância, julgo-lhe a grandura,
 Sobre os lados e o ângulo,
 Que, co'a mão, determino. Assenta um néscio
 Que o Sol é corpo plano;
 Mas eu lhe encorpo a redondez, e o poiso
 Imóvel; e a caminho
 Ponho a Terra, e por essa inteira máquina
 Tanto os olhos desminto,
 Que, em nada, me é nociva a ilusão sua.
 Minh'alma, em todo o lance,
 Do seio da aparência o exacto colhe.
 C'o olhar talvez mui lesto,
 Me não conluio, nem c'o ouvido lento
 Em me acudir c'o sóido.
 Quando n'água o bordão me faz um ângulo,
 Recto a razão mo torna.
 Magistral a razão me dá a certeza.
 Com tal auxílio, os olhos
 Mentindo sempre, não me enganam nunca.
 Se o que eles dizem creio,
 Fêmeo rosto há no côncavo da Lua.

Jaz lá tal rosto? – É logro.
Donde procede pois? – De altos e baixos
Que encerra em si a Lua.
Não tendo a face lisa, sim montuosa
Em partes, noutras plana,
Onde, co' a luz e a sombra, em si debuxa
Homens, bois, elefantes.

Pouco há que engano igual viu a Inglaterra:
A esse belo astro o óculo
Assestado, se avista animal novo:
«Prodígio! – grita a gente;
Mudança aconteceu lá nas alturas,
Que, certo, nos agoira
Grandes casos. Talvez que é seu efeito
A guerra que entre tantas
Potências anda ateadada.»
El-rei acorre,
(Rei é que, mui grandioso,
Essas altas ciências favoneia).
El-rei viu, por seu turno,
Esse monstro na Lua.
E era um ratinho
Agachado entre as lentes;
E o ratinho agoirava as grandes guerras!

Filinto Elísio

As exéquias da leoa

De el-rei Leão morrera a esposa. Pêsames
 A dar ao seu monarca os bichos correm,
 Cerimónia que mais a dor lhe aumenta.
 Por todo o reino anúncios se fizeram,
 Que em tal dia, a tal hora,
 Se celebrava o funeral e enterro
 Da chorada rainha.
 Ninguém falta ao convite. À dor entregue,
 O desditoso príncipe
 Solta fundos gemidos – e outros tantos
 A corte adúladora.
 O cervo unicamente
 Não chorou. Como havia de fazê-lo?
 A morte da leoa
 Vingava-o: tal rainha, noutro tempo,
 Esganado lhe havia esposa e filho.
 O cervo, pois, nem lágrima!
 Cortesão lisonjeiro o seu monarca
 Avisa, prontamente, acrescentando
 Que vira mesmo o cervo às gargalhadas!
 A cólera de um rei – se bem recorde
 O que nos diz o sábio
 Salomão – é terrível; mas o cervo
 De ler não era amigo!
 Chamado ante o leão, este lhe disse:
 «Grandíssimo tratante!
 De rir a audácia tens, quando traspassa
 A dor os nossos peitos?!
 Minhas unhas sagradas se não manchem
 Nos teus profanos membros!
 De pronto vinde, ó lobos,
 Vingai vossa rainha; esse perverso
 A seus augustos manes
 Sacrificai!» – O cervo, então, responde:
 «Senhor, findar já pode
 Tão amargo sofrer; a mágoa vossa
 Já de nada aproveita.
 Perto acabo de ver a vossa esposa
 Sobre um leito de flores;
 E ouvi-lhe estas palavras:
 “Minha morte não chores; nos formosos
 Elísios campos gozo
 Quanta ventura possa imaginar-se!
 Com esses que, como eu, são puros, tenho
 Conversaçoão frequente.

Nada contes, porém, a meu marido;
De afecto clara prova,
Apraz-me a sua mágoa!”»
Isto ouvindo: «Milagre! – exclamam todos.
Apoteose!» – Em vez da negra morte
Um prémio teve o cervo.
Monarcas diverti com ledos sonhos,
Agradáveis mentiras;
Lisonjei-os bem; por muito irados
Contra vós, seus amigos
Decerto ficais sendo.

Sousa Carneiro

A raposa e o bode

Um bode e uma raposa, por matarem
A sede, resolveram-se a baixarem
A poço, onde depois de ter bebido,
O chibarro, com seu focinho erguido,
Olhava cuidadoso a toda a parte,
Buscando de se ver fora alguma arte.
A raposa lhe disse: «Animo! temos
Um bom modo por que ambos escapemos:
Se à parede te pões muito empinado,
E o focinho no peito tens firmado
De tal modo, que as pontas reclinadas
Agora também fiquem empinadas,
Subo pelo teu ombro, e do mais alto
Delas sobre o bocal do poço salto,
De lá puxo por ti; e assim ficamos
Ambos livres dos sustos em que estamos.»
Agradou-se o chibarro, o corpo erguia;
A raposa subiu, como dizia;
Dava mostras do seu contentamento,
E tanto que se viu em salvamento,
Dançando com a cauda levantada,
Sem fazer caso algum do camarada.
Queixou-se este do logro; ela parando
Em cima do bocal, e ele olhando:
«Ó amigo, lhe diz, se tu tiveras
De miolo o que tens de barbas feras,
Não te havias meter em esparrelas,
Sem veres como havias sair delas.»

Couto Guerreiro

Os milhanos e os pombos

Por causa de um cão morto houve nos ares,
Entre os milhanos, guerra atroz, bravia;
Na terra o sangue deles já chovia...
A potes não direi, mas a alguidares.

Causou isto aos pombinhos mil pesares,
E puderam – que val’ diplomacia! –
Chamá-los a um acordo, a uma harmonia
Que um termo pôs aos dares e tomares.

Porém firmar-se a paz entre os malvados
Foi para os pombos caso bem funesto,
Pois foram p’los milhanos trucidados!...

É para os bons proveito manifesto
A guerra entre os patifes declarados:
De passagem vá dito... e calo o resto.

A.

A gralha entre os pavões

Pavão que andava na muda,
Sua plumagem largou,
E uma gralha presunçosa
Com ela o corpo adornou.

Entre um rancho de pavões
Atrevida se meteu,
Até que um dos camaradas
A impostora conheceu.

Passou palra aos companheiros,
Que em cima dela saltaram,
E não só o adorno alheio,
Mas o próprio lhe tiraram.

Voltou para as companheiras,
Que, do sucesso informadas,
A baniram de seu rancho
Ao som de mil apupadas.

O que sucedeu à gralha
Aos homens pode convir;
Aquele que alheio veste,
O vem na praça a despir.

Este caso além de exposto,
Serve também de lição
A todos os que procuram
Parecer mais do que são.

Curvo Semedo

O juiz árbitro, o hospitaleiro e o solitário

Três santos, cobiçosos igualmente
 Da sua salvação,
 Tomou cada um caminho diferente:
 Todos a Roma vão.

Ofreceu-se um – juiz de fama imensa –
 A empenhar suas artes
 Em congregar as partes
 E em julgar sem a mira em recompensa.

Escolheu hospitais o outro santo:
 Louvo-o, que, na verdade,
 A pura caridade
 Filha é do céu que vence as mais no encanto.

Caprichou em tratar bem os doentes; Mas estes a rosnar
 E, por fim, a ralhar,
 Mostraram-se deveras descontentes.

«Oh! vai mal!...» Porque torna e porque deixa...
 Uns são filhos amados,
 Outros são enteados!...
 E o homem desesprou com tanta queixa.

Pior foi ao juiz: jamais agrada
 A sentença arbitral.
 Sempre julgava mal!
 E ele embirrou, por fim, com tanta chiada!

Vai ter c'o seu hospitaleiro amigo:
 Iguais nas queixas são;
 E resolvem-se então
 A ir procurar nas selvas doce abrigo.

Encontram o terceiro, o solitário,
 E lhe pedem conselho.
 Diz-lhes o sábio velho:
 «Aconselhar-se a si é o necessário.

Quem melhor do que vós sabe nas mágoas
 O que mais lhe convém?
 Pensai, meditai bem,
 Mas na mansão da paz. Turvando as águas,

Não vereis reflectida a vossa imagem;

Sossegado regato,
Vereis vosso retrato
Podendo apreciá-lo com vantagem.»

Seguiram-lhe o conselho. – Não digo eu
Faz mal quem busca emprego;
Mas digo que o sossego
Obriga a meditar, e é um dom do Céu!

E não digo é mau no mundo
Haver de saber profundo
Esculápios e letrados...
Mas digo que tais fregueses
Costumam errar às vezes,
Por mal de nossos pecados!

J. I. de Araújo

Os dois amigos

Viviam dois amigos
 No Monomotapa; um não possuía
 Coisa que não tocasse
 Igualmente ao amigo. – Os desse império
 Dizem que os nossos valem. –
 Uma noite em que as rédeas davam ambos
 Ao sono, e a tirar lucros
 Das ausências do sol, um dos amigos
 Sai da cama assustado,
 Corre ao cordial amigo, acorda servos:
 (Morfeu tocado as portas
 Tinha do tal solar). O amigo espanta-se:
 Ergue-se, toma a bolsa,
 Arma-se, e vem ter c' o outro. Diz-lhe: «É raro
 Nest' hora, em que se dorme,
 Correres vós! Vós tendes visos de homem
 Que entende melhor uso
 Fazer do tempo que foi dado ao sono.
 Perdestes por acaso
 Vosso dinheiro ao jogo? Aí está dinheiro.
 Nalguma briga entrastes?
 Trago esta espada; vamos. Dá-vos tédio
 Contínuo, só dormirdes?
 'Stava a meu lado uma assaz bela escrava;
 Quereis vós que eu a chame?
 – Nada tal me atormenta, disse o amigo;
 Sou grato ao zelo vosso.
 Em sonhos vos vi turvo e entristecido.
 Receoso que assim fosse,
 Corri presto. O maldito sonho é causa.»

Leitor, qual te parece
 Que melhor ama, desses dois amigos?
 Dificuldade é esta
 Que bem val' que proponham. Linda coisa
 E um verdadeiro amigo
 Que no seio d' alma escruta o que faz falta;
 E que te forra o pejo
 De lho apontares tu! Um sonho, um nada
 O estremece e o assusta
 Quando se trata do que mais estima.

Filinto Elísio

O raposo inglês

Raposo inglês
Vende-se em pancas,
Por ter às trancas
Dez cães, talvez.

Repara, e vê
Indo em corrida,
A forca erguida...
E nela, o quê?

Bichos cruéis,
Vis, importunos,
Que de gatunos
Fazem papeis.

Texugos vis,
Larápios bufos,
E irmãos tartufos
De sorte ínfeliz,

Exemplo atroz
Davam prestante
À rapinante
Raça feroz.

Que há-de fazer
O pai da astúcia?
Entre a mais súcia
Se vai meter.

Como convém,
Dependurado,
Finge enforcado
Estar também.

Ladram os cães;
Mas diz o dono:
«Do eterno sono
Gozam os bens!»

E, a assobiar,
Os fiéis chamando,
Vai-se safando
Sem suspeitar.

Os cães se vão;
O meu raposo
Crê-se ditoso
E salta ao chão;

Mas bulha faz,
E eis que a matilha,
A ver se o pilha.
Voltou atrás;

E o bicho inglês,
Que um susto apanha,
Ensaia a manha
Segunda vez;

Porém o pó
C'o sangue rega:
A manha pega
Uma vez só!

A.

A águia e o escaravelho

Uma lebre de uma águia perseguida,
 Indo na maior força da fugida,
 Viu um escaravelho vir voando;
 Humilde lhe gritou quase chorando,
 Que lhe desse socorro, que morna:
 Doeu-se ele; e no meio se metia,
 À águia suplicando cortesmente
 Que deixasse ir em paz uma inocente;
 Que sendo-lhe tal favor concedido
 Lhe havia ficar sempre agradecido.

Ela, que negro o viu e tão pequeno,
 Nem lhe fez de cortês um leve aceno;
 Mas levada da fome que a provoca,
 Por diante voou, e nele toca,
 Que caindo por terra se lastima,
 Ficando com as pernas para cima,
 Onde andou patinhando longo espaço
 Primeiro que pudesse tomar passo:
 Acresceu uma ofensa a outra ofensa;
 Matou-lhe a águia a lebre na presença.

De tais desatenções ele picado,
 Ali logo jurou à fé de honrado,
 Que lhe havia pagar aquela afronta,
 Visto que dele fez tão pouca conta;
 E com efeito à águia foi daninho,
 Indo-lhe a rebolar fora do ninho
 Os ovos da maneira que arrebola
 Aquela sua mal cheirosa bola:

Assim quebrava tudo, mal tão grave,
 Que se perdia a espécie de tal ave.
 Andava muito triste e agoniada;
 A Júpiter – que a ele é consagrada –
 Recorreu, que acudisse a tal fracasso.
 «Põe os ovos, lhe diz, no meu regaço;
 Porque aí ficam livres de perigo,
 Que não há-de cá vir esse inimigo.»

Assim fez; mas o bom do escaravelho
 Tomou logo outro péssimo conselho,
 Que subiu lá ao céu com uma péla;
 E no fato do deus foi dar com ela,
 O qual a sacudir a péla acode,

Mas os ovos na mesma acção sacode,
Com que tudo se quebra e se esmigalha.
Ignora a águia já de que se valha;
Resolveu-se a que em meses em que houvesse
Escaravelhos, ovos não pusesse.

Couto Guerreiro

O carrão e a mosca

Trepando a custo em íngreme ladeira
 Inundada de sol e de poeira,
 Por um carrão bojudo
 Seis valentes cavalos vão puxando.
 Mulheres, frades, velhos, desceu tudo.
 Sopram, suam as bestas, e a miúdo
 Pegam-se, exaustas; quando
 Surde uma mosca em roda
 E chega-se aos cavalos;
 Pretende c'o zumbido estimulá-los
 E mover a caranguejola toda,
 Um e outro aguilhoando, ora sentada
 Na lança, ora nas ventas do cocheiro.
 Mas em vendo o carrão pela calçada
 De novo andar ligeiro,
 Em si própria resume toda a glória.
 Corre dum lado e doutro num tormento,
 Qual activo sargento
 Na pugna contribui para a vitória!
 Depois entra a clamar
 Que não tem quem lhe acuda;
 Como há-de o carro andar,
 Se ninguém mais a ajuda?
 Rezava o frade o ofício;
 O ensejo era propício!
 Cantando ia uma dama: «Ora, cantigas!
 A mosca lhe zunia, em boa hora!»
 Louca andava! Depois de mil fadigas,
 Chega ao alto o carrão: «Descanso, agora!
 Descanso! a mosca diz.
 Afinal tanto fiz
 Que em cima os pus! Cavalos, meus senhores,
 Façam favor, paguem-me os meus labores!»

Assim também há gente entremetida,
 Que se finge expedita e diligente,
 E é somente atrevida.
 Fora com eles, fora, que é má gente!

Conde de Azevedo da Silva

A Discórdia

Por certo pomo a Discórdia,
Foi do alto céu desterrada,
E pela muita embrulhada
Que entre as deidades teceu;

Onde habitam cultos povos,
Que há leis, ciência e polícia,
Com refinada malícia
A deusa atroz se acolheu;

Seu irmão consigo trouxe,
que *Sim-e-Não* se apelida;
Trouxe o autor que lhe deu vida,
Que se chama *Teu-e-Meu*.

Desprezou, só por honrar-nos,
Ao nosso antípoda rude,
Que incensos queima à virtude,
Não sendo nem meu, nem teu;

Que leis não conhece, e casa
Sem notário ou sacerdote;
Que à mulher só traz o dote
Que a natureza lhe deu.

Quando Jove, não com raios,
Punir os mortais queria,
Guerras a deusa acendia,
Qual na Grécia as acendeu;

A Fama, em sendo preciso,
Tinha a seu cargo chamá-la;
Mas de quase em vão buscá-la,
Muito a Fama se ofendeu.

Pedi a Jove que à deusa
Uma habitação fixasse,
Para que quando a chamasse,
Não perdesse o tempo seu.

Jove um domicílio certo
Quis que a Discórdia escolhesse,
Indicou-lhe o do interesse;
Buscou ela o do Himeneu.

Por isso quando o consórcio
Doura os laços que Amor urde,
A danar a indigna surge
Quanto Amor de glória encheu.

Curvo Semedo

A educação

Maluco e César, cães irmãos, provinham
De cães fidalgos e de raça forte;
Mas por coisas da sorte
Diversos donos tinham.

Um frequentava os bosques. Da cozinha
O outro não se tirava um só momento;
E o diverso alimento
Mudou-lhes génio asinha.

O primeiro meteu-se a caçador,
Apanhou javalis, corças, veados;
Foi dos cães afamados,
Um César no valor.

Sempre o dono o afastou de vis cadelas,
Para que a raça não degenerasse;
Mas antes se apurasse
Em prendas já tão belas.

O segundo dedica os seus afectos
À primeira cadela que ali passa;
E aumenta assim a raça
Dos gozos vira-espetos.

Nem sempre à raça nós saímos; vejo
Que se o filho que tenho não educo,
Não vale ser um César; terei pejo
De ver que o filho me saiu Maluco.

(***)

Os dois aventureiros e o talismã

À glória não conduz flórida estrada:
 Dão-me Alcides e seus rivais a prova.
 Hoje o Nume, em tais lidas, mal se ocupa.
 Poucos vejo na Fábula,
 E na História inda menos.
 Inda acho um a quem talismãs surrados
 Lançaram, no país lá das novelas,
 A aforoar fortuna.
 Ora, ele e um companheiro que levava
 Acertaram c'um poste em que era escrito:
 «Senhor aventureiro, se te cresce
 Auso de ir ver o que outrem nunca vira –
 Errante cavaleiro,
 Atravessa a torrente, e toma em braços
 O marmóreo elefante que deitado
 Em terra jaz, e leva-o
 Dum fol'go até ao tope desse monte
 Que co'a fronte orgulhosa os céus ameaça.»

Um dos tais cavaleiros
 Não assinou, e disse:
 «Se, quanto é rápida, a corrente é funda
 (Inda supondo que franqueá-la possam)
 A que vem o empecilho do elefante?
 É ridícula a empresa.
 Por arte o fez o sábio, e por tal jeito
 Que o levem quatro passos;
 Mas ao cimo do monte, e dum só fôlego...
 Não cabe a algum mortal, menos que aborto
 Anão, pigmeu não seja esse elefante,
 Que possa ir pendurado
 Num bordão, qual cabaça de romeiro.
 Então que honras ganhais nessa aventura?
 Quis-nos dar ópio o sábio, nesse anúncio?
 Enigma é com que só crianças logre.
 Assim, lá vos avinde c'o elefante.»

Ido o tal discursista,
 O ousado aventureiro os olhos fecha,
 E atira-se à torrente,
 Sem que altura nem rapidez o atalhe.
 Segundo reza o anúncio, vê na praia
 Fronteira, esse elefante
 Estirado no chão. Já o toma, e o sobe
 Ao pinác'lo do monte, e lá depara

C'um terreiro, e depois c'uma cidade.
Então solta o elefante um fero grito,
Ao qual acode o povo armado e forte.

Fugido houvera ao ruído estrepitoso
Qualquer aventureiro,
Que ele não fosse; mas mui fora, o nosso,
De voltar costas, quis vender a vida,
E morrer como herói.
Ei-lo atónito, ouvindo essa caterva
Chamá-lo rei, no posto de el-rei morto;
Mas fez-se de rogar: «O encargo é duro!»
Xisto outro tanto disse,
Quando o nomearam Papa.
Ser papa ou rei será miséria? – Claro
Se viu logo à má-fé com que o dizia.
Fortuna cega ampara a audácia cega.
Bem o fez o sábio em pôr por obra, às vezes,
O feito, sem consulta, sem reparos,
Antes que a sapiência e o tempo o estorvem.

Filinto Elísio

O charlatão

Sempre o vulgo, pendente de seus lábios,
Mais crê num charlatão que em vinte sábios.

Na corte um se gabava, certo dia,
De ter tão grande ciência,
De ser tão grande mestre de eloquência,
Que até de um burro um orador faria.
Disto el-rei sabe, e diz-lhe: «Do jumento
Que hás-de encontrar na minha estrebaria,
Fazer vais pois um orador portentoso!»
Mediante certa adiantada soma,
O charlatão o compromisso toma;
Combina mesmo, audaz, ser enforcado
Se em anos dez tal não tiver obrado.
«Vais na forca dançar!» – lhe diz alguém.
Responde o charlatão: «P' rigo não tem;
Antes que o prazo finde, a negra Parca
Um dos três tem levado: ou o monarca,
Ou o jumento, ou este seu criado.»
Teve razão; é de cabeça tonta,
Com dez anos de vida fazer conta.

Alberto França

O macaco e a raposa

No congresso dos brutos o bugio
Se meteu a dançar com tanto brio,
Que logo quase todos concordaram
Em que fosse seu rei, e o aclamaram.

A raposa invejosa, com desgosto
De vê-lo conseguir tão alto posto,
O levou a um lugar, onde enterrada
Com carne uma armadilha estava armada,
E dizia-lhe: «Aqui há escondido
Um tesouro por leis a ti devido
Como rei; e por isso vai tirá-lo,
Não venha algum ladrão desenterrá-lo.»

O macaco saltou muito lampeiro,
A ver a qualidade do dinheiro;
Ficou preso no laço; ali guinchava,
Ali contra a raposa se queixava,
Que por dolo o meteu nesta amargura.
«Ui! – disse ela – se quis tua ventura
Dar-te o ceptro, é loucura imaginares
Que com isso és capaz de dominares.»

Couto Guerreiro

O rato e a ostra

Cheio de enfado profundo,
 Ratinha de siso fraco
 Sai um dia do buraco,
 Com a mira em correr mundo.

Põe-se a andar – *toca que toca*,
 Ora corre, ora esfuraca;
 Pasma aqui, lá embasbaca,
 Tudo espantos lhe provoca.

«Eis os Alpes! as serras alpeninas!»
 E são tais pasmaceiras
 De ver as pequeninas
 Empolas sobre as tocas das toupeiras!

Passados uns dias, o nosso viandante
 Às praias chegou;
 Viu de ostras mui belas porção abundante,
 E naus as julgou!

«Meu pai um bronco foi, um pobre-diabo,
 Um medroso a valer;
 Só correndo este mundo cabo a rabo
 Se consegue o saber.»

Isto solta dos lábios,
 Porque alguém lhe fizera esta advertência;
 Não era dos que alcançam a sapiência
 A roer alfarrábios.

Eis que uma ostra, toda bela,
 Aberta vê: – «Que pitéu!
 É maná que vem do céu!»
 Forma pulo, e salta nela.

A ostra, muito ligeira,
 Fecha a casca... Coitadinho,
 Era uma vez um ratinho
 Que acabou na ratoeira!

Quem não tem deste mundo experiência,
 Tudo prodígios crê;
 E quem quer apanhar, tenha paciência
 Se apanhado se vê.

J. I. de Araújo

LIVRO DÉCIMO

1

A ave ferida de uma flecha

Foi de uma flecha emplumada
Uma das aves ferida,
E assim ao seu matador
Falou no extremo da vida:

«Contribuir deveremos
Para a nossa ímpia desgraça,
Dando penas que aligeirem
A seta que nos traspassa?

Das nossas asas as plumas
Arrancais, progénie atroz,
Que depois presas em ferros
Voar fazeis contra nós.

Mas, ó prole de Jafet,
Da nossa cruel desgraça
Não zombeis, não façais mofa,
Que o mesmo entre vós se passa.

Mil vezes vos acontece
A mesma infelicidade;
Metade de gente as armas
Dá contra a outra metade.»

Curvo Semedo

O lobo e o caçador

Não gozas o que tens: queres juntar
Para gozar dobrado.
E não pensas que podes acabar,
Com o remorso de não ter gozado?

Um caçador de truz matou, um dia,
Um gamo gordo e altivo;
Era motivo já para alegria...
Se não fosse um gaminho,
Que veio, fugitivo,
A correr pelo próximo caminho,
Direito à morte escura
Que o caçador lhe deu com mão segura.
Pagavam já os dois toda a canseira:
Quando, súbito, aponta da clareira
Soberbo javali!
Retesa o arco o caçador, e a frecha,
Sibilando, veloz,
Deita por terra o animal feroz!
«Três! (eram três!), decerto ninguém conta
Caçada tão feliz!
E mais esta perdiz!...»

(A desgraçada!) E aponta...
Quando o porco
Agonizante, se ergue, truculento,
E, no extremo furor,
Mais rápido que o vento,
Põe as tripas de fora ao caçador!
Nisto, um lobo, que vinha de passeio,
Lambendo os beiços, riu do ambicioso
Que, com tanto asseio,
Lhe arranjava banquete sumptuoso!
«Mas poupemos! poupemos!
Que a neve não parou...
A neve até conserva!
Portanto, economia! Comecemos
Pela tripa do arco.» E começou,
Duma avareza insana,
Pela corda, pensando que a reserva
Dos mais corpos daria uma semana.

Terrível avareza! O arco armado
Para a perdiz ligeira
A quem salvara o javali prostrado,

Distendeu-se, e a frecha bem certa
Deu em terra c' o lobo atravessado!

Cipriano Jardim

Demócrito e os de Abdera

Quanto às ideias sempre odiei o vulgo;
Que o cri profano e injusto.

.....

Bem o aprendeu o mestre
De Epicuro¹ quando o creu doido Abdera.
Vede que grandes néscios!
Ninguém profeta foi na sua pátria.
Abdera é que era a doida;
Demócrito o sisudo. E foi esse erro
Tanto ao longe, que a Hipócrates
Abdera o convidou, por deputados,
Por cartas, e embaixada,
E chorando pediu-lhe que viesse
Compor do enfermo o siso.
Hipócrates não creu muito em tal gente;
Porém partiu, não menos.
Ora vede que encontros causa a sorte,
Na vida! Chega Hipócrates
No prazo em que esse havido ali por tonto,
Desjuizado – esquadrinha
No homem, no bruto, onde é que a razão mora;
E à beira dum regato,
Sentado, os labirintos o ocupavam
Do cérebro; e aos pés tinha
Muito livro; e ali fixo (a seu costume)
Não deu fé da chegada
Do amigo seu. – Como o pensais¹ mui curtos
Os cumprimentos foram;
Que o sisudo as palavras poupa, e o tempo.
A entretimentos frívolos
Dando de mão, ao longo discorreram
Do homem, e também do ânimo;
No moral descambando... Não releva
O que um, o que outro disse Assoalhar.
Bem basta o que é já dito
Para mostrar que o povo
É rejeitável juiz.

Filinto Elísio

Testamento que Esopo explica

Esopo, segundo contam,
 Foi da Grécia a maior glória;
 E entre mil provas que apontam
 Dão de mistura esta história.
 Um pai tinha três filhas: a primeira
 De avarenta chegava a ser catinga;
 A segunda era atroz namoradeira,
 A terceira pegava bem na pinga.
 Morre o velhote; testando
 Segue as leis municipais,
 A suas filhas deixando
 Os bens em partes iguais;
 E que a sua mãe cada uma
 Um quinhão distribuísse
 No dia em que já nenhuma
 O que herdara possuísse.
 Dar depois de não ter! ... Ninguém, ninguém,
 Nenhum doutor decifra esta charada;
 E as filhas resolveram dar à mãe
 A quantia por ela reclamada.
 Partem-se os três quinhões; primeiro, a adega;
 Segundo, as jóias que na casa havia;
 Terceiro, os aparelhos para a rega
 E tudo que à lavoura pertencia.
 Tudo destarte disposto,
 Segundo a todas agrada,
 Cada uma o lote arrecada
 Que mais achar do seu gosto.
 Sucedeu isto em Atenas,
 E julgou-se maravilha;
 O famoso Esopo apenas
 Achou mal feita a partilha.
 «Repartam-se os quinhões de encontro aos gostos,
 Forçando-as a trocá-los a dinheiro;
 E poderão casar-se e, sem desgostos,
 Cumprir o testamento por inteiro.»

Alexandre Ramos

O cabrito e o lobo

Indo a pasto uma cabra, quis primeiro
Fechar o seu filhinho no corveiro;
E disse-lhe que a porta não abrisse
Senão quando outra vez ali a visse.
Um lobo que ouviu tudo, despedida
A mãe, veio bater com voz fingida;
(Pingia a voz da mãe que estava ausente.)
O cabrito porém como prudente
Lhe disse: – «As gretas dizem que não abra;
Pois me mostram que és lobo em tom de cabra.»

Couto Guerreiro

Vantagem do saber

Numa certa cidade, dois burgueses,
Um pobre e sábio, o outro um ignorante,
Mas de chelpa abundante,
Tinham suas questões frequentes vezes.
Dizia o rico ao pobre: «De que presta
O gastares semanas e semanas
A queimar as pestanas
Sobre esses livros? – Tens um *T* na testa!
Mesa terás qual tenho?
Dá-te esse seu empenho
P’ra poderes trajar de panos finos,
Morar em bela casa alcatifada,
E a mulher e os meninos
Vestir à moda?» – O sábio não diz nada.

Mas vem a guerra:
No mesmo instante,
Sábio e ignorante
Nada têm já.

Mudam de terra:
Um acha abrigo,
Outro o castigo
Da língua má.

Falai do estudo
Sem tom nem som:
P’ra tudo e em tudo
Saber é bom.

J. I.

A mulher teimosa afogada

Um homem que era casado
 Com mulher néscia e teimosa,
 Que tinha um génio danado,
 Foi um dia
 Fazer certa romaria
 Distante do povoado.

Eis que um rio caudaloso
 No fim da estrada encontraram,
 Que passar era forçoso:
 O marido
 Sonda o vau, e prevenido
 Teme entrar no pego undoso.
 A mulher, teimosa e má, Lhe diz:
 «Entra n'água, ó fona,
 Que perigo nenhum há.
 – Há perigo,
 Torna-lhe ele – e não prossigo!»
 E ela diz: «Pois eu vou lá.»

Nisto, mete-se imprudente
 A levada impetuosa
 Feita pela grossa enchente;
 Então cai,
 E indo ao fundo aos urros vai
 Envolvida na corrente.

Aterrado o pobre esposo
 Vendo aquela atroz desgraça,
 Inda quer salvá-la ansioso;
 Que a lastima,
 E vai pelo rio acima
 Procurando-a cuidadoso.

Os que viram abismá-la
 Vendo-o ir contra a corrente,
 Dizem: «Valha-te uma bala,
 Ó borracho!
 Se foi pelo rio abaixo,
 Lá em cima é que hás-de achá-la?»

Torna-lhe ele: «Este dragão
 Sempre com todos viveu
 Em fera contradição,
 E por má

Juro que subindo irá,
Se as águas descendo estão.

Às avessas da outra gente
Andou toda a sua vida;
Mas já teimosa imprudente
 Não será;
Que o génio que o berço dá
Tira-o a tumba somente.»

Curvo Semedo

A aranha e a andorinha

«Escuta a minha queixa, ó grande Jove!
Dizia a aranha. – Progne, à minha porta,
Vem as moscas roubar-me! Sem tal ladra,
Bem provida estaria a minha teia!»

Foi surdo à voz da aranha o pai dos deuses;
E de tal modo surdo, que a andorinha,
De asa co' a ponta arrebatava, um dia,
A teia – e desta, a um fio presa, a aranha!

Duas mesas pôs Jove neste mundo:
O destro, o esperto, o forte vemos sempre
À primeira sentados. Os pequenos
Os seus sobejos comem, na segunda.

Sousa Carneiro

A cabeça e a cauda da serpente

Tem dois membros a cobra,
 Que são da humana prole as inimigas:
 São a cabeça e cauda,
 Que granjeado têm famoso nome
 Entre as tiranas Parcas.
 Ora, debates crus aconteceram
 Outrora entre ambas, sobre
 Precedências. Tinha a cabeça andado
 Sempre diante da cauda.
 Queixou-se disso a cauda ao céu, e disse:
 «Como lhe apraz a esta,
 Despejo infindas léguas. E ela cuida
 Que eu sempre esse uso abraço?
Nec semper Lilia florent. Eu fui feita,
 Graças a Deus se rendam,
 Para ser sua irmã, não sua serva.
 Vimos dum mesmo sangue;
 Encerro em mim peçonha igual à dela,
 Tão pronta, como activa;
 E a minha petição só quer que de ambas
 Se iguale o tratamento.
 Mandai – e ela mo assine – que preceda
 Eu cauda e ela cabeça.
 De modo a guiarei que se não queixe.»
 Teve cruel bondade
 Com seu desejo o céu. – Bem ruins efeitos
 Têm seu comprazimento
 Não raras vezes! A desejos tontos
 Melhor fora ser surdo.
 Mas não o foi então. A nova guia,
 Que, à luz do sol mais clara,
 Melhor não vira que num forno escuro,
 Topava aqui num mármore,
 Além num tronco, ou já num viandante.
 Levou em direitura
 A irmã ao lago estígio. – Assim sucede
 Aos desafortunados
 Estados que em tal erro descaíram.

Filinto Elísio

A águia e a pega

A águia, um dia, atravessando um prado,
 Co'a pega se encontrou;
 Muito esta se assustou;
 Mas a águia, que bem tinha jantado,
 A sossega e lhe diz: «Vamos de rancho.
 Se Jove se aborrece,
 Estranho não parece
 Dar-se isso em quem pertence ao seu farrancho.

Conversa um pouco.» – A pega é palradora,
 (Disso fama tem ela)
 E, a dar à taramela,
 Tem que dizer para gastar uma hora.

E depois de falar p'los cotovelos
 Sem que a zoina lhe cesse,
 A águia ela oferece
 De informadora os seus serviços belos.

«Arreda lá! – lhe grita a águia em tom forte;
 Quem de tão feio jeito
 Fala a torto e a direito,
 Não tem aceitação na minha corte.»

Foi isto o que a pega quis:
 Conseguir na corte entrar
 Obriga a espinha a dobrar,
 Requer tento no falar,
 E nem sempre é ser feliz.

Mas, se entras lá, talvez que te alinhaves
 Aprendendo a tocar em várias claves.

J. I. de Araújo

O homem e o sátiro

Um sátiro tomou por companheiro
Um homem, que no frio de Janeiro,
Abrindo a sua boca, as mãos soprava,
Dizendo que com isto as aquecia.
Soprava papas quentes, e dizia
Que para arrefecê-las o fazia.
O sátiro notando a habilidade,
E cheirando-lhe mal a variedade:
«Rua, rua!, lhe diz; meu grande amigo;
Rua! que nada quero já contigo;
Marchar; que de quem faz calor e frio
Com uma mesma boca, não me fio!»

Couto Guerreiro

Os desejos

Há no Mogol uns duendes
 Serviçais – uns criadinhos:
 Leitor, se não compreendes,
 Passe na fé dos padrinhos.
 P’ra limparem a casa erguem-se cedo,
 E fazem muito mais;
 Mas no que arranjam não toqueis c’um dedo,
 Porque tudo estragais!
 Um destes, perto ao Ganges alojado,
 Tratava dum jardim
 E era pelo patrão muito estimado.
 (Devia ser assim.)
 Porém outros duendes – dos mais reles,
 Segundo o que se conta –
 Tomaram-no de ponta
 E forjaram intrigas. O rei deles,
 Por ordem que assinou com régia mão,
 Manda-o dali sair;
 E ele, antes de partir,
 Saudoso se despede do patrão:
 «Posso cumprir num momento
 Três desejos que tu tenhas;
 Dize no que mais te empenhas,
 Que ao teu serviço me vês!
 – Dá-me riqueza abundante
 Que todo o mundo cobice!»
 O duende, se bem o disse,
 Ainda melhor o fez.
 Ei-lo cheio de riquezas
 Que lhe engrossam a vaidade;
 Já não sabe onde arrecade
 Os seus imensos milhões.
 Já o carregam tributos,
 Já lhe pedem por abono;
 E por vezes perde o sono,
 Com receio dos ladrões.
 «Vem, ó mediania!» – Ela, ao pedido
 Acode; é festejada,
 É bem agasalhada.
 E só falta um desejo a ser cumprido.
 Riu-se o duende ao ver que em coisas fúteis
 As horas se consomem,
 Que bem se empregariam nas mais úteis;
 E então o nosso homem
 Pediu a sapiência, bem sem par,

E o mais útil e fácil de guardar.

Alexandre Ramos

Os dois burros carregados

Qual romano imperador,
Um pau por ceptro levava
E a dois frisões orelhudos
Um burriqueiro guiava;

Um deles trazia esponjas,
E qual postilhão corria:
O outro de sal carregado
Os pés apenas mexia;

Um sem custo, outro com ele,
Montes e vales andaram,
Até que ao vau dum ribeiro
Ultimamente chegaram.

No que levava as esponjas
O burriqueiro montou,
E fez ir para diante
O que de sal carregou.

Ele o vau desconhecendo
Pregou consigo no pego,
Nadou, veio acima, e viu
Aliviado o carrego:

Porque o sal, de que era a carga,
Derreteu-se n'água entrando,
E o seu condutor, já leve,
Pôs-se em terra e foi trotando.

O camarada esponjeiro,
Que o viu tão leve sair,
Quis à sua imitação
Também no pego cair;

Ei-lo nas águas submerso,
Esponjas e burriqueiro,
Todos três bebendo à larga
Querem secar o ribeiro.

Tão pesados se fizeram,
Por beberem sem cessar,
Que sucumbido o jumento,
Não pôde as margens ganhar.

O homem lutava co'a morte,
Té que um pastor lhe acudiu;
Mas o burro das esponjas
Foi ao fundo, e não surdiu.

Guiar por cabeças más
Não é um bom portamento;
Às vezes a dita de um
Faz a desgraça de um cento.

Curvo Semedo

Júpiter e os trovões

Júpiter, lá das alturas,
Vendo cá tanto perverso,
Disse: «De novas criaturas
Povoemos o Universo!

Mercúrio, desce aos Infernos,
As minhas ordens fiel;
Dentre os horrores eternos
Traz-me a fúria mais cruel!

Raça por mim tão amada,
Desta feita morrerás!»
Júpiter daí a nada
Fez-se menos ferrabrás.

(Se a cólera vos tornar,
Reis, por vezes nosso açoite,
Deixai sobre ela passar
O intervalo duma noite.)

Mercúrio, o de acções não sãs,
Porém de asa mui ligeira,
Foi ter com as três irmãs
E preferiu a primeira.

Esta da escolha se ufana
E jura, sem mais nem mais,
Sujeitar a raça humana
Às deidades infernais.

Júpiter não aprovou
Da euménide o juramento;
E um raio à terra lançou
Logo naquele momento.

Mas este, que um guia certo
Na mão que o despede tem,
Vai cair em um deserto,
E não fez mal a ninguém!

Muito estrondo e nenhum sangue;
Grandíssimo susto só:
Um pai, por mais que se zangue,
Quando castiga, é com dó!

A.

A lande e a abóbora

Bem faz Deus quanto faz. Sem buscar provas,
Por esse mundo além, acho-as na abóbora.

Contemplava um pastrano
Quanto avultado é o fruto

E quão delgado o talo: «Em que pensava
O autor de tais amanhos? Esta abóbora,

Eu ponho-a nesta enzinha,
Arrazoado gancho

Para tal dependura; e vinha a pêlo:
Para pêssego tal, tal pessegueiro.»

Foi pena, meu Bieito,
Não te achares no Conclave,

C’o Criador – do qual te prega o cura.
Tudo iria melhor. – «Ponhamos caso.

Quando muito, a bolota
Orça c’o meu meminho.

Porque a pôs numa enzinha? Deus deu cincoas.»

Quanto mais cisma nos mal postos frutos,
Mais porfia o Bieito.

Que houve erro ali, nos poisos.

Como esta reflexão lhe dava tratos:

«Saber sobejo estorva que se durma.»

Para dormir escolhe
A sombra duma enzinha.

Caem bolotas, e o nariz o paga.

Acorda, e logo vai co’as mãos ao rosto,

E nos pêlos da barba

Depara inda co’a lande.

Fez-lhe mudar de língua o piparote

E o sangue, que lhe escorre dos narizes.

«E se em vez de bolotas,

Me chovessem cabaças,

Que as queixadas, caindo, me estroncassem!

Deus, que o não quis assim, andou com juízo.

Agora é que eu atino

C’o motivo acertado.

Louvando a Deus do bem que obrara tudo,

Veio de volta a casa o nosso Bieito.

Filinto Elísio

O lobo feito pastor

Para assaltar um rebanho
Sem nele espalhar o horror,
Um lobo – recurso estranho! –
Quis disfarçar-se em pastor.

Mas do pastor verdadeiro
Buscando a voz imitar,
Acordou este e o rafeiro,
Que estavam a ressonar.

E p'los dois reconhecido,
Morto é logo o espertalhão,
Que, pelo traje impedido,
Tentara fugir em vão.

Velhacos, ou longe ou perto,
São pilhados afinal.
O que for lobo, o mais certo,
E sempre obrar como tal.

Alberto Mendonça

O morcego e as duas doninhas

Um morcego já preso da doninha,
Dizia-lhe: «Perdoa-me, vizinha!
– Eu não quero cair na culpa grave,
Diz ela, de quartel dar a alguma ave,
Que já de lho não dar fiz juramento.»
O morcego com muito acatamento
Lhe diz: «Sossega a tua consciência;
Quem jura de fazer uma violência,
Não a deve fazer por ter jurado;
Que um pecado não tira outro pecado.
Demais que eu não sou ave, sou um rato;
Se não repara tu bem no meu fato,
Verás que tenho pêlo, e as aves penas;
E se tu por ter asas me condenas,
Isso é um acidente, é circunstância
Que não faz que eu varie na substância.»
A doninha de tais razões movida,
Concedeu-lhe que fosse ele com vida.
Veio tempo em que foi de outra colhido;
Pede o mesmo que tinha antes pedido.
«Nada, respondeu ela, eu me condoo
De ti, porém o rato não perdoou,
Fiz esse juramento, e hei-de cumprir-lo.»
O morcego tomando o mesmo estilo,
A tirava do escrúpulo, e dizia
Que ele não era rato, como via;
E no caso que não acreditasse,
Lhe diga se viu rato que voasse.
Persuadiu-se a doninha; e desta sorte
O morcego outra vez livrou da morte.

Couto Guerreiro

Prudência entre cães e gatos, e entre gatos e ratos

Em certa casa, muitos cães e gatos
Viviam em puríssima união,
Pois que um regulamento – e dos sensatos –
Lhes impusera o sábio do patrão.

Porém surge pendência entre os amigos,
Entra este a grazinar, grazina aquele,
E quiseram rever alguns artigos
Do tal regulamento. Mas que é dele?

Tinha sido roído pelos ratos!
Nova questão; já todo o rato guincha;
Vão sendo dizimados pelos gatos,
E é o dono da casa quem pechincha.

Tudo no mundo anda em guerra,
Seja bruto ou seja humano:
É a lei que rege a Terra,
E não profundo este arcano;
Mas o de que me convenço
Por uma razão maior
É que a raça a que pertenço
Não é no caso a melhor.

(***)

A doninha na despensa

Esguia e longa de corpo,
Entrou Madama Doninha
Por um estreito buraco
Que certa despensa tinha.

Passados nove ou dez dias,
Já nédia, gorda e pesada,
Vindo um criado à despensa,
Por um triz não foi pilhada.

Vendo o seu risco iminente,
Quis então salvar a pele,
Foi-se ao buraco da entrada,
Porém não coube por ele.

«Neste buraco, então clama,
Há dez dias, sem mentir,
Que para entrar coube, e agora
Não caibo para sair!

Ou eu perdi todo o tino,
Ou o buraco estreitou!»
Mas nisto um rato já velho
Desta sorte lhe falou:

«Magra e faminta vieste,
Gorda e farta agora estás;
Torna a ser magra e faminta,
Logo sair poderás.

Se alguém contigo aqui der,
Faz-te os ossos em açorda;
Reflecte se mais te agrada
Viver magra, ou morrer gorda!»

A doninha não fez caso,
E a mesma vida seguiu;
Até que deram com ela,
E dura morte sentiu.

A vários sucede o mesmo
Em qualquer ocupação;
Que o muito que engordar querem
Faz a sua perdição!

Curvo Semedo

As mulheres e o segredo

Não é lá no pensar muito atilado
 Quem a mulher confia o seu segredo...
 Mas neste ponto também tenho medo
 Muitas vezes do sexo que é barbado.

Para experimentar sua mulher,
 Estando certa noite ao lado dela,
 Um marido exclamou: «Ai, Micaela,
 Que dores tão cruéis! que atroz sofrer!...

Não sei, triste de mim, como me aguente!
 Mas que é isto, mulher? Oh, caso novo!...
 Mesmo agora acabei de pôr um ovo!
 – Um ovo! – Aqui o tens; inda está quente!

Não contes este caso; tem cuidado,
 Quando não, de galinha põem-me a alcunha.»
 A mulher, que o engano não supunha,
 Jurou fechar a boca a cadeado.

Mas apenas se ergueu de manhãzinha
 Esta pouco assisada Micaela,
 Desejosa de dar à taramela,
 Foi o caso contar a uma vizinha.

«Sabe, comadre, o que hoje sucedeu?
 – Então que foi? que foi? – O meu Torcato
 Pôs um ovo que enchia bem um prato!...
 Mas não conte a ninguém, ouviu? – Quem? eu!»

Do peso do segredo aliviada,
 A mulher do do ovo entrou em casa;
 Mas a vizinha já se vê em brasa
 Por dar esta notícia desusada.

Deixa o almoço ao lume, sai mui pronta
 E a outra conta a história de bom gosto;
 Mas ao ovo que o homem tinha posto
 Acrescenta mais um por sua conta.

Foi-se espalhando o caso em prosa reles,
 E cada uma o seu ovo acrescentava;
 De sorte que à noitinha se afirmava
 Que o homem tinha posto um cabaz deles.

J. I. de Araújo

LIVRO UNDÉCIMO

1

O poder das fábulas

No povo leve e vão da antiga Atenas,
Certo orador que a pátria em p'rito via,
Corre à tribuna, e arroja-se violento
A impelir os ânimos repúblicos.
No comum salvamento falou rijo.
Não se vendo escutado, o orador vibra
Os atrevidos tropos que revolvem
Ronceiras almas. Faz falar finados:
Troou, disse o que pôde. Tudo o vento
Levou. Ninguém fugiu. O animal frívolo
Usado a rasgos tais nem o escutava,
Para os lados olhava. Vendo-o fito
Nas brigas infantis, nada em seus tropos,
Que faz o orador? Mudou de rumo:
«Ceres, co'a eiró e co'a andorinha, um dia,
Indo em jornada as atalhou um rio:
A andorinha voando, a eiró nadando,
Passam presto de além...» – Eis já que o povo,
Voz em grita, pergunta: «E que fez Ceres?»
– Que fez?... Súbito n'alma iras lavraram-lhe
Contra vós. – Que o seu povo se embasbaque
Em contos pueris! Dos gregos todos
Seja ele só, que, do ameaçado p'rito
Se descuide! – Clamai: «Que faz Filipe!»
Espertou-se c'o apólogo a assembleia.
E ao que o orador bem quis, se entregou toda.
Logrou essa honra um rasgo só da Fábula.
Vós sois de Atenas, todos; e inda eu mesmo,
No instante que em moral assim discorro,
Contem-me *pele de asno*, extremo gosto
Ouvindo-o tomarei. O mundo é velho,
Dizem, e eu creio que inda diverti-lo
Compete, como as crianças se divertem.

Filinto Elísio

A leiteira e a bilha de leite

Com sua bilha à cabeça,
Maria, de pouca idade,
Vinha, marchando com pressa,
Vender o leite à cidade.

E a leiteira diligente,
Enquanto assim caminhava,
Estes cálculos na mente,
Consoladores, formulava:

«Com o dinheiro da venda
Encho de ovos três cestinhas;
Deito os ovos, e a fazenda
Aumento a vender galinhas.

Depois, na feira anual,
Comprarei porquinho belo;
Mais tarde, no meu curral,
Terei vaquinha e vitelo.»

Antegozando um deleite
Nestas ideias, tropeça;
Cai-lhe a bilha da cabeça,
E entorna-se todo o leite.

É fácil de decorar
A lição singela e breve
Que ensina que ninguém deve
Fazer castelos no ar!

J. I.

O cavalo e o cervo

Um cavalo e um cervo tinham guerra
Sobre o pastar ou não em certa terra:
O cervo conquistou umas pastagens
Donde o outro tirava antes forragens,
Que vencido da cólera em que ardia,
Rinchando, com a mão no chão batia.

Foi-se ter com um homem, fazem liga
Por uma convenção: o homem se obriga
A recobrar-lhe o campo conquistado;
Porém que havia de ir nele montado
Com sela, com esporas e com freio.
Foram: fugia cheia de receio
A guarnição que o cervo ali pusera,
E o homem das pastagens se apodera.

Concebeu o cavalo grande glória,
Quando viu que por si era a vitória.
Que importa, se também ficou vencido?
Porque a sela, que tinha consentido,
Com o freio consente ainda agora,
E picá-lo aliado com a espora.

Couto Guerreiro

O lobo e a raposa

Raposa esfomeada
 (Pois que para roer nem tinha um osso!)
 Viu no fundo dum poço
 A Lua retratada.
 A orbicular figura um queijo crê,
 E pula de contente!
 Água dois baldes alternadamente
 Desse poço tiravam. No que vê
 Suspenso pelo peso do segundo,
 Do poço desce ao fundo;
 Mas – coitada!
 Viu que fora lograda e bem lograda!
 «Em maus lençóis, dizia, eu vou achar-me!...
 A menos de que alguém, como eu, com fome,
 Por queijo a Lua tome
 E, fazendo o que eu fiz, venha salvar-me.»
 Nisto, com sede, um lobo se aproxima,
 E quer beber no poço. Ao vê-lo em cima,
 Diz-lhe a raposa muito amavelmente:
 «Desça, desça, compadre!... Vou presente
 Fazer-lhe deste queijo, convencida
 De que outro assim não vê neste arrabalde!»
 O lobo desce pronto, e na descida
 Faz subir a raposa no outro balde.
 Que motivo de riso isto não seja;
 Dá-se o mesmo connosco exactamente:
 Qualquer de nós crê sempre facilmente
 Tudo o que teme e tudo o que deseja.

Luís de Macedo

A pomba e a formiga

Enquanto a sede uma pomba
Em clara fonte mitiga.
Vê por um triste desastre
Cair n'água um formiga.

Naquele vasto oceano
A pobre luta e braceja,
E vir à margem da fonte
Inutilmente deseja.

A pomba, por ter dó dela,
N'água .uma ervinha lhe lança;
Neste vasto promontório
A triste salvar-se alcança.

Na terra a põe uma aragem;
E, livre do precipício,
Acha logo ocasião
De pagar o benefício;

Que vê atrás dum valado,
Já fazendo à pomba festa,
Um descalço caçador
Que dura farpa lhe assesta.

Supondo-a já na panela,
Diz: «Hei-de te hoje cear!»
Mas nisto a formiga astuta
Lhe morde num calcanhar.

Sucumbe à dor, torce o corpo,
Erra o tiro, a pomba foge;
Diz-lhe a formiga: «Coitado!
Foi-se embora a ceia de hoje!»

De boca aberta ficando,
Conhece o pobre glutão
Que só devemos contar
Com o que temos na mão.

E posto enfim que haja ingratos,
Notar devemos também
Que as mais das vezes no mundo
Não se perde o fazer bem.

Curvo Semedo

Tributo dos animais a Alexandre Magno

Por terras mil tinha espalhado a Fama
 Que Alexandre, progénito de Jove,
 Mandara que a seus pés do mundo o povo
 Corresse a avassalar-se: homens e brutos.
 Juntam-se os animais, e deliberam
 Enviar-lhe tributo. Encarregado
 Do modo de o fazer o mono fica;
 Por escrito lhe dão quanto lhe cumpre
 Dizer como enviado. – Preocupa-os
 Apenas o tributo. O que ofertar-lhe?
 Dinheiro só; e havê-lo era difícil.
 Um príncipe que tinha minas de ouro
 Do apuro os salva. – Partem c’o tributo
 O cavalo, o camelo, o macho e o burro,
 Do mono embaixador em companhia.
 Mas eis que no caminho dão de cara
 Com Monsenhor Leão, que assim lhes fala:
 «Ditoso encontro, amigos! De jornada
 Iremos; também eu presente levo.
 Mas pesos não me agradam. Por fineza,
 Levai-mo repartido entre vós outros.
 Demais, melhor assim defendo a todos
 Se por ladrões formos atacados.»
 A leões replicar não é costume.
 Aliviam-no, e – mais! – tratado à grande
 É na jornada: paga a bolsa pública!
 Chegado a certo ponto, aos companheiros
 Por doente se dá; diz-lhes que sigam,
 E o seu ouro reclama. Desenfardam,
 E grita o nosso herói: «Das minhas moedas,
 Que de filhas, olhai, não têm nascido!»
 Isto dizendo, arrecadou-as todas.
 De Jove ao filho, em vão, queixar-se foram:
 Leão contra leão não tem vantagem.

Luís Serrão

O pastor e el-rei

..... Um rebanho
 Viu el-rei, que cobria
 Toda aquela campina, pastejando
 Bem medrado e rendendo
 – Desvelos do pastor – grossas quantias.
 Diligentes desvelos,
 Tanto ao gosto de el-rei, que assim lhe disse:
 «Deixa esses teus cordeiros,
 Que mereces melhor ser pastor de homens.
 Juiz supremo sejas.»
 Eis que o nosso pastor libra as balanças.
 Dado que pouca gente,
 Salvo o ermitão, conheça, e os cães, e o gado,
 E o lobo: e eis tudo;
 Bom senso tinha; o mais o tempo vence;
 E em suma, conseguiu-o.
 Corre o ermitão vizinho, e vem dizer-lhe:
 «Sonho eu? ou ‘stou desperto?
 Tu, valido? Tu, grande? – Desconfia
 Dos reis: que assaz resvala
 Seu valimento esconso, e o pior inda
 É, que esse caro custa.
 Virão desgostos mil.» – E tais lhe vieram,
 Que o ermitão foi profeta.
 A peste ruim das cortes, por mil máquinas
 Tanto fez, que a candura,
 Que do juiz o mérito, em suspeita
 Caíram do monarca.
 Eis conluios, eis peias, eis falsários,
 Eis causas mal julgadas.
 «*De nossos bens ergueu palácio!*» o acusam.
 Riquezas tão notáveis,
 Qui-las el-rei ir ver. Só medianias
 Achou, por toda a parte
 Louvores do ermo seu e da pobreza.
 E eis em que consistiam
 Suas magnificências. «Mas (instavam
 Os que lhe mal queriam)
*Um cofre aferrolhado a vinte chaves,
 Encerra pedrarias. »*
 Abre o cofre o pastor, deixa pasmados
 Do engano os urdidores.
 Que é o que viram, dentro? as rotas vestes
 Do pastor do rebanho.

«Ricas jóias, penhores caros, nunca
A vós acareastes
Invejas, nem embustes; vinde, vinde,
Saíamos destes paços,
Como quem sai dum sonho. Perdoai-me
Este meu desafogo.
Quando subi, Senhor, a auge tão grande,
Bem antevi a queda.
Assaz me comprazi, mas quem dum toque
De ambição se ressalva?»

Filinto Elísio

As duas cadelas

Estando p'ra cada hora
Certa cadela de rua,
Pedi a uma amiga sua
Quarto e cama. Sem demora,

Valeu-lhe a amiga; e passado
Sendo talvez mês e meio,
Com bons modos pedir veio
O que lhe havia emprestado.

A hóspeda, para ficar,
Quinze dias pede ao menos,
Alegando que os pequenos
Mal começavam a andar.

Cede a amiga... triste dela!
Pois, findo o prazo ajustado,
Reclamando o ninho amado,
Lhe rosnou a mãe cadela:

«Sairemos da casa tua
Eu e toda a minha gente,
Se for capaz o teu dente
De nos pôr no andar da rua!»

De emprestar a casa, fuge:
Todos vêm com pés de lá;
Porém do hóspede de hoje
Sai-te o patrão de amanhã!

J. I. de Araújo

O mal casado

Um tinha a mulher brava e pretendendo
Saber se aquele génio tão horrendo
Em casa de seu pai assim seria,
Para lá por bom modo a remetia.
Voltando a seu marido aquela fera,
Este lhe perguntou que tal se dera.
Respondeu que com raiva dos pastores
Entrara muitas vezes em furores.
Ele lhe replicou: «Se és um açoite
Contra os que estão em casa dia e noite,
Como pode não ter muito má vida,
Quem contigo continuamente lida?»

Couto Guerreiro

10

A montanha e o rato

Certa montanha
'Stando co'as dores
Em mil clamores
Se desentranha!

Que espalhafato,
P'ra que à luz dê,
Sabem o quê?
Pequeno rato!

(***)

O jumento que levava relíquias

Um pobre sendeiro
 Relíquias levava
 A sitio remoto,
 E o povo devoto
 Quando ele passava
 Mil cultos lhe dava;
 Inchando-se o estulto,
 Julgou, presumido,
 Que todo esse culto
 Só era devido
 À sua pessoa;
 E teve tal proa
 Com esta ilusão
 O paparrotão,
 Que sendo um selvagem,
 De grã personagem
 Fumaças criou:
 Um tal, que ‘observou
 A vã presunção
 Do fofo asneirão
 Só digno de insultos,
 Assim lhe falou:
 «Vê bem que esses cultos
 Que os homens te dão,
 Com que, vil mazombo,
 Tão concho te fazes,
 São só ao que trazes
 Em cima do lombo.»
 Ao fofo jumento
 Serão comparados
 Alguns potentados
 De chocho talento,
 Que são respeitados
 Só pelo ornamento
 De que andam cercados.

Curvo Semedo

O mercador, o príncipe, o fidalgo e o pastor

Eram quatro os naufragados:
Um príncipe, um mercador,
Um fidalgo e um pastor.
Dois pares de desgraçados.

Ei-los em terra estrangeira
Mendigando a caridade
E vendo a triste verdade
De não ter eira nem beira!

Mas um dia resolveram
Nunca mais viver de esmolas,
E pondo ao lado as sacolas,
Falaram como entenderam.

«Eu cá – disse o mercador,
Deixo as partidas dobradas
E passo a ensinar criadas
A fazer contas de cor.»

O príncipe, que em consciência
Se achava abaixo da crítica,
Propôs ensinar política,
Coisa que não quer ciência.

O fidalgo estende a mão
E diz: «Não mais privações!
Eu, começo a dar lições
Da grande arte do brasão!

– Muito bem! São uns doutores!
Todos querem ensinar!
Pois eu vou-me a trabalhar,
Que é arte até de pastores!»

E cortando ervas do chão,
Faz-me um feixe, vai vendê-lo,
E ao fim da tarde era vê-lo
Dando aos outros vinho e pão.

E eis como do matemático,
Do fidalgo e do político
Teve razão o analítico,
Que era mais que os outros, prático!

Cipriano Jardim

O corvo, a gazela, a tartaruga e o rato

Gazela, rato, corvo e tartaruga
 Viviam junto, em branda sociedade.
 Que a dita asseguraram quando escolha
 Fizeram de pousada ignota aos homens.
 Que sítio há tão escuso
 Que os homens não devassem?
 Buscai sertões, desertos,
 Lapas do mar profundo,
 Inda alturas dos ares,
 Deles não evitais tramas ocultas.
 Sem fraude, ia a gazela espairecer-se;
 Eis que, do prazer bárbaro dos homens
 Instrumento maldito, um cão dá, na erva,
 Faro de seus vestígios. Ela foge:
 E às horas da comida diz o rato
 Aos restantes amigos: «De onde nasce
 Que hoje somos só três os convidados?
 Por que causa a gazela nos deslembra?»
 Quando tal ouve, clama a tartaruga:
 «Se eu alígera fosse, qual é corvo,
 Ia, ao menos, saber em que contornos
 ‘Stá nossa companheira velocípede.
 Quanto ao bom coração, melhor julgai-a.»
 Parte o corvo a voo solto, e ao longe avista
 A imprudente gazela, presa em laços,
 E a debater-se neles. Volta, e avisa
 Os outros num instante. – Perguntar-lhe
 Como? Quando? Por que caiu sobre ela
 Tal desgraça, em vás falas consumira
 O tempo útil. (Qual fez da escola o mestre.)
 Tinha sobejo siso o corvo. Voa,
 E revoa; os três amigos sobre o anúncio
 Se aconselham. Parece a dois que é certo,
 Sem tardar, transportar-se ao sítio, aonde
 Presa a gazela jaz. – «Guarda essa a casa.
 Quando é, com o lento andar, que ele lá chegue
 Quando, morta a gazela?» – Dito e feito.
 Vão-se ao socorro da fiel, e cara
 Companheira, montês triste cabrinha.
 Também lá quis correr a tartaruga,
 Como eles, pôs-se em campo, e amaldiçoando
 Seus curtos pés (com causa) e ser forçada
 A carregar co’a casa. – Trinca-malhas
 (Jus teve o rato à alcunha) os nós lhe rói.
 Quanta alegria! – O caçador vem, grita:

«Quem me roubou a presa?» Numa toca
Trinca-malhas se esconde; o corvo na árvore,
Nas selvas a gazela. – Sem alguma
Notícia, o caçador meio estontado
Avista a tartaruga, e enfreia as iras:
«Inquietar-me que val'? Já para a ceia
Me desquita esta moca.» – E ei-la no alforge.

Por todos pagaria a tartaruga
Se à gazela não desse aviso o corvo.
Do retiro ela abala, faz-se coxa.
Foi fosca, que valeu. – Vai-se atrás ela
O homem, que atira ao chão toda alforjada.
Trinca-malhas destrói, com tanta ânsia,
Do alforge os nós, que solta a tartaruga,
Gualdindo a ceia ao caçador logrado.

Filinto Elísio

Os peixes e o corvo-marinho

Nem lago, nem tanque havia
 Que a certo corvo-marinho
 Contribuição não pagasse.
 Nédio estava que era um gosto!
 Mas fez-se velho, coitado,
 E, co'a vista enfraquecida,
 Os peixes n'água não vendo,
 E tendo fome de rabo –
 Assim fala a um caranguejo:
 «Compadre e amigo, depressa,
 Passe aviso aos peixes todos
 De que o dono deste lago
 Redonda pesca projecta!»
 Os peixes em rebuliço
 Pôs co'a nova o caranguejo.
 Já deputados ao corvo
 Mandam, a ver se é verdade;
 Já que partido, perguntam,
 Devem tomar, sendo certo.
 Responde o corvo: «Descansem;
 De os pôr em sítio seguro
 Eu me incumbo!» – Os pobres peixes,
 Acreditando na léria,
 Nas mãos se entregam do corvo,
 Que os deposita, velhaco,
 Em lugar onde, sem custo,
 A pouco e pouco os devora.

Assim ficaram sabendo
 Que é mau ouvir os conselhos
 Desses que são por ofício
 Devoradores de gente.

Santos Barbosa

O homem e a pulga

Deu urna pulga grande mordedura
Em um, e tendo-a este já segura
Entre os dedos, teve arte, que escapava;
Erguendo as mãos ao céu, ele exclamava:
«Hércules, que mil males extinguiste,
Ignoro por que tu não me acudiste
Quando eu quis com valor heróico e estranho
Extinguir animoso um mal tamanho!»

Couto Guerreiro

O prior e o defunto

Para a cova ia um defunto,
Levando por companhia
O prior da freguesia,
Corado como um presunto.

Era o morto endinheirado
E não ia a trouxe-mouxe,
Porém em dourado coche
A quatro mulas puxado.

E rezava a Frei Caconso
Mui devotas orações,
Versículos e lições,
Salmos e muito responso;

Mas sem que de atentar deixe
No pobre defunto frio,
Como quem encara o rio
De que espera tirar peixe.

E ia dizendo baixinho:
«Compro à minh'alma um capote,
E para mim um pipote
Do mais afamado vinho.»

Mas o que as mulas conduz
Mete-as por sobre um barranco;
Dá o coche um solavanco,
Tomba e cai – catrapus!

O padre morre. Depois
Diz o cocheiro: «Esta é nova!
Levava um só para a cova,
E tenho que levar dois!»

Nossa vida é sempre assim;
Andamos no mundo à toa:
Donde esp'ramos coisa boa
É donde vem a mais ruim!

J. I. de Araújo

A lebre e a tartaruga

«Apostemos, disse à lebre
A tartaruga matreira,
Que eu chego primeiro ao alvo
Do que tu, que és tão ligeira!»

Dado o sinal da partida,
Estando as duas a par,
A tartaruga começa
Lentamente a caminhar.

A lebre tendo vergonha
De correr diante dela,
Tratando uma tal vitória
De peta ou de bagatela,
Deita-se, e dorme o seu pouco;

Ergue-se, e põe-se a observar
De que parte corre o vento,
E depois entra a pastar;

Eis deita uma vista de olhos
Sobre a caminhante sorna,
Inda a vê longe da meta,
E a pastar de novo torna.

Olha; e depois que a vê perto,
Começa a sua carreira;
Mas então apressa os passos
A tartaruga matreira.

À meta chega primeiro,
Apanha o prémio apressada,
Pregando à lebre vencida
Uma grande surriada.

Não basta só haver posses
Para obter o que intentamos;
É preciso pôr-lhe os meios,
Quando não, atrás ficamos.

O contendor não desprezes
Por fraco, se te investir;
Porque um anão acordado
Mata um gigante a dormir.

Curvo Semedo

Contra os ruins de contentar

Se ao nascer alta musa me doara
 Os dons que ela concede aos escolhidos,
 Às mentiras de Esopo os consagrara:
 Mentira e versos foram sempre unidos.
 Sou bem pouco estimado do Parnaso
 P'ra tão belas ficções ornar com graça.
 Lustre – conheço-o bem – requer o caso,
 E quem mais sábio for essa obra faça.
 Contudo, dando ao estilo novas cores,
 Fiz o lobo falar com o cordeiro;
 Mais adiante inda fui – que palradores
 Fiz árvores, arbustos; – e requeiro
 Me digam se há ou não já nisso encanto.

Dir-me-ão críticos tontos:

«Pois de crianças quatro ou cinco contos,
 Acaso valem tanto?» –
 Mais nobre estilo querem?

Pois esperem:

*«Em guerra que durava já dez anos,
 Fatigavam aos gregos os troianos,
 Que da cidade dentro das muralhas,
 Haviam resistido a cem batalhas,
 Quando a astuta Minerva
 De lenhos um cavalo enorme faz,
 Em que Ulisses, Diómedes e Ajax,
 – Que período enorme! (ouço a caterva
 Dos críticos dizer!) Basta; já vemos
 Que do alto estilo o tom não tens.»* Baixemos
 A cantiga dum tom: – *Em seu Alcipe
 Amarílis pensando, um tipe-tipe...*
 – Que rima! com desdém diz o censor.

Pois, meu caro senhor,

Fique sabendo

Que o não entendo;

E que os gostos difíceis de contento
 Por muito desgraçados os lamento.

J. I.

Os alforges

«Venham – diz Jove, um dia – quantos vivem,
 E ante os meus pés divinos compareçam.
 Se algum achar senão em seu composto,
 Sem susto o diga; e eu lhe porei remédio.
 Vem, mono – e eu sei porquê – fala ante os outros.
 Vê-me esses animais; suas belezas
 Compara-mas co'as tuas.
 Estás contente? – Eu, porque não? Não tenho
 Eu quatro pés, tão bons como esses todos?
 Ninguém pôs 'té'qui pecha em meu retrato.
 Quanto a meu mano, o urso, esse inda é esboço;
 Que nunca, a bem me crer, dirá que o pintem.
 Acode o urso, e o cuidavam
 Dar-se por agravado; foi engano:
 Que antes com muitos gabos
 De si, chascos lançou contra o elefante:
 «Massa informe que ele é, sem ar, sem garbo,
 Bem podiam cercear-lhe das orelhas
 Com que emendar-lhe o rabo.»
 O elefante, que o ouve,
 Dá, apesar da prudência que lhe imputam,
 Outras tais badaladas,
 Quando diz: que a baleia, por enorme,
 É para o prato seu manjar sobejo.
 Eis que Dona Formiga, que a respeito
 Do oução, se crê colosso,
 Guapa o tachou de anão. – Jove, que a todos
 Os viu de si contentes
 E a escarniçar dos outros, despediu-os.
 Ora é para contar, que entre os mais loucos
 Campou a nossa espécie.
 O Eterno Fabricante
 Os homens de outro tempo, e homens de agora
 Alfojeiros nos faz, num mesmo molde.
 Na sacola de trás, nossos defeitos
 Pôs, e na dianteira, os dos mais homens.

Filinto Elísio

O raposo e o lobo

Disse ao lobo o raposo: «Caro amigo:
 Um frangão magro, um velho galo, às vezes,
 É tudo quanto apanho. Francamente,
 Mereço mais. Com menos p'rito, o dente
 A melhor presa deitas. Junto às casas
 Tu rondas – e eu, de longe.
 Por fineza te peço
 Que a tua arte me ensines. Ser-te-ei grato.»
 Responde o lobo: «Seja!
 De meu defunto mano
 Encaixa-te na pele; desse modo,
 Mastins do gado afastarás de pronto.»
 Lições que o mestre dera aproveitando,
 Fez-se mestre o raposo. – Um belo dia,
 Passa um rebanho; o novo lobo o assalta
 E tudo assusta em roda!
 Pastor, gado, rafeiros vão fugindo!...
 Em penhor uma ovelha apenas fica;
 E o lobo a agarra! – Eis que ouve, de repente,
 Cantar vizinho galo...
 A ovelha esquece, larga a pele – e corre,
 A ver se o galo apanha!

Em nos contrafazermos, que lucramos?
 Na primeira ocasião que se ofereça
 O usado trilho repisamos sempre!

Sousa Carneiro

LIVRO DUODÉCIMO

1

O cão que pela sombra larga a presa

Um cão passando ia um rio a nado,
E levava de carne um bom bocado;
Viu n'água a sua sombra, e presumindo
Que era outro cão que dele ia fugindo,
E que presa maior inda levava,
Com fim de lha tirar se arreganhava.
Naquele abrir de boca lhe caia
A carne, e nem mais sombras dela via.

Couto Guerreiro

O doido e a sábio

Um doido, certo dia,
Às pedradas, a um sábio perseguia.
Diz-lhe este: «Amigo, fazes o que deves;
Aquí tens um dobrão: justo é que o leves;
Todo o trabalho é digno de salário.
Vês esse homem que passa? É proprietário;
Pode pagar-te bem. Com teus afagos
Vê se o convidas, que serão bem pagos.»
Engodado c'o prémio, o pobre louco
De o outro apedrejar tem o descoco;
Mas possante lacaio acode pronto
E às pauladas desanca o pobre tonto.

Não há no mundo poucos
Desta casta de loucos.
P'ra nos vingarmos deles,
É ter siso instigá-los
A brincarem com aqueles
Que podem com vigor escarmentá-los.

Silva Galão

O lobo pleiteando contra o raposo perante o macaco

Queixou-se uma vez um lobo
De que se via roubado,
E um mau vizinho raposo
Foi deste roubo acusado.

Perante o mono foi logo
O réu pelo autor levado,
E ali se expôs a querela
Sem escrivão, nem letrado.

«À porta da minha fuma,
Dizia o lobo enraivado,
Pegadas deste gatuno
Tenho na terra observado.»

Dizia o réu em defesa:
«Tu, que és ladrão refinado!
O quê? Se vives de roubos,
Podia eu ter-te furtado?

– Furtaste! – Mentas! – Não minto!»
Questões, gritos, muito enfado,
Já do severo juiz
Tinham a testa azoado.

Nunca Témis vira um pleito
Tão dúbio, tão intrincado!
Nem que pelos litigantes
Fosse tão bem manejado.

Mas da malícia dos dois
Instruído o magistrado,
Lhes disse: «Há tempo que estou
De quem vós sois informado:

Portanto, em custas em dobro
Seja um e outro multado,
E tanto o réu como o autor,
Por três anos degredado.»

Dando por paus e por pedras
O mono tinha assentado,
Que sempre acerta o juiz
Quando condena um malvado.

Curvo Semedo

A guerra dos ratos e das doninhas

Esguias doninhas, assim como os gatos,
 Têm tal ódio aos ratos,
 Que devem talvez
 Os míseros bichos aos seus buraquinhos
 Não ser, coitadinhos,
 Extintos de vez.
 Mas um rei dos ratos, amigo de brigas,
 Em eras antigas,
 Esquece o pavor,
 E tropas armando de agudas espinhas,
 Promete às doninhas
 Dar morte de horror.
 Também estas, bravas, bradaram: «À guerra!»
 Tremeu céu e terra
 Com tal confusão;
 E, tendo corrido o sangue em regatos,
 Ficaram os ratos
 Vencidos na acção.
 Foi grande a derrota! Qual deles mais fraco,
 O exíguo buraco
 Procura encontrar;
 E todo o ratinho soldado sem posto
 Fugiu que era um gosto,
 Podendo escapar.
 Mas todos os chefes, de grandes penachos,
 Sofreram empachos
 Tentando fugir;
 E em seus buraquinhos entrar não podendo,
 Ai! Foram morrendo
 Seu fado a carpir.
 Um vulto pequeno num canto se esconde,
 Mas raro vê onde
 Um grande senhor!
 Na rede, a pescada ou chora ou rezinga,
 Mas ri-se a petinga
 Do seu pescador.

J. I. de Araújo

O gato, a doninha e o láparo

Dona Doninha, em certa madrugada,
 Se apossou mui matreira,
 Do palácio dum láparo; – acto fácil!
 Que estava ausente o dono.

.....
 «Que é o que eu vejo, ó numes hospedeiros?»
 Diz, da paterna toca,
 O láparo esbulhado. «Olá, madama,
 Despeje, vá-se! (Moita.)
 Ou grito a quanto rato há nos contornos.»
 A dama nariguda
 Lhe torna que a terra é *primi occupantis*.

.....
 «Sem mais motim, por árbitro, o bichano
 Se escolha.» Era ele um gato
 Duma vida eremítica e devota,
 Dissimulado e sonso,
 Alma santa de gato, gordo e nédio,
 Grande e terciopeludo,
 E, em qualquer caso, julgador esperto.
 Por juiz o aceita o láparo.
 Ei-los ante a felpuda majestade,
 E bichano, que fala:
 «Chegai mais perto, ó filhos; que eu sou surdo,
 Males, que os anos trazem.»
 Chega um, chega o outro, nada receosos.
 Logo que os pleiteantes
 Viu junto a si, bichano, bom apóstolo,
 Finca dum lado e doutro,
 Unhas neste e naquele, e põe, mascando-os
 De acordo, os demandistas.
 Muito este caso quadra c'os debates
 Que às vezes têm com outros,
 Certos pequenos príncipes, que acodem
 Aos reis, que lhos decidam.

Filinto Elísio

6

O astrólogo

Astrólogo que um dia os astros consultava,
Caiu dum poço ao fundo. Alguém lhe diz: «Sandeu,
Pensas ler o que está escrito lá no céu,
E não viste, sequer, o que a teus pés estava!»

A.

A víbora e a lima

Encontrando uma víbora uma lima,
Em sinal de valor salta-lhe em cima,
E pôs-se a roer nela em muito siso.
A lima não podendo ter o riso,
Lhe dizia: «Que intento é o que trazes?
Que perrice imaginas que me fazes?
Com que roo eu o ferro, e és tão demente,
Que cuidas que me podés meter dente?»

Couto Guerreiro

O rato e o gato

Um gato, um mocho, um rato e uma doninha
Um velho tronco tinham por morada.
De rede armado, um homem se avizinha
E o gato pilha, certa madrugada.

Deste aos gritos, o rato acode pronto
E folga ao ver em laços o inimigo.
O gato ao rato diz: «Conto contigo
Para salvar-me, precioso amigo;

Da rede as malhas rói – e eterna aliança
Te juro desde já; doninha e mocho,
Que mal te querem, meterei na pança!»
O rato: «Eu libertar-te?!... Tó, carocho!»

Quer ao tronco. volver; mas a doninha
Encontra em baixo, e dá c' o mocho em cima.
«Dos males, o menor!», diz ele – e asinha,
Novamente do gato se aproxima.

Da rede as malhas rói uma por uma,
E solta o prisioneiro. Mas pilhados
Pelo homem são – e, logo, onde se suma
Procura cada um dos aliados.

Conseguiram fugir. – Passados dias,
Vê o gato de longe o rato alerta.
«Vem beijar-me!», lhe diz. «Eu?! –
Desconfias? A aliança prometida é mais que certa;

Imaginas-me acaso sem lembrança
De que abaixo de Deus te devo a vida?
– É bem tolo, o outro diz, quem crê na aliança
Que da necessidade foi nascida.»

F. C. Ribeiro do Amaral

«**Ne quid nimis**»

Criatura não vejo comportar-se
 Comedida: e em tudo há um temperillho,
 Que o autor da Natureza
 Quer que se guarde em tudo.
 Quem é que o faz? Ninguém. E que ora seja
 Em bem, ou mal, mui pouco assim sucede.
 O trigo – rico mimo
 De Ceres loura – as jeiras.
 Estanca, se é mui basto, e de ordinário
 Ao desferir-se, medra em folha inútil,
 Medra sobejo, e à espiga
 Sonega os alimentos.
 Assim das folhas dá contento o luxo
 Aos troncos. Mas a fim que emende o trigo,
 Deus consentiu que os gados
 Agorentem o excesso
 De pródiga seara. Ei-los que a esmo
 Arremetem c’o trigo e tudo estragam,
 Tosando tudo. – Aos lobos
 Deu largas, que trincassem
 Alguns deles, o céu. – Trincaram todos.
 Se o não fizeram, não lhes faltou gana.
 O céu disse aos humanos
 Que aos últimos punissem:
 E o home’ abusou do divinal mandado.
 Mais, que todo o animal, pendem os homens
 A cair nos excessos.
 Revelara pôr pleito
 A pequenos, e a grandes. Há vivente
 Que em sobejo não pegue? *Ne quid nimis*
 Tema é que anda na baila,
 Mas que nunca se observa.

Filinto Elísio

O leão, o macaco e os dois jumentos

Para bem governar, o rei das selvas
 Moral ciência quis – e o mono chama,
 Em artes mestre da animália gente.
 «Grande rei, diz o mono,
 Do Estado o zelo preferir vos cumpre
 A certo movimento
 Amor-próprio chamado. Isto fazendo,
 Nunca injusto sereis, nunca ridículo.»
 Responde o leão: «De o ser, exemplos dá-me.»
 E o mono assim prossegue:
 «Toda a espécie (e começo pela nossa)
 Trata as outras de resto; a mais perfeita
 Se julga sempre. Há dias,
 Pela estrada seguindo a dois jumentos
 Ouvi esta conversa:
*Injusto, meu senhor, não vos parece,
 E todo inda por cima – que profanem
 Os homens nosso nome, «asno» chamando
 A todo aquele que de tino é falto?
 – Não só profanam tão Augusto nome,
 Senhor!, o outro diz. Dum termo abusam,
 Que chamam «zurro» nosso riso e falas!
 – Parvos!, torna o primeiro. Porventura
 Do rouxinol a voz melodiosa
 À vossa é comparável? E o segundo:
 Há filomela que do vosso canto
 Invejosa não seja? – E nisto foram,
 Por vilas e cidades,
 Alto e bom som gabando-se os dois burros,
 Supondo que tão-só por se gabarem
 De honrarias coberta a espécie fosse! –
 Eis, senhor, do amor-próprio
 Exemplo bem frisante.
 A seu tempo virá o da injustiça.»
 Não veio nunca. – Bem sabia o mono
 Ser terrível monarca um rei das selvas!*

Alves Teixeira

O corvo arremedando a águia

Vendo um corvo voar com ligeireza
Uma águia, e em um cordeiro fazer presa:
«O que sabe!, dizia; e não eu, que ando
Cadáveres nojentos procurando!»
Pouco tempo depois, viu um carneiro
E saltou-lhe na lá muito ligeiro;
Ali presas as unhas lhe ficaram
De modo que o voar lhe embaraçaram.

Couto Guerreiro

O velho e seus filhos

Um velho, às portas da morte,
Tomou um molho de varas,
E a seus filhos, jóias caras,
Falou-lhes por esta sorte:

«Tendes forças a fartar;
E a todos quero influir
Para estas varas partir
Sem o molho desatar.»

Cheio de resolução,
Tomou o molho o mais velho;
Vergou-o sobre o joelho,
Mas viu que lidava em vão.

O mais novo, pulso forte,
Entra na empresa, arrojado;
Sua por um bom bocado,
E o molho da mesma sorte!

Todos eles, um por um,
Fizeram gemer o solho;
Mas não foi partir o molho
Para as barbas de nenhum.

O velho, com placidez
Logo o molho desatando,
E as varas todas quebrando,
Cada uma por sua vez,

O seu exemplo reforça
Com sentença de áureos brilhos:
«Sede unidos, caros filhos,
A união faz a força.»

J. I. de Araújo

Os dois papagaios, el-rei e seu filho

Dois loiros, pai e filho, dos assados
 De Sua Majestade
 Faziam seu repasto. Um pai e um filho,
 Terrestres semideuses,
 Aos dois pássaros tinham por validos.
 A idade atava entre eles
 Amizade sincera; amavam-se ambos
 Os dois pais, e os dois filhos;
 E, em despeito do frívolo carácter,
 Uns e outros congraçavam-se,
 Juntos na criação, juntos na escola.
 E que honras para os loiros!
 Que era monarca o pai, e o filho príncipe.
 Pela índole, que a Parca
 Lhes deu, amavam aves. Quinhão tinha
 Nas delícias, do príncipe
 Um pardal, mui galã, e o mais amante
 De toda essa comarca. –
 Um dia, que esses dois rivais brincavam,
 Como entre crianças se usa,
 Passou o jogo a bulha; pouco atento
 Fez o pardal colheita
 De certas picadelas, que o deixaram
 De asa caída e exânime.
 Julgaram-no sem cura. Irado o príncipe
 Deu morte ao papagaio.
 Chega o boato a el-rei. O infeliz velho
 Grita e se desespera,
 Em vão. Supérfluos gritos! – Já na barca
 O bem falante pássaro
 De viagem vai. E por melhor dizer-vos,
 Da ave, que é morta e muda,
 Cobra o pai tal furor, que vai-se ao filho
 De el-rei, cava-lhe os olhos,
 E põe-se em salvo. Toma por asilo
 O cimo dum pinheiro.
 Lá, no seio dos numes, quedo e forro,
 Saboreia a vingança.
 Corre el-rei em pessoa a acareá-lo:
 «Torna a palácio, amigo.
 Que val' chorar? Ponhamo-los à porta
 O ódio, a vingança, os nojos.
 Forçoso é que eu declare (bem que seja
 A minha dor bem agra)
 Que o agravo de nós vem; que foi meu filho

O agressor. Ruins fados
(Que não meu filho) os criminosos foram.
A Parca tinha escrito,
Em seu livro (eras há) que um filho nosso
Cegasse, e outro morresse.
Consolemo-nos ambos; torna a casa.
– Cuidas, senhor Monarca,
Que, após ultraje tal, em ti me eu fie?
Vens-me alegar c'os fados!
E nessa fé pretendes que eu ao logro,
C'o engodo dessa lábia,
Me entregue? Sejam Fados, Providência
Quem rege do orbe a andança;
No céu 'stá'crito que eu no cocuruto
Deste pinheiro, ou cima
Dalgum bosque, findarei meus dias,
Longe do aziago assunto
Que te dê justa causa a fúrias e ódios.

Filinto Elísio

O rendeiro, o cão e o raposo

As galinhas de um rendeiro
Tanto o raposo rondou,
Que uma noite, sorrateiro,
Na capoeira lhe entrôu.

O rendeiro, enfurecido,
Acusa, ao ver-se roubado,
O servo – por ter dormido,
E o cão – por não ter ladrado.

Diz-lhe o cão: «De que te queixas?
Pois queres que eu perca o sono,
Eu que de nada sou dono,
Se tu a dormir te deixas?»

Tinha decerto razão;
Mas... cão era, o desgraçado;
E pelo dono tratado
Por isso foi como um cão!

Pai de família quem for,
Só durma fechando a porta;
E se um negócio lhe importa,
Não tenha procurador.

Luciano Andrade

A rã e o touro

Certa rã viu um touro, e pretendendo
Igalá-lo em grandeza, foi bebendo,
A ver se inchando muito o igualava.
Um filho que loucura tal notava,
Lhe disse: «Minha mãe vai enganada,
Porque à vista de um touro sempre és nada.
Não vás bebendo mais; porque arrebatas
Primeiro que consigas o que intentas.»
A tudo se fez surda; e mais bebia:
Sucedeu como o filho lhe dizia.

Couto Guerreiro

O avarento e o macaco

Em contemplar as dobras que juntava,
Certo avarento a vida consumia;
Mas um mono terrível possuía
Que, da janela, ao mar as atirava.

Quando comparo os gostos de seu dono
E os brincos do macaco – francamente,
Acho o segundo mais inteligente,
E a palma eu não hesito em dar ao mono.

Avelino Abrantes

Sonho dum habitante de Mogor

Certo mogor, há tempos,
 Viu um vizir (em sonho),
 Nas elísias campinas
 Desfrutar um deleite
 Puro, quanto infinito
 Em valor, como em dura.
 O mesmo sonhador
 Viu, em dif'rente sítio,
 Um ermitão, ardendo
 Em circunfusas chamas,
 Que entranharia dó
 Nos próprios desgraçados.
 Desordinário e estranho
 Lhe pareceu o caso.
 Dava ares, que esbarrara
 Minos, nesses dois mortos.
 Desperta-se assombrado
 O dormidor; suspeita
 Contudo ali mistério.
 «Não pasmes – disse o intérprete –
 Se em sonhos tino eu tenho,
 Conceito há no teu sonho.
 Aviso há i dos numes.
 Enquanto andou no mundo
 Esse vizir, às vezes,
 A solidão buscava,
 Talvez o ermitão ia
 Fazer aos vizir's sala.»
 Se eu ao dito do intérprete
 Juntar ousasse um ponto,
 Inspirara um retiro;
 Retiro, que ama o sábio;
 Que of'rece aos que bem o amam,
 Bens puros, dons, que o céu
 Faz, que ante os pés lhe brotem.

Filinto Elísio

O hortelão e o senhor da aldeia

Um hortelão possuía
Horta rendosa e bonita,
Onde uma lebre maldita
Tudo pisava ou comia.

Sendo ruim caçador
O pobre do hortelão,
A reclamar protecção
Corre da aldeia ao senhor.

De servos e cães à frente,
Este lhe acode ligeiro.
Mas do que tratam primeiro
É de almoçar lautamente.

Bebem, riem, pedem beijos
À filha do hortelão,
E as coisas muito não vão
Deste conforme os desejos.

Começa enfim a caçada,
E mais ainda as entorta,
Pois tudo estragam na horta
Sem ser a lebre agarrada!

Bem raro sucede menos
(E às mil as provas se dão)
Quando aos grandes protecção
Pedem sob'ranos pequenos.

Alberto França

Os deuses que se oferecem a instruir o filho de Júpiter

Um filho teve Júpiter,
 Que sentindo a alta origem donde vinha,
 Dum deus tinha a alma *in totum*.
 Dizem: *Nada ama a infância*; a do deusinho
 Punha o seu mor empenho
 Nas doçuras do amar, de agradar todos.

.....
 Mais que sobrado engenho,
 Para tudo aprender tinha o menino.
 «Quero – dizia Marte,
 Eu mesmo ensinar-lhe a arte, que granjeara
 As honras deste Olimpo,
 A muito herói e a soma dos Celícolas
 Nos avultaram.» – Febo
 O louro e douto Febo disse: «Eu mestre
 Lhe quero ser da lira.»
 Alcides leonipele: «Eu, a mim tomo
 Mostrar-lhe a domar vícios,
 Vencer ímpetos, monstros venenosos,
 Que, como hidras, pululam
 No peito, sem cessar. De mim aprenda
 A ter ódio a branduras,
 A delicias; e encete as mil trilhadas
 Veredas, que encaminham
 As honras, pelo trilho das virtudes.»
 Eis chega o deus de Gnido:
 «A mim só cabe doutriná-lo em tudo.»
 Tinha razão Cupido.
 Queira o Engenho agradar, vencerá tudo.

Filinto Elísio

A lebre e a perdiz

No campo, entre matos, que à farta as nutriam,
 Contentes viviam
 A lebre e a perdiz;
 Mas fera matilha de cães aparece,
 E toda estremece
 A lebre infeliz!
 «Pés, para que vos quero!» E quase os desloca
 Fugindo prà toca,
 Que abrigo lhe dá. –
 Os cães atrás dela, seguindo-lhe a pista,
 Passaram revista
 Aqui e acolá...
 Mas, cães de bom faro e de óptima raça,
 Disseram: «A caça
 Está perto de nós!...
 Da fome apertada, esperemos que saia;
 Depois, tudo caia
 Sobre ela veloz!»
 Notando esta cena que à lebre embaraça,
 Lhe diz por chalaça
 Madama perdiz:
 «Tivesses tu asas!... como eu te elevaras,
 E então a pregaras
 Dos cães no nariz!»
 Mas tendo mostrado de siso tal míngua,
 Pagou pela língua
 (Sucede, sabeis!)
 Não vira a pateta que para seus danos,
 Havia milhanos
 De garras cruéis!

J. I. de Araújo

Obra digitalizada e revista por Ernestina de Sousa Coelho. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2001

<http://www.ipn.pt/literatura>
